

A DEFESA NACIONAL

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Lima Figueirêdo

GERENTE:

João Baptista de Mattos

ANNO XXI

Brasil — Rio de Janeiro, Fevereiro de 1935

N.º 249

SUMMARIO

LITERATURA — HISTORIA — GEOGRAPHIA — SCIENCIA

| | Pgs. |
|--|------|
| Na Escola do Estado Maior — Discurso pronunciado pelo Cap. Aluizio de Miranda Mondes no dia do encerramento do curso da E. E. M..... | 125 |
| O sorriso — <i>Coronel Doury</i> | 133 |
| Resumo historico da formação geographica do Brasil — <i>Cap. Lima Figueiredo</i> | 135 |
| Actualidades científicas — <i>Maj. Jayme de Almeida</i> | 142 |

SECÇÃO DE INFANTARIA

| | |
|--|-----|
| Lendo a Revista de Infantaria Franceza — <i>Maj. F. Brayner</i> | 155 |
| A figuração dos fogos de Infantaria e Artilharia nos exercícios de combate do pelotão. Figuração da Aviação — <i>Ten. Nelson de Carvalho</i> | 162 |

SECÇÃO DE CAVALLARIA

| | |
|--|-----|
| Viatura para o transporte da metralhadora na cavallaria..... | 169 |
| A instrução moderna de cavallaria allemã — Traducção do <i>Cap. Baptista Gonçalves</i> | 172 |

SECÇÃO DE ARTILHARIA

| | |
|---|-----|
| O tiro com munição toxica — <i>Ten. H. O. Wiederspahn</i> | 175 |
|---|-----|

SECÇÃO DE ARTILHARIA DE COSTA

| | |
|--|-----------|
| O "Centro de Instrucção de Artilharia de Costa" — <i>Maj. Bina Machado</i> | Pags. 185 |
|--|-----------|

SECÇÃO DE VETERINARIA

| | |
|-------------------------------------|-----|
| O stud book do cavallo crioulo..... | 201 |
|-------------------------------------|-----|

SECÇÃO DE ESTUDOS SOCIAES

| | |
|--|-----|
| Constituição burgueza — <i>Cap. F. Correia Lima</i> | 207 |
| As relações possíveis entre a religião e o estado, — <i>Benito Mussolini</i> | 210 |

SECÇÃO PEDAGOGICA

| | |
|--|-----|
| A psychologia e o exercito — <i>Cap. João Ribeiro Pinheiro</i> | 215 |
| O official e a educação moral — <i>Gen. von Kressenstein</i> | 216 |
| O official e a educação política — <i>Oliveira Vianna</i> | 217 |
| O Cinema e a pedagogia — <i>Serrana e Venancio</i> | 218 |
| Escola de Infantaria — Actividades do anno de 1934..... | 219 |
| Escola de Artilharia — Actividades do anno de 1934..... | 220 |

VARIEDADES E NOTICIARIO

| | |
|---|-----|
| Bibliographia..... | 226 |
| A guerra no Chaco..... | 227 |
| Attingido pela compulsoria o General Weygand..... | 229 |
| Liga das Nações..... | 229 |
| O padrão ouro..... | 230 |
| Aviadores ou suicidas?..... | 231 |
| Como devem ser conferidas as ferias..... | 232 |
| O cathedra e os militares..... | 233 |
| A nova missão militar francesa no Brasil..... | 234 |
| Livro novo..... | 235 |
| Boletim Colombophilo..... | 239 |
| Representantes..... | 245 |

Literatura

Historia

Geographia

Sciencia

« Minha gloria não consiste nas quarenta vitorias, nem no facto de ter imposto minha vontade aos reis. Waterloo apagou a lembrança de muitas vitorias. O ultimo acto fez esquecer o primeiro. Mas, o que nunca ha de desapparecer, serão meu Codigo Civil, as actas das secções do Conselho de Estado, minha correspondencia com os meus ministros... Bastou meu Codigo, por sua simplicidade, para beneficiar muito mais a França do que a massa de todas as leis que me precederam. Minhas escolas, meu ensino mutuo prepararam gerações desconhecidas ».

NAPOLEÃO.

« Ao nosso ver a chave mysteriosa das desgraças que nos affligem, é esta e só esta: a ignorancia popular, mãe da servilidade e da miseria. Eis a grande ameaça contra a existencia constitucional e livre da nação; eis o formidavel inimigo, o inimigo intestino, que se asyla nas entranhas do paiz ».

RUY BARBOSA.

N O C H A C O



Ao alto: Depois de uma chuva torrencial as estradas se transformaram em pantanos. Em baixo: O calor e a humidade mumificam os mortos.

Na Escola do Estado Maior

Discurso pronunciado pelo Cap. Aluizio de Miranda Mêndes,
no dia do encerramento do curso da E. E. M.

Meus Senhores:

Quiz a generosidade dos meus dignissimos collegas — os officiaes superiores e capitães, — que ora concluem o curso da Escola de Estado Maior no corrente anno, que fosse justamente eu quem devesse interpretar nesta solemnidade militar os seus sentimentos, apresentando a illustre direcção desta Casa e ao seu não menos illustrado corpo docente, as nossas despedidas e os nossos sinceros agradecimentos pelo acrisolado devotamento e a magnifica abnegação com que todos se houveram indistinctamente durante estes tres longos e ininterruptos annos de estudos militares, no espinhoso mistér de nos transmittir os fundamentos primeiros da difficilima arte e sciencia da guerra.

Não sei como hei-de desobrigar-se de tão honrosa quão delicada incumbencia. Cabe-me, com effeito, um duplo agradecimento: — dum lado, a vós meus queridos mestres e directores espirituales e de outro lado, a vós outros meus caros camaradas, pela commovedora prova de affecto que vindes de dar escolhendo-me vosso interprete nesta solemnidade por todos nós tão almejada. Para dignamente agradecer-vos a prova de confiança e de fraternal amisade que me destes, quizera poder dizer, com palavras e expressões que fossem a fiel traducção do meu pensamento, todo o enlevo e todo o desvanecimento que ella me causa e me proporciona até a emoção.

Bem méço a immensa responsabilidade que encerra esta pesadissima tarefa.

De facto, a minha missão não é tão sómente de rememorar deante de vós o que foi na realidade este laborioso curso que encerramos nesse instante; de expor-vos aqui os nossos momentos de alegria e de contentamento bem como tambem os innumeros pequeninos sofrimentos e as innumeraveis difficuldades que tivemos de atravessar, — não se trata, pois, agora de recapitular estes minutos "trágicos" e verdadeiramente angustiosos passados deante da carta impassivel e imperturbavel dos nossos jogos da guerra, quando nos era imposto reviver pela imaginação estas multidões de homens — *das órdas azuis e vermelhas*, na sua eterna luta, nas suas concentrações e reuniões, nos seus movimentos de larga

envergadura nos refluxos das batalhas, nestas marchas penosas no rumo do desconhecido..., em que nossa imaginação febril e superexcitada devia tudo architectar e tudo crear, inclusive esta terrível realidade do campo de batalha moderno onde os miserios combatentes começam, desde muito longe — na retaguarda da zona de frente, a experimentar a serie immensa e interminavel dos seus horriveis padecimentos. Segui commigo pela imaginação, por alguns instantes sómente, a via sacra que deve trilhar o combatente moderno e vereis então, Senhores, — sem nenhum exagero, que reviver em todos os seus minimos detalhes esta dura realidade, é quasi que fazel-a ou vivel-a tambem, talvez com mais intensidade, com mais emoção do que o proprio combatente que não vê, que não sente esta pequenina parcella de terra onde vae desenrollar-se este grande drama, onde elle deve se agitar constantemente conduzido por um poder estranho e magico, por uma força formidavel, — a disciplina sob todos os seus aspectos, a obediencia cega estribada na confiança nos Chefes, disciplina que, diga-se de passagem, deve existir não sómente no seio da força armada, mas, tambem, meus Senhores, dentro da propria Nação, dentro da grande collectividade, porque felizmente a historia nos prova que os grandes povos que existiram e os que existem actualmente, são collectividades nas quaes a sociedade é organizada sob a fórmula de sociedades que se podem perfeitamente denominar de *sociedades de rendimento*, isto é, nas quaes o individuo desaparece completamente deante da personalidade do Estado, *verbi gracia*, em face das suas autoridades e do seu corpo de leis. Acompanhemos, pois, o nosso combatente que parte compenetrado da nobreza do seu dever e escudado pela grandeza da sua elevada missão. Partamos desta retaguarda longinqua e tomemos, por exemplo, este tipo ideal de combatente que é o soldado de infantaria:

Sobrecarregado — na sua humilissima qualidade de caminheiro — com a sua pesada mochila, com o seu armamento individual, o nosso infante começa por gastar as suas forças caminhando horas a fio, extenuando-se nesta passeata sem fim sobre esta estrada interminavel que renasce a cada meandro, mais difícil de progredir, mais longa em percorrer e assim lá se vae o nosso infante arrastando-se sobre este dedalo de estradas infindaveis, afim de transportar-se, com o moral elevado, para o terreno da luta. Chegado nas proximidades do inimigo, do campo de batalha, — *land no man*, a terra onde não existe vida, a infantaria progride percorrendo uma zona semeada de obstaculos de toda especie onde a ameaça paira no ar e em cada canto a morte o espreita, nesta zona terrível onde tambem existe, quasi sempre, as tragicas zonas cobertas de gazes nocivos e, assim inteiramente acuada pela aviação de batalha e pela artilharia inimiga ella avança penosamente, prudentemente, ora parando aqui para restabelecer a ordem, a cohesão e os reajustamentos de fogos indispensaveis, ora avançando ali eu se infiltrando acolá para

poder manobrar, assim vae o nosso infante nesta especie de sangrenta ascenção para attingir emfim o dever e a gloria.

Mas, é preciso marchar e marchar sempre... o ataque progride (e estamos aqui, meditae, no caso mais favoravel em que as suas penas são grandemente attenuadas pela elevação moral, pelo sucesso), é preciso marchar, transportar-se com o moral elevado com armas e bagagens para as proximidades immediatas do inimigo, para esta zona infernal dos tiros ajustados do adversario onde sua marcha é consideravelmente diminuida e onde as suas fadigas augmentam assustadoramente. E' o preludio do pandemonio, — o Cahos que desce sobre a Terra... No meio da fumaça, o barulho ensurdecedor da metralha que não para, do canhão que rosna tragicó e terrível, os gritos de dores, os appellos de soccorros, os nomes de entes queridos que surgem nos estertores da agonia, as imprecações do odio, os amigos cortados pela metralha, os camaradas esmagados pelos obuses e os Chefes que desapparecem no turbilhão medonho da batalha... ou que param estarrecidos em busca de ar puro que reanime os seus pobres corpos extenuados, exangues. Ironia do destino ! Inspiração mortal ! tudo conspira contra a sua pobre existencia; na atmosphera traiçoeira a yperite, o fosgenio ou o cyanogenio vão direito coroer-lhe os pulmões debilitados e o nosso infante de quem assistimos os transes difficéis, a par da grande energia physica que necessita para arrastar-se até ao objectivo que lhe é assignalado, deve ainda, para cumulo de todos os infortunios, presenciar este espectaculo dantesco, assistindo impotente os seus camaradas e amigos, num derradeiro suspiro, exalar com a alma martyrisada os pulmões derretidos por causa deste crime nefando que são os gazes suffocantes applicados como arma de guerra. E é justamente ahi que começa para elle o seu calvario. E' preciso attingir a méta que os seus Chefes, por nosso intermedio, como seus auxiliares directos, impõem-lhe em nome da disciplina e dos sagrados laços da subordinação militar. E a partir dahi, então, começa a infantaria a serpear na sua estafante marcha rastejante, por lanços, de objectivo em objectivo, obrigada pela necessidade do aperto de mão que lhe vem dar a sua irmã gemea — a artilharia — *de horizonte visivel em horizonte visivel...*

E para cumulo de todas as miserias — ha ainda os imponderaveis que a penna a melhor exercitada não poderia traduzil-os nem definil-os, as miserias moraes das quaes o medo, o apego á vida e aos seus bens dentre os quaes a affeção á familia é um dos mais fortes, são outras tantas lutas, élicas tambem, do dever contra o direito e do direito contra a lei. "Dura lex..."

As forças armadas, meus senhores, são no combate a propria nação em armas, a multidão que vive e que soffre, no grande inconsciente das multidões, porém, que sabe se bater heroicamente e morrer no anonymous o mais glorioso possivel.

Perdoae-me se attrahi a vossa attenção para este quadro macabro, este doloroso espectaculo que representa uma batalha moderna. Filo propositalmente, na rude linguagem do soldado, com o fim de vos mostrar que o objectivo ultimo desta Escola sendo, como vós bem o sabeis, — *a guerra, a preparação para a guerra*, — nós que neste instante vamos ser devolvidos ao seio augusto do Exercito Nacional, afim de engrossar a phalange dos officiaes que de ha 14 annos para cá honraram está Escola prelustrando os seus bancos e que hoje constituem os seus mais autorisados technicos e Chefes, — *Chefes autorizados do dever cívico da guerra*, — nós que conhecemos em todas as suas minucias a malvadez dos actuaes meios de destruição que a sciencia põe involuntariamente nas nossas mãos, nós jamais seríamos (ficae bem certos e seguros) os provocadores da guerra, os seus instigadores, os autores materiaes ou intellectuaes de tão grande quão tetrico cataclysma. Fiel porém, a crença inabalavel de que a vida é uma lucta, confiante nos preceitos scientificos que me demonstram até á evidencia, que a guerra é a mais natural de todas as funcções, uma função ao mesmo tempo social e biologica indispensavel a existencia de todo ser vivo, claramente provada desde este simples quão mysterioso phenomeno da phagocytose até ás transcendentas relações sociaes em cuja base ha muito egoismo vasado na maior ou menor capacidade de prejudicar inherente a cada um de nós, — sou infelizmente forçado pelas imposições cathegoricas da sciencia e dos factos, mau grado os philosophos, os amigos da paz universal, deplorarem este ardor bellicoso que impelle os povos uns contra os outros, esquecidos talvez de que a propria vida é a guerra, a admittir de acordo com um grande pensador francez, Maurice Barrès, que a guerra na sua essencia é justa porque, como muito bem diz elle “*cette loi si terrible de la guerre n'est qu'un chapitre de la loi générale qui pese sur l'univers... La terre entière continuellement imbibée de sang, n'est qu'un autel immense où tout ce qui vit doit être immolé sans fin, sans mesure, sans relâche, jusqu'à la conommation des choses... La guerre est donc divine en elle-même puis que c'est une loi du monde*”.

As guerras entre as nações me parecem, pois, inevitaveis, porque se o sonho dos pacifistas se realizasse, seria num curto prazo — segundo a abalisada opinião de um dos mais proiectos biologists do mundo, o Sr. Felix Le Dantec, o fim mesmo da humanidade.

Ora, meus senhores, num estudo recente que fiz, seguindo de muito perto as pégadas de um dos mais eminentes historidores da actualidade, o grande historiador inglez, Sr. Wells, verifiquei, não sem grande espanto, que desde 9.000 annos antes de N. S. JESUS CHRISTO, data em que se tem noticias dos primeiros factos da historia do mundo antigo com um certo cunho de veracidade, até aos nossos dias, que a humanidade vem luctando sem descanso, quasi quotidianamente, em busca

deste ideal supremo que é o da sua unidade moral e todas as tentativas, sem excepção, foram infructiferas e naufragaram no sangue. E a prova eloquente disto é a recente estatística publicada no mez de julho do anno que ora se finda, pela respeitavel *Sociedade de Direito Internacional*, com sede na EUROPA, na qual se verifica que durante o decorrer dos 34 ultimos seculos, foram assignados nada mais nada menos do que 8.000 tratados de paz e que a duração média de taes tratados nunca ultrapassou cerca de 2 annos de vida real. Essa mesma estatística nos ensina ainda que, durante estes 34 seculos a paz não reinou — dum modo geral — senão durante o curto lapso de tempo de cerca de 268 annos apenas! Alem disto, esta mesma estatística nos mostra ainda outro lado desolador da questão, constatando em toda a sua brutal realidade que no dominio das relações dos povos uns com os outros, a humanidade não o tivera nenhum progresso sensivel relativamente ao que ella era a cerca de 3.000 annos passados. Assim sendo estou, pois, absolutamente convencido de que os periodos de paz, quando não são perturbados pelas commoções intestinas, symptomas patentes de debilidade e fraqueza, são estados anormaes nas vidas dos povos.

Em taes condições, propondo-se justamente a *educação moderna*, a elevação moral do homem tornando-o naturalmente apto ao prehenchimento espontaneo de todas as suas funções sociaes; fundando-se esta mesma *educação moderna* no espirito scientifico e por conseguinte num conjunto de factos que todos nós podemos verificar diariamente nos mais triviaes momentos da nossa existencia e cujo resumo é, em *ultima ratio*, a do cultivo do sentimento moral por excellencia, o *dever*, creio mui firmemente, inculcado pelos sagrados principios religiosos que a bonissima religião do CHRISTO sempre me inspiraram desde a infancia, que num futuro talvez não muito remoto, a humanidade consiga este *desideratum* sublime realisando a sua tão desejada unificação moral. Até lá, porém, o nosso dever — esta função realisada pelo mais livre e o mais dominante de todos os nossos orgãos, o *cerebro*, resultante directa do concurso da intelligencia, que nos demonstra as leis da vida e as leis que regem os nossos nobres sentimentos, o nosso dever, repito, é de preparar conscientemente a guerra se sinceramente aspiramos a paz.

Nobre foi, pois a vossa missão, meus caros professores, — officiaes francezes e officiaes brasileiros — e a vós muito deve o Exercito Nacional. Vós fostes os nossos educadores. Attingistes o fim que a Nação vos outorgara. Porque, com efecto, educar um individuo é transformal-o; é modificar o seu caracter, os seus sentimentos, os seus conhecimentos e as suas aptidões physicas num certo e determinado sentido. E' passar dum estado bem caracterisado e muito bem definido por um certo valor e certas inclinações para um outro estado devidamente bem caracterisado e sufficientemente bem definido por um outro valor e outras ten-

dencias. Eis ahi em que consistui o vosso labor silencioso, porém, proficuo. Fomos por vós transformados e esta transformação consistiu em nos inculcar os verdadeiros principios da meritória arte de commandar.

Como, pois, vos agradecer dignamente tão relevante serviço? — Sinceramente não sei como poder responder. Que o Exercito vos fique devedor e a Patria reconhecida.

Portadores desse diploma que a Escola de Estado Maior do Exercito vem de nos conferir, em seguida ao curso rigoroso e severo dirigido por vós e digna e criteriosamente seguido por nós, nesta ultima e derradeira etapa da nossa natural selecção, somos hoje finalmente *titulados* e a significação deste diploma é:

“Confiança inteira e plena responsabilidade”.

Sim, meus Senhores! — diariamente entregaes a vossa preciosa existencia à discreção absoluta dos navegantes de toda e qualquer especie, dos chimicos, dos engenheiros, dos medicos, dos pharmaceuticos ou dos bachareis, aos governantes e a todos os homens, em summa, cuja autoridade se funda tão sómente na crença de possuirem sciencia e moralidade. Porque não confial-a tambem, durante a guerra, com inteira e absoluta confiança, aos nossos grandes Chefes militares que possuem a sciencia que lhe confere esse diploma e a moralidade comprovada por uma vida sem macula e pela responsabilidade que assumimos quando aceitamos livremente o exercicio do nosso sagrado dever militar?

E' indubitavel que para dirigir todas as operações militares, para conduzir as batalhas modernas — tão complexas e tão variadas, é preciso um *Chefe* que possua *devotamento, caracter, intelligencia e saber* porque como bem dizia o General LANREZAC, na guerra só se faz o que se aprendeu no tempo de paz, facto que o Marechal FOCH tão bem focalisara no seu admiravel livro “Principios da guerra”: “La réalité du champ de bataille est qu'on n'y étudie pas; simplement on fait ce que l'on peut pour appliquer ce que l'on sait. Dès lors pour y pouvoir un peu il faut savoir beaucoup et bien”. e em outro local, o grande Marechal de VICTORIA nos ensina que “les grands résultats à la guerre sont le fait du commandement. Aussi est-ce à juste titre que l'histoire porte au compte de la mémoire des généraux les victoires pour les glorifier, les défaites pour les déshonorer. Sans commandement, pas de bataille, pas de victoire possible”.

Ora, meus senhores, assim sendo somos hoje qualificados os auxiliares impessoaes e tambem os unicos autorisados a assitir o Commando nas suas multiplas investiduras. Este diploma nos confere, pois, um cargo e uma função, porém, meus caros camaradas de turma, não esquecerei jamais que não é absolutamente o cargo ou a função que eleva o homem, é o homem, pelo seu valor e pela sua honradez quem eleva e enobrece o cargo que exerce. Não carece, no Exercito, exemplos disto e esta Escola

pelo seu insigne Commandante — o nosso brilhante Chefe e amigo, o Sr. Cel. LEITÃO DE CARVALHO e os seus dignos auxiliares podem servir-nos perfeitamente de padrão.

A nós, portanto, de dignificarmos o nosso diploma, de acordo com as tendencias e os pendores que nos deram a convivencia nesta Casa, pela continuaçao dos nossos esforços sempre na mesma direcção. O nosso successo depende disso; elle não se obtém senão pela continuidade dos esforços num só rumo — segundo uma mesma directriz. O successo na vida só se obtém por este preço. A actividade assim orientada implica, porém, na meditação profunda e na observação pertinaz de todos os instantes. Os grandes homens dynamicos como, por exemplo HENRIQUE IV, NAPOLEÃO, CAXIAS, Lord KITHCNER e tantos outros reflectiram sempre longa e maduramente, antes de agir, ou por si proprios ou por intermedio de seus ministros ou officiaes de estado-maiores. A meditação methodica é, pois, o acto preparatorio de toda acção consciente. Quem não medita, quem não tem sempre presente deante dos olhos *o fim geral a prosegui*r, quem não procura assiduamente *os melhores meios* para attingir *os fins parciaes*, (1) quem não compara escrupulosamente as possibilidades dos meios com as necessidades a satisfazer, torna-se fatalmente o joguete das circumstancias e, ao envés de dominar os acontecimentos, são por elles esmagados: o imprevisto perturba e nos obriga a todo instanté a contra-marchas que nos fazem perder *o eixo dos nossos esforços* — a direcção geral. A acção, carcteristico essencial de todo Chefe militar, deve, por conseguinte, surgir immediatamente após a reflexão, a meditação: Só, — esta ultima não é sufficiente, embora ella seja a condição necessaria de toda vida activa e fecunda.

Este diploma nos revella, pois, um pouco os segredos dos DEUSES da guerra e ha-de nos conduzir até ás altas espheras do Commando.

Temos uma unidade de doutrina da guerra para a conduçao das massas de homens postas pela Nação em armas, nas mãos dos Chefes e um methodo seguro para nos guiar na busca da Victoria, methodo scientifico que impedirá as improvisações ou as soluções de afogadilho, applicação pura e simples do espirito á coisa, sorte de alavanca que, como sentenciosamente dizia o grande ARCHIMEDES, si lh'a dessem uma e um ponto de apoio, elle se proporia a levantar o mundo. Foi com esta alavanca magica que o maior de todos os Capitães de todas as epochas, levantara a EUROPA inteira e o glorioso Exercito Francez trilhara, em todos os azimuths, numa passeata memorável — todas as estradas do velho mundo.

Mas, é preciso que o methodo seja, de facto, uma alavanca e não uma ficção.

(1) o que nós denominamos na nossa terminologia particular de *objectivos successivos*.

Munidos desta verdadeira alavanca partimos d'aqui, cheios de saudades, tendo por fanal uma só ambição: o amor ao trabalho e a sempiterna recordação deste templo onde se aprende a bem servir e a amar a Patria acima de tudo. De facto, a vida é tão sómente o passado e o futuro. Nós vivemos, dizia um dia o principe dos nossos poetas, da lembrança e da esperança, entre a saudade e a ambição.

A cata dessa grandiosa ambição sejamos, pois, todos felizes.

Sêde felizes, vós todos que me ouvis, sêde bastante felizes.

Sêde felizes para o vosso proprio bem e para o bem da Patria e da Republica:

"O serviço militar não sómente educa nos povos a capacidade para se defenderem, como tambem desenvolve, alem disso, de um modo geral, a sua personalidade moral e intellectual para as tarefas da paz. Educa tambem no momento o dominio de si mesmo e o emprego e desenvolvimento de suas forças. Estimula a capacidade intellectual, sua independencia e discernimento, o sentimento de ordem e a subordinação a um fim *commun*; desperta a confiança de cada um em si em seu proprio valor e robustece desse modo todas as finalidades physicas e moraes que formam a parte essencial da vida.

BERNHARDI.

No anno 256 os Persas empregavam um processo engenhoso para destruir as muralhas das praças fortes: Faziam galerias com caixilhos de madeira e em seguida lançavam fogo ao madeirame, enquanto o fogo lavrava, os sitiantes dançavam em redor da fortificação. Isto fazia crer aos sitiados que as muralhas haviam ruido por vontade divina.

O SORRISO

*"Et maintenant, messieurs, pour mot
d'ordre — le sourire, . . ."*

Coronel Doury

Em Cauroy, junto a Reims, madrugada de outomno,
O regimento dorme o seu ultimo sonno . . .

Mas em quanto, ao relento, o regimento dorme,
Treme o valle em redor ao peso desconforme
Das vagas allemães, que, em preia-mar fervente,
Entram o solo patrio, interminavelmente !

Na Belgica ruiu o ante-mural dos peitos;
A fronteira partida, os reductos desfeitos.
O chão revolto, o espaço em chamma, a agua, abrazada !
De heroicas tradições não resta mais nada ! . . .

Agora, em torvelins de fogo, a morte dansa
Sarabanda infernal pelas terras de França !

De subito — um tropel ! Alguem chega. "Sentido !
Quem vem lá ?" — Camarada ! — E sobre a sella erguido
O general assoma ao cimo da trincheira:

"Doury, pobre Doury, por traz d'aquella poeira
Que em nuvens se levanta, o inimigo, mais forte
Vinte vezes que nós, avança . . . Até á morte
E' mistér defender a passagem, ouviste . . ."

Se triste isto profére, ainda parte mais triste...
 Num gesto militar o coronel se apruma,
 Já se lhe turva o olhar, mas vê, uma por uma,
 As filhas e a mulher, que em grupo airoso e lindo,
 Entre nevoas pairando, o contemplam, sorrindo !

Então, põe-se, a scismar, extactico, indeciso,
 Respondendo á Visão — tambem por um sorriso !

Nisto um obuz explode, e o fracasso medonho.
 Abalando o arredor, desperta-o deste sonho:
 “— Os homens da vanguarda o pó da estrada mordem,
 Coronel !” — E elle freme ! — “Aqui estou; qual a ordem ?”
 O ajudante lhe diz. E elle, erecto, a fremir,
 Lembrando a Apparição: — “A ordem ? !... E' sorrir...”

O capitão se aparta; a pelleja se trava:
 Sobre o campo francez começa a chover lava:
 Torrentes de metralha e estrondeiros de bomba
 Rompem o ar. Alli — é uma fila, que tomba !

Além — um batalhão que se fracciona todo !
 E cada combatente é fumo, sangue, lodo !

Em doida arremettida a guarda agora arranca:
 E a aurora rubra, o céu azul, a nuvem branca,
 Dos que jazem por terra, avivam na lembrança,
 — Desdobrado no espaço, o pavilhão da França !

E a ordem foi cumprida: — Ao despontar do dia,
 Varado o coração, cada morto sorria !...

GOULART DE ANDRADE

Resumo Histórico da formação geographica do Brasil (1)

Cap. LIMA FIGUEIRÉDO

I — As riquezas do Oriente. Todos os povos europeus disputavam aos mulusulmanos os perfumes, as sêdas e as especiarias.

Dois eram os caminhos por onde essas preciosidades se escoavam: um terrestre e outro marítimo.

O terrestre ou **caminho da sêda** era feito em lombo de camellos através da Ásia Central e terminava no mar Negro. Ahi eram embarcadas em navios genovezes: a sêda e a porcelada oriundas da China, os perfumes da África e as perolas, o marfim e os tecidos da Índia.

O caminho marítimo ou das especiarias era feito pelo oceano Índico até Berenice no mar Vermelho, onde se organizavam enormes caravanias que venciam o percurso até Alexandria no Egypcio. Neste bello porto abordavam os navios venezianos afim de carregar as especiarias provenientes da rica ilha de Sonda.

Todo o commercio do Oriente era feito através dos mulusulmanos e italianos.

Vendo o infante D. Henrique de Portugal que era impossível conseguir a hegemonia do commercio no Mediterraneo, resolveu ir buscar os preciosos productos orientaes, percorrendo o mar immenso em procura de uma rota incognoscivel.

II — Escola de Sagres. Na ponta de terra mais saliente e mais meridional de Portugal denominada cabo de S. Vicente, o infante D. Henrique, o Navegante, fundou uma es-

(1) Contribuição para o exame de admissão à E. E. M.

cola de navegação. Esta escola recebeu o nome de Sagres em virtude de ter sido estabelecido na aldeia do mesmo nome.

A partir de 1419, os mares foram sulcados, aumentando-se anualmente a etapa a percorrer. De etapa em etapa, chegaram os lusitanos, depois de 14 anos de lutas, ao cabo Bojador. O avanço das naus portuguezas continuou a ser minguado. Foram attingidos: o cabo Verde, em 1447; a fóz do Congo, em 1485; o cabo das Tormentas ou da Bôa Esperança, em 1487.

Em 1498, isto é 79 anos após a fundação da escola, Vasco da Gama consegue levar sua frota a Calecut, nas Índias.

A medida que os navegadores iam descobrindo terras, a diplomacia portugueza ia garantindo a posse das mesmas. Assim conseguiram, pela bulla de 18 de junho de 1452 do papa Nicolau V, o direito de conquistar as terras habitadas pelos infieis e de escravizar seus habitantes. Outra bulla do mesmo pontífice foi conseguida em 8 de janeiro de 1454, a qual assegurava a Portugal o direito de posse das terras situadas ao sul e a leste da Guiné.

III — A descoberta da America. Após uma longa viagem de 75 dias, o genovez Christovam Colombo aportou á ilha Guanahani do archipelago das Lucayas em 12 de outubro de 1493.

Ao receber, de volta, o famoso descobridor, D. João II não pôde esconder a magua de não haver aceito os serviços de Colombo. Essa magua atiçou um odio atroz contra a Hespanha e uma expedição chegou a ser organizada com o fito de agredil-a.

O papa Alexandre VI, de descendencia hespanhola, suspeve o golpe que D. João II desejava desferir, assignando duas bullas que regulariam, para sempre, a questão de descobrimento e conquista de terras entre os dois povos da grande peninsula. Podemos avaliar, em que ambiente o summo pontífice resolveu a pendencia, sabendo-s: que as duas bullas foram assignadas com espaço de vinte quatro horas apenas. A

primeira, firmada a 3 de maio de 1492, collocava sob o domínio da Hespanha todas as terras recentemente descobertas que não estivessem sob a egide de outro soberano catholico. A segunda, de 4 de maio, estabelecia que as terras que ficassem a oeste do meridiano traçado a cem leguas das ilhas dos Açores e Cabo Verde (1) seriam hespanholas e as de leste, portuguezas.

IV — Tratado de Tordesillas. Portugal não concordou com a solução papal, porque a considerava um esbulho aos seus direitos, e estava resolvido a appellar para a força.

A diplomacia contornou a questão e os representantes das duas nações se reuniram em Tordesillas, na Castella Velha, onde, depois de cerca de quatro meses de discussão, assignaram, a 7 de junho de 1494, o **Tratado de Tordesillas**. Por este tratado a linha divisoria entre os dois paizes foi deslocada para 370 leguas a oeste das ilhas do Cabo Verde. Esse meridiano recebeu o nome de **linha alexandrina** e devia passar pela ilha Marajó e Laguna, em Santa Catahrina.

V — Descoberta do Brasil. Depois que Vasco da Gama attingiu ás Indias, Portugal tornou-se senhor do commercio com o Oriente.

Desejando reconhecer a natureza das terras que ficavam a leste da linha alexandrina, Don Manuel I ordenou a Pedro Alvares Cabral, que sahira de Restello a 9 de março de 1500 com destino ás Indias, que se afastasse convenientemente da costa da Africa. No cumprimento dessa ordem o almirante portuguez descobriu a terra em que habitamos no dia 22 de abril pelo calendario Juliano (2)

VI — As grandes descobertas hespanholas. Christovam Colombo realizou ainda tres viagens ao Novo Mundo nos

(1) Foi averiguado que esses archipelagos estão em ongitudes diferentes.

(2) Corresponde a 3 de Maio pelo calendario Gregoriano.

annos de 1493, 1498 e 1502. Na primeira, elle explorou toda as Antilhas; na segunda, visitou as costas da Colombia e a foz do Orenoco e na terceira, palmilhou todo o litoral da America Central procurando o estreito que o levaria ás Indias. (1)

Em 1498, Alonso Ojeda, seguindo as pégadas de Colombo, percorreu as costas das actuaes Guyanas e iniciou a colonização do Haiti. Ao regressar a Hespanha, em junho de 1500, soube que Vicente Pinzon e Diogo de Lepe haviam percorrido o litoral sul-americano desde o cabo Santo Agostinho até á embocadura do Orenoco.

Não estavam os hespanhóes muito contentes com o quinhão que lhes coube pelo tratado de Tordesillas, visto não encontrarem um caminho que os levassem ás Indias, onde os lusitanos iam buscar as mais ricas especiarias. Não podia Fernando V ordenar a rota seguida pelos portuguezes, contornando o sul da Africa, porque a isto lhe prohibia o celebre tratado.

O rei catholico adoptou, como solução do problema, enviar uma expedição sob o mando de João Dias Solis e Vicente Pinzon para procurar a passagem almejada. A expedição zarpou de Sanlucar de Barrameda, em 1508, e percorreu todo o golpho de Honduras e a peninsula de Yutacan sem resultados.

Em 1513, Vasco Nunes Balboa, aventureiro que ia empós o ouro para pagar suas dívidas, descobre o **Mar ao Sul**, hoje oceano Pacifico. Tão animado ficou Balboa que, a pé, entrou n'água com a bandeira de Castella n'ua mão e a espada desembainhada na outra, afim de tomar posse "d'aquelle oceano, das terras que banhava e das ilhas que contivesse" para a corôa do seu paiz.

O feito de Balboa destruiu o sonho de Colombo — que julgava haver chegado á Asia — e derrubou todas as theorias pregadas pelos sabios de Salamanca a respeito do universo.

Estava descoberto o **Mar do Sul**, era mistér encontrar-se

(1) Morreu em 1506, na Hespanha pensando poder navegar para oeste.

a passagem para elle. Teve essa missão o asturiano João Dias Solis que procurou contornar o continente sul americano, como haviam feito os lusos no africano. Para isso sahiu do porto de Lepe em outubro de 1515 e, depois de tocar em varios portos brasileiros, penetrou no estuário do Prata, que elle chamou de Mar Doce, onde foi morto a flechadas pelos indios charruas.

Governava a Hespanha, Carlos V, quando o navegador portuguez Fernando Magalhães foi offerecer-lhe seus pres-timos, promettendo descobrir o cubiçado estreito inter-oceâ-nico.

Acceito os seus serviços, Magalhães deixou o porto de Sanlucar commandando uma esquadra, a 20 de setembro de 1519.

A felicidade amparou a expedição que conseguiu passar de um oceano a outro através do canal de Todos os Santos — que hoje tem o nome do seu primeiro navegador.

A travessia do estreito durou vinte e dois dias e tão difí-cil se apresentou que a nau Santo Antonio desertou, regres-sando para Hespanha.

Com tres embarcações, Magalhães velejou para as Felip-pinas, onde falleceu, a 27 de abril de 1521, victima dos sel-vagens.

A viagem foi continuada por Sebastião Elcano que, com grande carregamento de especiarias adquirido nas Molucas, chegou a Sanlucar a 7 de setembro de 1522.

Logo que Carlos V teve conhecimento das descobertas, preparou uma expedição composta de cinco navios que sob o commando de Sebastião Caboto zarpou de Sanlucar em 6 de abril de 1527. Tocou na ilha de Santa Catharina e, acom-panhando a costa intrometteu-se pela fóz do Prata, subindo o Uruguay. Em seguida remontou o Paraná até o Salto de Apipé (1) donde retrocedeu para subir o Paraguay.

Recebeu, dos indios que habitavam esse ultimo rio, pe-

(1) Será as Sete Quédas?

daços de prata que remeteu ao imperador como prova do valor das terras descobertas.

VIII — A conquista da Colombia. Em 1525, chegaram á Costa Firme, actualmente Colombia, quatro navios sob o comando de Rodrigo de Bastidas. Desembarcou um pouco distante da fóz do Magdalena, onde fundou a cidade de Santa Martha. Em virtude de Bastidas não permitir que se espalhassem os selvagens foi apunhalado, quando dormia.

No governo de Garcia de Lerma foi executada a exploração do rio Magdalena pelo portuguez Jeronymo Mello que, em 1532, remontou-o cerca de 35 leguas.

Fernandez de Lugo que sucedeu a Garcia de Lerma organizou uma columna de 700 homens. Sob ás ordens de Gonzalo Jimenez Quesada partiu, de Santa Martha, a 6 de abril de 1536, a columna, levando consigo alguns barcos.

Desejava Quesada explorar o Magdalena até ás suas cabeceiras. Mandou que as embarcações acompanhassem, por agua, a infantaria que seguia através da matta.

Após um anno de cancelas todos desejavam voltar, excepto o chefe. Ordenou que doze homens resolutos se afastassem do Magdalena em busca das montanhas do Opon. Breve voltaram os exploradores com a alviçareira noticia de que tinham encontrado caminhos na serra.

Quesada embarcou todos doentes e estropiados nas naus, afim de se recolherem a Santa Martha e com 140 homens continuou a viagem.

Ao descer a montanha do Opon foi atacado pelos aborigenes, mas luctou com denodo e conseguiu victoria.

O valle do Bogotá era uma verdadeira terra da promissão: povoados, campos cultivados e caminhos perfeitamente delineados. No povoado muqueta — que se achava deserto — residia o zipa, senhor do reino dos Zaques.

Os incolas izeram de Tunja o seu reducto de resistencia. Depois de pelejarem a valer conseguiram os hespanhoes entrar no povoado a viva força no dia 20 de agosto de 1537.

A carnificina foi tremenda dada avidez com que os cas-

telhanos procuravam o ouro e as esmeraldas de propriedade dos indigenas.

Estabeleceu Quesada, nesse magnifico valle, a actual capital da Colombia, Santa Fé de Bogotá. E, como era filho de Granada, chamou o paiz conquistado de Nova Granada.

Havia na regiāo talada por Quesada um iman que atraia os conquistadores. Nelle encontraram-se: Benalcazar que havia conquistado o reino de Quito, Nicolas Fredman que vinha da Venezuela. e Quesada.

VIII — Conquista da Venezuela. Após gastos fabulosos em varias tentativas de colonização, Carlos V concedeu a conquista da Venezuela a uma companhia alema estabeleci'a em Augsburgo. Era esta companhia denominada dos Welser e o interesse que a norteava consistia sómente na descoberta do ouro.

Foi nomeado, para governar as terras conquistadas, Ambrosio Alfinger: homem energico e mau.

Alfinger concluiu incontinentemente que ali não existia o metal cubiçado e por isso procurou fonte de renda na captura do incola.

Mandava effectuar enormes caçadas. Os autochtones vinham amarrados por uma corda unica, na qual, para cada cabeça, faziam uma laçada. Deste modo, se acontecia um indio ficar cançado, cortavam-lhe a cabeça para não perderem tempo em desamarrar os que lhe ficavam na frente ou atras.

A respeito do conquistador da Venezuela, escreveu Bartolomeu de la Casas no seu "Resumen de la historia de Venezuela": "Apoderando-se-lhe da alma um furor insano que degenerava em frenesi, assignalou por toda a parte sua passagem com o roubo, o homicidio e o incendio".

Carlos V acabou retirando o privilegio dos Welser por não haverem cumprido o contracto.

Durante a epoca da conquista, o trabalho mais importante, no terreno geographic, foi a exploração do Orenoco por Alfonso de Herera.

(Continua)

Actualidades científicas (1)

Major JAYME DE ALMEIDA

I — GUERRA CHIMICA

Passado e futuro da guerra chimica. — Classificação physiologica e tactica dos gazes de combate. — Conhecimentos geraes sobre cada gaz. — Vagas, projectis e bombas. — A tactica dos gazes e a surpresa technica. — Protecção individual e collectiva contra os gazes.

A) — PASSADO E FUTURO DA GUERRA CHIMICA:

Escriptores como Staden e Valdez citam o curioso facto dos indios da America do Sul, (guaranys e tupys), empregarem, nos ataques que levavam a effeito contra os portuguezes, vasos contendo brazas, sobre os quaes pulverisavam pimenta, obtendo, por esse meio, desprendimento de vapores muito picantes e de effeito nitidamente lacrimogeneo.

No seculo XIX a policia de Paris tambem empregou um gaz lacrimogeneo, (brometo de benzilla), encerrado em empoulas de vidro, quando teve necessidade de atacar perigosos bandidos que se haviam homisiado em uma casa.

Não sendo os lacrimogeneos contrarios á Convenção de Haya, faziam mesmo parte do material de policia, na França, havendo ainda quem os preconisasse para a guerra, nos combates em minas e subterraneos.

Antes mesmo do emprego definitivo dos gazes de guerra, os allemaes lançaram em Argonne e Verdun, a titulo de ensaio, algumas granadas identificadas como sendo de effeito lacrimogeneo.

O verdadeiro emprego dos gazes, foi, todavia iniciado em abril de 1915, ainda pelos allemaes contra as trincheiras belgas, por meio de um gaz suffocante e deleterio, — o chloro —, que, produzindo no homem edema agudo do pulmão, podia causar morte rapida.

Esse emprego foi realizado por meio de vagas, usadas durante alguns meses ainda, produzidas em cylindros de ferro, conduzidos ás trincheiras de 1.^a linha, munidos de encanamentos, torneiras e contendo chloro liquido.

O ataque era desencadeado quando o tempo estava frio, secco, sem sol, com o vento soprando para o inimigo a razão de 2 a 5 ms. por segundo.

Vê-se facilmente, quanto era difficult para o commando prever uma hora exacta de ataque, por quanto isto dependia de todos aquellos factores.

Além disso, considerando o peso de cada cylindro, cerca de 40 kgs., e o transporte penoso dos mesmos, tudo concorria para difficultar o seu emprego.

A titulo de exemplo, sobre esse herculeo e formidavel trabalho, cita-se um ataque na Champagne, numa frente de 10 kms., onde foram usados 18.000 cylindros.

Além disso, por mais dissimulada que fosse a preparação, o inimigo cedo se apercebia, tornava sem effeito e mesmo perigoso o ataque para os proprios emittentes, pelo consequente arrenbentamento dos cylindros,

(1) Subsidio para o exame de admissão á E. E. M.

sem falarmos de um retorno imprevisto da vaga de gaz, por mudança de temperatura, sol, vento contrario, etc.

No intuito de corrigir esses defeitos, pensou-se em encerrar o gaz em recipientes fechados e envial-o por meio de uma granada.

Para se obter, porém, esse desideratum era absolutamente necessário que o gaz não fosse muito volatil, devendo se empregar, mesmo, produtos solidos e liquidos que emitissem vapores nocivos, vapores ora pesados, ora leves, obtidos por misturas com outras substancias, de modo a obter ação rapida ou lenta, conforme o emprego tactico desejado.

As substancias de efeito rapido, chamadas "fugazes", serviam para obter intoxicações violentas, durante pequeno espaço de tempo, volatilizando-se rapidamente, afim de permetir uma progressão das tropas amigas, na zona visada, sem perigo algum para elles. Si, ao contrario, a finalidade consistia em uma interdição ou barragem permanente, as substancias usadas eram denominadas "persistentes", pois que infecionando a zona, impediam qualquer movimento nella.

Esses productos foram, então, lançados por granadas de mão, canhões ordinarios e morteiros de acompanhamento, em função da distancia a atingir.

Dessa maneira o emprego dos gazes, dada a sua efficacia, tomou consideraveis proporções.

As usinas dos belligerantes, trabalhando continuamente, conseguiram fornecer quantidades impressionantes de productos chimicos, taes como o "Fosgenio", "Palites", "Yperite", "Cetonas", "Acido Cyanhydrico", "Acroleina", etc., num total approximado de 50000 toneladas para a Alemanha, onde as usinas dispunham de uma organisação completa desde a paz, e 25.000 para a França e seus aliados.

Essa producção, que parece espantosa, à primeira vista, era proporcional ao consumo, por quanto para se criar uma camada permanente de gaz, de 1 km.² eram necessarias 6.000 granadas de 75 m/m e para um ataque com projectis fugazes, em 1 km.², era preciso batel-o com 12.000 granadas do mesmo calibre, o que dá 12 toneladas de gaz sobre o solo.

E' muito conhecido o celebre bombardeio de Verdum, a 1.^o de agosto de 1917, onde em uma noite foram lançados pelos alemães, numa frente de 10 km., 400.000 granadas de yperite, dos calibres de 105 e 150.

Ainda nessa época, as substancias toxicas eram lançadas nesses calibres, dada a dificuldade de embalagem e manejo dos mesmos, nas usinas.

Com o aperfeiçoamento da technica de fabricação, carregamento e acondicionamento, passaram tambem a ser usados nos projectis de 75 e 77 m/m, permitindo o tiro rapido de interdição, surpresa e infecção.

— Não é tarefa difícil, pelo passado, fazer o prognostico da guerra futura. Quem tiver lido os autores modernos, acompanhado a tendencia dos povos e os verdadeiros milagres da chimica moderna, poderá afirmar, com segurança, que a guerra futura será por excellencia, — electro-aéreo-chimica —, guerra de destruição de povo contra povo e não de exercito contra exercito, como outrora.

Aniquilar o adversario por todos os meios possiveis, destruir-o, impossibilitá-lo, emfim, de agir em todos os ramos de sua actividade é, sem a menor duvida, a sua finalidade, apezar de todas as utopias condensadas em convenções, tratados e etc.

Pelos artigos 170 e 171 do Tratado de Versailles o emprego dos gazes de combate foi completamente interdicto; no entanto isto não é razão para, no futuro, nos sentirmos com segurança, porque a Convenção de

Haya, em 1898, já o havia feito e o seu emprego pelos alemães, em 1915, obrigou os aliados, sob pena de inferioridade patente, a imitá-los.

Devemos ter em vista sempre a phrase expressiva da Comissão de Chimica da S. D. N. constatando que centenas de substancias químicas estavam sendo cuidadosamente estudadas com essa finalidade e cuja preparação nas usinas, durante a paz, poderia ser feita e modificada em poucas horas. Assim se manifestou a comissão: "Ha perigo de morte para um povo dormir confiado nas Convenções Internacionaes, parecendo, pois, essencial á comissão, que as populações saibam a terrível ameaça que paira sobre as suas cabeças".

Pelo sentido dessas palavras podemos concluir sobre o futuro da guerra química, tanto mais que todas as nações belligerantes conservaram seus órgãos de estudo e preparação para esse gênero de guerra ou, pelo menos, para as suas defesas.

Nos Estados Unidos são votados, em média, 10 milhões de dollars para o "Gaz Service" e um verdadeiro exército de especialistas trabalham em laboratórios completos, estudando cuidadosamente o assumpto.

Na França, na Inglaterra, Japão e principalmente na Russia o assumpto é tratado com o maior interesse e sem olhar despesas. Nesse último país os créditos, tendo em vista essa finalidade, são exagerados.

Em Odessa ha laboratórios perfeitamente apparelhados, onde também são feitos estudos sobre a guerra microbiana. Esta, aliás, foi tentada pelos alemães durante a guerra europeia, sem resultados satisfatórios.

A guerra microbiana está, ao que parece, em sua phase inicial, por quanto as experiências, ao que se pode apurar até hoje, não foram coroadas de completo êxito.

Devemos ter em vista, sempre, que não ha exemplo de um método de guerra eficiente, isto é, dando grande rendimento, ter sido posto de lado e abandonado.

O ataque pelos produtos agressivos dando um rendimento maior, não poderá ser posto de parte para o futuro.

Para o aniquilamento do adversário ha, evidentemente, uma primeira vantagem: a economia. Na guerra de 1914-1918, no princípio, o inimigo era visível e que permitia um pequeno dispêndio de munições. Quando, porém, os exercitos se abrigaram e construiram as suas trincheiras, o dispêndio de munições attingiu tais proporções que as usinas dos belligerantes não podiam dar vazão ao enorme consumo.

O adversário deveria, então, ser aniquilado de outra maneira, problema este que poude ser resolvido pelo gás que, penetrando em abrigos e trincheiras à prova de estilhaços, vinha reduzil-o à impotência.

Essa economia consistia, assim, em uma eficácia muito maior, empregando o mesmo peso de matéria, pois que se carregarmos uma granada com o mesmo peso de gás ou explosivo, constataremos que a eficácia para o explosivo não vai além de uma centena de metros, ao passo que para o gás a duração do efeito pode durar até 8 dias, numa zona muito mais extensa, sem comparação possível, como é o caso da yperite.

Foi essa vantagem que fez com que se empregassem, já no fim da guerra, bombardeios mixtos, isto é, de 60 a 70 % de projéctis tóxicos.

Outro factor importante para o futuro da guerra química é, sem dúvida alguma, a organização industrial em tempo de paz. Para comprovar essa afirmativa podemos citar o exemplo da Alemanha, cujas usinas, com a mesma apparelhagem da paz e apenas modificando operações de fabrico e matérias primas, puderam abastecer em produtos químicos o seu exército, com manifesta superioridade sobre os aliados.

Como as industrias chimicas tomam dia a dia maior incremento, não devemos ter illusão para o futuro, por quanto no momento da monitorização uma simples mudança da technica do fabrico, permitirá à Nação a mais perfeita organisação industrial o que, certamente hoje, constituirá uma evidente superioridade no terreno da efficiencia militar de um Paiz.

B) — CLASSIFICAÇÃO PHYSIOLOGICA E TACTICA DOS GAZES DE COMBATE

Pelos seus effeitos physiologicos os gazes podem ser classificado em.

**a) Irritantes : externutatorios
lacrimogeneos**

Como exemplos typicos de esternutatorio temos a "difenilchloro-ar-sina", que é solida; a dichloroetilarsina, liquida e a dibromoetilarsina tambem liquida, todos empregados em granadas, tendo a propriedade de atacarem violentamente as mucosas buccal e nasal, provocando espirros, tosse, vomitos e etc.

Como lacrimogeneo o mais usado é o brometo de benzilla, liquido, encerrado em granadas, ou empoulas, de effeito irritante sobre a vista, produzindo lagrimas, cegueira transitoria ou definitiva, conforme o grau de concentração e tempo de acção.

b) Suffocantes:

O chloro, gaz usado em vagas, fosgenio (oxichloreto de carbono), gaz, bromacetona, palite, surpalite, liquidos, usados em granadas.

Quando attingido por elles, o homem é atacado de toses e suffocações e, se a dose é forte, destróem as paredes do pulmão, produzindo grande soffrimento e morte, principalmente nas pessoas maiores de 40 annos.

c) Vesicantes:

As arsinas chloradas e bromadas, liquidas, empregadas em granadas. Yperite, tambem liquida, em granadas.

Esse tipo de gaz tem acção sobre a pelle e mucosas, principalmente nas axillas e outras partes humidas do organismo.

Producem irritação, coceira, queimaduras em geral, bolhas. São gazes de difícil defesa e deram grande percentagem de baixas, durante a ultima guerra.

d) Toxicos:

O acido cyanhydrico, liquido; oxido de carbono, gaz altamente tóxico, fazendo parte na proporção de 700 % do gaz produzido pelo arrebentamento de 1 kilo de explosivo moderno.

Esse gaz produz intoxicação violentissima e fulminante, visto se combinar com a hemoglobina do sangue, impedindo, assim, a combinação do oxygenio com esta, por formação de composto estavel.

Conforme acabamos de vér, embora ligeiramente, os diversos gazes empregados possuem acção physiologica diferente, sendo usados de varias maneiras.

São grupadas em diversos tipos de acordo com os symptomas e efeitos que produzem: — de ordem circulatoria, digestiva, urinaria e nervosa para os *suffocantes*; — oculares, cutaneos, respiratorios, digestivos, renaes, nervosos, para os *vesicantes*; — lacrimogeneos e esternutatorios para os *irritantes*.

Ha formas fulminantes, dependendo sempre do grão de concentração no ar e da persistencia da intoxicação.

O efeito produzido pelos gazes, dessa maneira, não pode ser identico para um bombardeio a céo aberto ou sobre abrigo ou trincheiras.

Cumpre, pois, diagnosticar rapidamente, mesmo porque o diagnostico diferencial é difícil para os gazes em geral, a não ser os vesicantes, uma vez que sejam emittidos misturados, o que, aliás, era commun.

O diagnostico passa a ser, assim, um diagnostico de probabilidade.

O tratamento tem que se limitar, por conseguinte: suspender a ação do toxico; eliminá-lo do organismo; curar e prever a marcha das lesões. Collocação da mascara e evacuação do gazado para a atmosphera pura, devem ser os primeiros cuidados.

Em seguida levar a efeito o tratamento preconisado para os symptomas de cada cathegoria de gaz.

Sob o ponto de vista tactico podem os gazes ser classificados:

a) *Fugazes*:

De pequena persistencia, rapidamente evaporados, porquanto essas substancias têm o ponto de ebullição proximo ou igual á temperatura ambiente.

b) *Persistentes*:

logo agressivos
de efeito lento, podendo perdurar a sua ação até 8 dias, como é o caso da Yperite.

C) — CONHECIMENTOS GERAES SOBRE CADA GAZ

Como já tivemos occasião de ver o primeiro gaz empregado foi o Chloro, (Cl), gaz amarelo esverdeado, de cheiro suffocante, facilmente soluvel n'água, muito mais denso que o ar (2,5), ficando, dessa maneira, muito rasteiro. Foi usado em vagas.

Logo depois, em Junho de 1915, foi lançado o brometo de benzilla (C₆ H₅)₂Br, liquido, incolor, de cheiro agradavel, pouco toxico, lacrimogeneo por excellencia.

Fosgenio (CO. Cl₂), (oxychloreto de carbono), liquido, muito fugaz.

Yperite (assim denominada por ter sido usado pela primeira vez na região de Ypres, em 1917), sulfureto de etilla diclorado $\left(\begin{array}{c} \text{CH}_2 \text{CH}_2 \text{Cl} \\ \text{S} \\ \text{CH}_2 \text{CH}_2 \text{Cl} \end{array} \right)$ liquido, incolor, cheiro caracteristico de mostarda (onde o seu nome de *gaz mostarda*), não muito forte, muito persistente no terreno, perigosissimo pelos seus efeitos.

Acetonas bromadas (CH₃ CO CH₂ Br), liquidas, tambem muito persistentes.

Arsinas-dichloro methyl arsina (C₂ H₅ As Cl₂), liquidas com cheiro semelhante ao ether, incolor, bastante persistente em solo secco, vesicante e lacrimogeneo.

Diphenichloroarsina ($C_6 H_5$)² As Cl-pastoso, pouco persistente e volatil.

Cyanureto de diphenil arsina ($C_6 H_5$)² As CAz-solido, muito toxico, e esternutatorio.

Chloroformiato de metilla mono e trichlorados-liquidos, incolores, pouco persistentes, de odor caracteristico desagradavel, muito toxicos suffocantes.

D) — VAGAS, PROJECTIS E BOMBAS

Nos primeiros mezes do emprego dos gazes esses, como vimos, eram emittidos em vagas, antecedendo aos assaltos á bayoneta.

Formava-se uma nuvem rastejante ao solo, em virtude de ser mais pesada que o ar, attingindo trincheiras, abrigos, crateras de granadas, onde muitas vezes se abrigavam os soldados.

Essas vagas, conforme ás necessidades tacticas podiam ser *fugazes* ou *persistentes*.

Os gazes mais usados foram o chloro, o fosgenio, aos quaes se juntava o tetrachloreto de estanho (opacite) que, augmentando a opacidade da vaga, difficultava e mesmo impedia a observaçao.

Os gazes para a vaga eram acondicionados em cylindros de ferro, de 3 typos — no exercito francez —, correspondendo a tres capacidades diferentes (40,25 e 15 kilos).

Esses cylindros eram providos de torneira ligada a um tubo flexivel de chumbo em cuja ponta havia um tubo rígido, chamado "lança".

A preparaçao e a emissão eram feitas pelas chamadas companhias Z (actuando sobre uma frente de 1 km) destinadas exclusivamente a esse serviço, auxiliadas por soldados de infantaria e engenharia.

Uma vez preparados os abrigos e trincheiras, collocados os cylindros, eram as pontas das *lanças* levadas aos parapeitos e abertas as torneiras, as vagas iniciadas.

Essa emissão, porém, conforme já tivemos occasião de verificar, ficava na dependencia das condições atmosfericas; direcção e velocidade do vento, humidade do ar, pouca insolação e etc.

Dependendo de tantos factores diversos foi a vaga de gaz breve substituida, com vatagem, pelos chamados *projectis toxicos*.

Eram granadas contendo substancias toxicas, solidas ou liquidas capazes de, no arrebentamento, pulverisal-as, produzindo intoxicações na tropa.

A principio foram empregadas as lacrimogeneas (brometo de benzila), mais tarde as cetonas chloradas e bromadas, fosgenio, a terrivel yperite, as arsinas e etc.

Dando um optimo rendimento o projectil mais empregado pelos belligerantes, principalmente nas phases semi-final e final da grande guerra.

Havia, assim, dois typos de granadas: as fugazes e as persistentes.

As primeiras eram de ação prompta e violenta; as segundas de efeito retardado. Os calibres eram os de 105, 77, 210 m/m, para as allmães; 150, 105, 75 m/m para as francesas.

Os allemães usavam tambem granadas de "cruz azul", contendo arsinas; de "cruz verde" contendo mistura de diphenil-chloroarsina, fosgenio e chloroformiato de metila trichlorada.

Os franceses empregaram, tambem, granadas de diversos yperite

com misturas mais ou menos secretas, á base de chloropicrina, ypeite, acido cyanhydrico, fosgenio, etc.

As granadas toxicas possuiam, como todas as granadas, carga de arrebentamento, sendo forradas internamente por vidro afim de conter a substancia agressiva.

Além das granadas foram utilizadas ainda, e com optimos resultados, bombas lançadas por aviões.

Essas bombas são, ao mesmo tempo, explosivas e toxicas, de grande poder intoxicante e destruidor.

De modo geral as mais usadas foi a yperite, cujo rendimento em relação ás outras, foi incontestavel.

Existem varios typos de bombas: francesas, alemaes e inglezas, todas ellas com as mesmas caracteristicas: corpo de bomba, contendo a carga explosiva-toxica; azas, cauda, detonador e etc.

Foram construidas, tambem, bombas incendiarias, sendo as "Elektron" alemaes, á base de aluminio, poderosissimas, desenvolvendo calor formidavel e quasi impossiveis de serem extintas.

E) — A TACTICA DOS GAZES E A SURPRESA TECHNICA:

Os processos de tactica moderna sofreram remodelações e modificações profundas, durante a ultima guerra.

O emprego tactico dos gazes desenvolveu-se de tal forma, pelo uso, que teve sobre áquelle influencia, por assim dizer, decisiva.

Como já ficou dito os gazes eram manejados por especialistas — companhias Z — que para isso foram propositadamente criadas.

A preparação do terreno, da vaga, reconhecimento dos gazes e os meios de defesa e ataque eram feitas por ellas.

No exercito franceses essas companhias compunham-se de 3 secções, operando numa frente de 1 kilometro.

Formavam batalhões a 2 cias. e grupos a 2 batalhões.

Agiam atacando o inimigo por meio do gaz e consequente assalto á bayoneta.

Quando se tratava de destruir o inimigo pelo gaz, este era emitido para efeitos persistentes, emissão que durava duas horas.

Dessa maneira obtinha-se primeiramente a surpresa e a desmoralização da tropa, depois, prolongando a emissão, conseguia-se intoxicações mais ou menos violentas e, finalmente, procurava-se alcançar tambem a tropa da retaguarda, a artilharia, os serviços, etc.

Nas trincheiras da frente empregou-se, tambem, efeitos de surpresa, obtidos com emissões fugazes até 15 minutos.

Nas pequenas frentes, quando a preparação de artilharia para o ataque era dificil, usava-se o gaz, em ataques parciais, a emissão durando 8 a 10 horas, o que esgotava o rendimento util das mascaras.

A essa emissão seguia-se o ataque á arma branca.

Para que se obtivesse o emprego tactico perfeito e a surpresa technica desejada era absolutamente necessário, que a preparação do terreno e do material fossem cuidadosamente feitas, devendo-se, naturalmente, tomar as precauções exigidas para a perfeita dissimulação, transporte do material e, ainda, levar em consideração as condições atmosfericas, a frente a bater etc.

O emprego das granadas toxicas era feito pelos meios ordinarios, isto é, pelo canhão commun, morteiros de acompanhamento, lança bombas de espoleta e disparo electricos, etc.

Obtinham-se assim nuvens toxicas em tiros de neutralisão, interdição, infecção, dependendo a quantidade de projectis, tambem do terreno, condições atmosfericas, emprego tactico e características do gás.

F) — PROTECÇÃO INDIVIDUAL E COLLECTIVA CONTRA OS GAZES:

Quando foram lançadas as primeiras vagas de gás, com enorme surpresa para a tropa, estava esta completamente desprovida de meios de defesa.

Dessa maneira os efeitos foram terríveis e, de acordo com as estatísticas do E. M. frances, toda uma Divisão foi posta fóra de combate.

Identificado o gás como sendo o chloro, quarenta e oito horas depois, pelo Laboratorio Municipal de Paris, foi aconselhado como primeiro meio de defesa, de emergencia, o uso de tampões de gaze e algodão, embebidos em soluções de carbonato e hypo-sulfito de sodio, que eram colocados na boca e nariz dos combatentes, neutralizando, assim, os efeitos daquele gás sobre os bronquios e os pulmões.

Aparado o golpe, era necessário o emprego de um outro gás, sobre o qual aquelles neutralisantes não tivessem ação.

Para isso os alemães lançaram o lacrimogeneo, isto é, o brometo de benzila.

Rapidamente identificado procedeu-se a substituição dos tampões primitivos por outros embebidos em óleo de ricino, cujas propriedades absorventes e fixantes, juntas ao uso de oculos, conseguiram neutralizar o ataque.

Mas os tampões eram de difícil uso, porquanto sendo o óleo de ricino muito espesso prejudicava a respiração, impedindo assim que fossem usados durante muito tempo o que se fazia mistério quando os bombardeios eram prolongados.

Foi criado, então, a máscara propriamente dita. (M dos franceses) que, além da ação física, era munida de um tambor filtrante, removível, podendo ser renovado, onde, além dos neutralisantes já citados, foi usada uma camada de carvão pulverizado, substância de alto poder absorvente, neutraisante e, principalmente fixador.

Neutralizados assim os terríveis efeitos do gás, os alemães trataram de empregar substâncias sólidas, finamente pulverizadas que, no momento do arrebentamento do projectil, espalhavam-se em pó impalpável pela atmosfera.

Esse pó, atravessando o filtro da máscara, produzia sobre os combatentes efeitos esternutatórios e irritantes muito violentos, obrigando-os, afim de poderem respirar e tossir, a retirar as máscaras.

Em seguida um bombardeio altamente tóxico, de substância violenta, era lançado, causando, assim, inúmeras baixas.

Essas substâncias esternutatórias, como já vimos, eram a base de arsenico. A sua ação foi evitada collocando-se nos tambores filtrantes das máscaras uma camada de algodão hydrophil, filtro suficiente para reter, mecanicamente, o pó impalpável contido na atmosfera.

Infelizmente, porém, em 1917, com o emprego da yperite pelos alemães, pouco, relativamente, podiam fazer as máscaras, dado o seu efeito vesicante.

Com efeito, essa substância, agindo sobre toda a superfície do corpo, principalmente nas partes húmidas, produzia queimaduras, que, embora benigna na maioria dos casos, punha fóra de combate os soldados atingidos, numa proporção alarmante.

Pensou-se em adoptar vestimentas especiaes, embebidas em oleo de linhaça e outras substancias, todavia sem resultados apreciaveis.

Foram tambem empregadas pomadas neutralisantes, á base de chlo-
reto de calcio, estearato de zinco, etc., todas de precario emprego, pois que,
pelo contacto e attrito das roupas, desappareciam da superficie da pelle,
deixando-a logo sem protecção.

Pode-se concluir que, para esse tipo de gaz, está o problema ao que
se sabe insolvel.

Que diremos, então, do Lewvisita americano, esternutatorio, suffo-
cante, vesicante,... ao mesmo tempo?

Toda mascara se baseia, em principio, num filtro neutralisante, num
apparelho isolante e valvulas.

E' innegavel que a mascara diminue o poder de combatividade de 20%
a 30%, inconveniente relativo de ordem militar; relativo, porque, sem a
mascara a intoxicação é certa.

O uso da mascara no principio causa disturbios respiratorios, incom-
moda, diffuculta a visibilidade, provoca o entorpecimento e até o somno,
diminuindo consideravelmente a agilidade.

A correcta collocação da mascara é uma operação importante, por-
quanto, só quando bem collocada, é que ella oferece completa protecção,
sendo necessário, pois, em tempo de paz um treinamento progressivo afim
de habituar o homem com a collocação e o uso.

Diz o nosso regulamento: "é preciso, pois, habituar os homens ao seu
porte, em atmosfera natural, em tempos que vão crescendo a partir, por
exemplo de 10 minutos.

Sómente depois de usar a mascara sem constrangimento, por mais de
uma hora, se abandonará a atmosfera natural para se passar á infectada.

Só assim será adquirido o habito, do porte da mascara e, tal aconte-
cendo, o homem terá na protecção que ella dá, a maxima confiança."

A mascara T. B. preenche, pela sua construcção, perfeitamente a sua
finalidade, sendo mesmo, em alguns detalhes, superior a algumas estran-
geiras conhecidas;

Na protecção collectiva contra os gazes, o problema apresenta diffi-
culdades muito mais sérias, não só de ordem tactica como, principalmente,
de ordem technica.

No ponto de vista tactico o problema consiste no aproveitamento per-
feito do terreno e, principalmente, no escalonamento da tropa, distribu-
indo-a de maneira que seja evitado, o menos possível, o contacto com o
produto agressivo.

Innumeros meios e processos foram postos em pratica ou propostas
para a protecção collectiva, porém, o que melhores resultados apresentou,
embora imperfeito, foi a construcção de abrigos collectivos especiaes. Es-
tes eram revestidos de paredes duplas, com chaminés de aeração, facil-
mente obturaveis, forrados de télas sobre as quais eram pulverisadas soluções de líquidos neutralisantes, tales como o carbonato e hyposulphito de
sodio.

No tecto desses abrigos eram abertos filtros que diminuindo de dia-
metro de cima para baixo, eram feitos com camadas neutralisantes — fil-
trantes de galhos e folhas, terra vegetal e carvão absorvente.

A passagem do ar por esses filtros era forçada por meio de bombas especiais.

Quando a renovação de oxygenio do abrigo, não era possível por meio de filtro, empregava-se, então, o processo de produção artificial, o que era feito pelos meios conhecidos, isto é, oxygenio comprimido em cylindros, oxylito, chlorato de potassio, etc.

(Continua)

Livros que fazem falta em qualquer bibliotheca

| | |
|---|---------|
| <i>Manobras da Circumscripção Militar</i> (Setembro de 1931 sob a direcção do Gen. Klinger..... | 4\$000 |
| <i>Ensinamentos tacticos sobre a D. I. na offensiva</i> — Ten. Cel. Gentil Falcão..... | 3\$000 |
| <i>A Defesa Nacional</i> — Ten. Cel. Gentil Falcão..... | 5\$000 |
| <i>Operações de um D. I. durante a Grande Guerra</i> , Gen. Gamelin e Cmt. Petibon..... | 12\$000 |
| <i>A batalha de St. Quentin-Guise</i> , Ten. Cel. Langlet | 6\$000 |
| <i>Impressões do estagio no exercito francez</i> — Ten. Cel. Magalhães..... | 2\$000 |
| <i>Manual de licenças</i> , Cap. Silva Barros..... | 7\$000 |
| <i>Combate de infantaria</i> , Major Soares dos Santos | 6\$000 |
| <i>Os pombos correios e a defesa nacional</i> , Dr. Freitas Lima..... | 3\$000 |
| <i>Pela gloria de Artigas</i> , Cap. Salgado..... | 6\$000 |
| <i>Formulario do Contador</i> , Cap. José Salles..... | 4\$000 |
| Nos preços não incluimos o porte. | |

Os pagamentos das assignaturas devem ser feitos adequadamente e começam com o numero de janeiro ou de julho.

BANCO DO BRASIL-RIO

TAXAS PARA AS CONTAS DE DEPOSITOS

| | |
|--|---------------|
| <i>Com Juros</i> (sem limites)..... | 2 % a. a. |
| Deposito inicial Rs. 1:000\$000. Retiradas livres. Não rendem juros os saldos inferiores a esta ultima quantia, nem as contas liquidadas antes de decorridos 60 dias da data de abertura. | |
| <i>Populares</i> (limite de Rs. 10:000\$000)..... | 3 1/2 % a. a. |
| Deposito inicial Rs. 100\$000. Depositos subsequentes, minimos Rs. 50\$000. Retiradas minimas 20\$000. Não rendem juros os saldos: a) inferiores a Rs. 50\$000; b) excede antes ao limite; c) encerrados antes de decorridos 60 dias da data da abertura. Os cheques desta conta estão isentos de selo desde que o saldo não ultrapasse o limite estabelecido. | |
| <i>Limitados</i> (limite de Rs. 20:000\$000)..... | 3 % a. a. |
| Deposito inicial Rs. 200\$000. Depositos subsequentes minimas Rs. 100\$000. Retiradas minimas Rs. 50\$000. Demais condições identicas aos Depositos Populares. Cheques sellados. | |
| <i>Prazo fixo</i> de 3 a 5 mezes 2 1/2 % a. a. — de 9 a 11 mezes de 6 a 8 mezes 3 % a. a. — de 12 mezes..... | 3 1/2 % a. a. |
| Deposito minimo Rs. 1:000\$000 | 4 % a. a. |
| <i>De aviso</i> | 3 % a. a. |
| Aviso previo de 8 dias para retirada ate 10:000\$000, de 15 dias ate 20:000\$000 de 20 dias ate 30:000\$000 e de 30 dias para mais de 30:000\$000. Deposito inicial Rs. 1:000\$000. | |
| <i>Letras a premio</i> (Sello proporcional). | |
| Condições identicas aos Depositos a Prazo Fixo. | |

PUBLICAÇÕES DO MAJOR JOSÉ FAUSTINO

A' venda na "A Defesa Nacional"

| | |
|--------------------------------|--------|
| Manual do Granadeiro..... | 3\$000 |
| Mementos de ordens (1.º)..... | 3\$000 |
| » » » (2.º)..... | 1\$500 |
| » » » (3.º)..... | 1\$500 |
| » » » (8.º)..... | 1\$500 |
| » » » (9.º)..... | 1\$500 |
| » » » (10.º)..... | 1\$500 |

Pelo correio mais \$500.

Secção de Infantaria

Redactor: Floriano Brayner

Auxiliares: Segadas Vianna

Nilo Guerreiro

Manoel Guedes

Coêlho dos Reis

Ignacio Rolim

Lendo a Revista de Infantaria (Franceza)

Major F. BRAYNER

I — Acabamos de receber o numero de Novembro desse utilissimo orgão technico de publicidade, repleto como os anteriores, da mais variada e interessante materia, firmada por nomes do mais alto conceito no Exercito francez. Em o nosso ultimo numero tivemos oportunidade de dizer do valor da collaboração estampada em suas paginas, que sempre traduz as directrizes doutrinarias, em curso na Infantaria Gauleza.

O numero de Novembro, estampa em sua pagina de honra sentida homenagem ao glorioso Monarca Alexandre I da Yugo-Slavia, recentemente assassinado em Marselha. É uma homenagem de soldado a outro grande soldado. Ha, porem, de permeio, uma apreciação altamente honrosa para o valoroso povo Servio, que aqui transcreveremos:

"Queremos simplesmente, aqui, em nome de todos os infantes da França, inclinar-nos diante do tumulo de um heróe, chefe de uma das primeiras infantarias do Mundo, que a lenda não nos apresenta montado num carcél fogoso, nem nas pompas theatraes, mas, de pé, no meio dos seus homens, na bôa como na má sorte, nos campos da victoria e nas estradas de exilio, simples e grave, muito bom, muito direito, muito puro".

II — O problema da defesa nacional apresenta-se sob um aspecto extremamente complexo na epoca contemporanea. Assim o encaram a França, a Alemanha, Russia, Italia e outras potencias mais. A impossibilidade de manter sob bandeiras as multidões armadas, criou a necessidade de preparar e manter em estado de efficiencia as reservas nacionaes, contando para isto, com a cooperação de todas as camadas sociaes.

Na França constituiu-se a União Nacional dos Officiaes de Reserva, cujo Congresso, recentemente reunido em Paris, ouviu a palavra serena e elevada do Marechal Petain, Ministro da Guerra. A allocução produzida pelo grande Chefe francez está integralmente transcripta na Revista. Caracterisa-se pela sinceridade com que aborda as responsabilidades do oficial de reserva, pintando com vivacidade e emoção, o quadro em que se deverá encaixar a actividade de cada um, para poder alcançar o fim collimado. Interessa, muito em particular, aos nossos quadros de reserva, aos C. P. O. R. e a todos que dedicam alguns instantes de meditação a tão relevante problema de solução embryonaria entre nós. Diz o General Petain:

"A ultima Guerra já affirmou o papel capital dos quadros de complemento, dentro da nação em armas. Este papel tende para ampliar-se no futuro, visto que as reservas constituem uma parte cada vez mais importante do exercito mobilizado.

Sómente, é preciso que se diga: se a heroica phalange dos nossos quadros de reserva conseguiu cumprir a sua tarefa, de 1914 a 1918, é que a duração das hostilidades lhes permitiu adaptar-se progressivamente ás condições da luta. A proxima guerra explodirá com a violencia de um raio; encontrar-vos-á ella, capazes de desempenhar a missão de condutores de homens, desde o primeiro dia?

Vós, que fazeis parte dos elementos fronteiriços, que sereis chamados a constituir a cobertura, tereis apenas algumas horas para correr aos vossos postos de combate e accionar, instantaneamente, os roteiros tecnicos, delicados, que tereis de aplicar".

Lembra, ainda, a situação dos designados para as formações da defesa aerea do territorio e todos os outros que deverão correr ás diversas funcções nas unidades das reservas geraes ou parciaes. Diz mais:

"O official de reserva chega ao seu posto como um desconhecido, e deve impor-se desde o primeiro momento, pela firmesa das suas attitudes. Impõe-se-lhe improvisar esta "arte de commandar", arte delicada cujo fundamento, de ordem essencialmente psychologico, visa inspirar e ganhar a confiança dos subordinados".

"A arte de commandar se adquire pela pratica. Os cursos e conferencias de que participastes em tempo de paz não terão nenhum valor, se os ensinamentos, decorrentes não forem transportados para o domínio da applicação. E sereis bem inspirados se consentirdes, por vezes, em suspender os vossos trabalhos profissionaes, e vos decidirdes a acompanhar, com os corpos de tropa da vossa guarnição, os exercícios de treinamento relativos á vossa função militar".

"Assim, Senhores, podereis conduzir vossa tropa ao fogo, como o fizestes nas manobras, aptos, desde a primeira hora, a obter um rendimento util nas condições de surpresa e brutalidade que caracterisarão o inicio dos conflictos futuros.

Lembra o velho cabo de guerra francez "que toda a nação é chamada a participar do perigo, e o paiz deverá estar prompto a supportar, sobre o conjunto do seu territorio, a prova terrível d'um ataque inopinado".

Reporta-se ainda ao que hoje se pratica na Allemânia, na Russia e na Italia, em que a aprendisagem da disciplina e da formação militar, é iniciada na escola, pelo enquadramento da juventude masculina, treinado na profissão das armas e inflamada no ardor patriotico. D'ahi resulta que, ao chegar á caserna, já traz um ideal cívico elevado, restando apenas o trabalho de aperfeiçoamento tecnico. Relembrando o papel do official: — instructor e educador — para treinar os homens, dar-lhes saúde physica e vigor moral, accentua que a coisa militar, que constituia outrora uma especialidade, se tornou, hoje, de interesse público: "os povos entrarão na liga, em bloco".

Encerrando a sua calorosa exhortação diz, finalmente:

"Manter e propagar, comosco esse culto, collaborar assim na educação patriótica da Nação, e na força do Estado, tal é, meus caros camaradas, em tempo de paz, a alta missão do Corpo de Officiaes da Reserva".

Todo o trabalho desse nobre soldado da França é, assim, vasado na mais eloquente linguagem, nascida da sua grande e amarga experiência e na expectativa d'um futuro cheio de inquietações.

III — O artigo que se segue: "A 53 D. I. e os Thecoslovacos em Terron — s/Aisne", — é uma exposição detalhada e cheia de valiosos ensinamentos, da ultima phase da grande guerra, no mez de Outubro de 1918, quando os Alemães cediam terreno, palmo a palmo, n'uma ultima e desesperada resistência.

O trabalho é da autoria do Commandante Preininger, do Exercito Thecoslovaco, que pertenceu ao 21.º R. I., parte integrante da 53.ª D. I.

Essa Divisão distinguiu-se, sob o commando do Gen. Guilhemina na conquista de uma cabeça de ponte, no Aisne, na frente de Terron e Vandy.

As acções que se desenrolaram, então, entre 15 de Outubro e 1.º de Novembro, constituem o assumpto capital do trabalho do Cmt. Preininger.

No dia 9 de Outubro a D. I. foi transportada em caminhões para o

Campo de Chalons, no momento exacto em que se iniciava a grande retirada alemã. Parte integrante do Vº Exercito, no dia 15 de Outubro recebeu ordem de substituir a 48.º D. I. na frente de Voncq-Vrizy. Articulou-se n'uma posição de espera e passou aos reconhecimentos em todos os escalões (Brigadas, R. I., Btl), para a substituição, sem modificação do dispositivo. O autor não desce a detalhes sobre essa operação, cujos movimentos se consumaram na primeira parte da noite de 15 para 16. Feita a substituição, a D. I. recebeu ordem de se manter prompta para transportar o Aisne a viva força, e organizar, na margem direita, uma cabeça de ponte, nas alturas entre Terron e Falaise.

No dia 17 o Cmt. da Divisão expede as suas ordens para o clarear do dia immediato, devendo a operação comportar duas phases.

Na 1.ª phase a missão consistia na conquista da aldeia de Vandy e d'uma crista ao Norte, em ligação com a 134.º D. I. Ulteriormente, progressão na direcção de Alleux e Chesne.

Acção por surpresa, antes do clarear, sem preparação, devendo a hora H ser comunicada posteriormente. Os detalhes da ordem de operações, bem como a manobra concebida para a transposição do Aisne na região de Vrizy, são todas de um grande interesse. A ordem da D. I. desce a detalhes para a conquista de Vandy e da cota 153, regulando até mesmo o mecanismo do ataque dos Btl.

A 2.ª phase, regulada por uma outra ordem de operações, apresenta um aspecto original: a sua expedição se verifica antes mesmo de desencadeada a 1.ª phase e sem o conhecimento perfeito das possíveis reacções do inimigo. A 1.ª ordem foi expedida ás 11 horas do dia 17, e a 2.ª ás 18 horas e 30, desse mesmo dia. A ideia de manobra para a 2.ª phase, é assim redigida:

— Alargar progressivamente a cabeça de ponte, suposta conquistada na 1.ª phase.....

Na 1.ª phase toma parte apenas a 106.º Bda. (319.º e 205.º R. I.); na 2.ª phase, toda a D. I.

Iniciadas as operações pela manhã do dia 18, na tarde desse mesmo dia o 319.º R. I. já havia realizado a transposição do Aisne e se apoderado de Vandy, em operação vigorosíssima. A noite de 18 para 19 passa-se em postos avançados de combate, localizados face ás direcções perigosas.

A resistência notável dos alemães surprende entretanto, o Comando Aliado, dando margem á expedição de novas ordens. O autor se detém, em seguida no estudo da 2.ª phase, focalizando em particular o trabalho do 21.º R. I. Thecoslovaco. Os Btl desse R. I. fazem prova d'uma energia absolutamente admirável, em meio de mil obstáculos criados a cada momento pelo inimigo em retirada, que não perdia oportunidade para contra-atacar.

A intensidade das operações descriptas nos mínimos detalhes, prende a atenção pelo realismo com que o autor pinta o quadro. Comprida essa missão offensiva, a 22 de Outubro o 9.º Corpo de Exercito passa á defensiva activa.

A missão da 53.º D. I. é, nessa phase, conservar a todo custo as posições atingidas, preparando-se para retomar o movimento para a frente.

Assim permaneceu até 31 de Outubro, sob forte pressão dos alemães. A partir de 29, a D. I. foi substituída; e no dia 1 de Novembro se encontrava reagrupada na região de Saint-Souplet.

Atravez dos relatos do Cmt. Preininger, verifica-se uma fonte magnifica para o melhor julgamento do conjunto das operações; os relatórios alemães sobre as operações desse Sector, diante do qual operavam

a 199.^a Divisão e a 4.^a Bavara, sob o commando do General Wild von Hohenborn.

O Cmt. Preininger encerra o seu utilissimo estudo, com uma serie de conclusões.

Resalta a actuação dos allemaes no aproveitamento perfeito do terreno, alliado ao emprego efficientissimo das armas automaticas, bem abrigadas e desenfiadas. Todavia, é curioso constatar-se que, só excepcionalmente se chegava ao corpo a corpo, salvo nos combates de rua, em que se tornava necessário lutar, para a conquista de cada polegada de terreno. Os allemaes deram a perfeita noção da resistencia a todo custo, agarrados ás suas metralhadoras, até os ultimos instantes.

Quanto ao trabalho das armas, no conjunto da 53.^a D. I., é notave a predominancia da Infantaria, pelo emprego dos suas metralhadoras, em todas as phases das operações.

É interessante, tambem, constatar-se a apreciação do commando allemao sobre o modo de fazer face a um ataque francez. Elle sustenta que os franceses atacam principalmente pelos fundos, aos quaes é necessário, em consequencia, attribuir uma importancia especial. Os pontos fortes da defesa devem ser installados nos flancos, assim como as reservas, afim de tomar o assaltante n'uma especie de tenalha, que lhe tornará de todo impossivel progressão. O Cmt. Preininger discorda, entretanto, da opinião do Commando Allemao.

As suas ultimas expressões são de glorificação dos feitos dos Tchecoslovacos, na França.

IV — Sob o titulo: "Folhetos destacados de um Carnet de campanha", o Commandante M. dá a publicidade mais alguns trechos de suas interessantes observações, em continuação a outros já aparecidos na Revista, em Outubro de 1933 e Junho de 1934. Desta vez as suas observações incidem sobre o periodo de 2^o de Junho de 1918 a 19 de Novembro desse mesmo anno. Naquella data, assignalava-se o fim do retraimento dos aliados.

As linhas escriptas, então, revelam a agitação dos espiritos e não escondem um certo pessimismo, caracteristico desses momentos de crise.

A proposito do espirito combativo, diz:

"A guerra de trincheira, a immobildade prudente, aliás, justificada, por vezes, enraizaram nos espiritos o temor da reacção e diminuiram a aggressividade.

"Na linha de combate, fazer a guerra quer dizer — matar —. A atenção de todos deve convergir para esta obrigação primordial. Na tarde do dia mais tragicó, ouviam-se estas palavras: "Estamos vencidos".

De tudo conclui-se que a parada indefinida fôra deprimente, humilhante e destruidora de energias.

O sentimento do dever inspira-lhe as seguintes expressões: "Individuos e unidades falharam no seu papel. Houve revezes desconcertantes, fadiga extrema, acabrunhamento; homens que não se alimentaram suficientemente; outros que bebião demais. Houve igualmente, fallencia da autoridade. O valor da tropa é inteiramente função do valor dos quadros.

Mais ainda do que nos primeiros dias, esses quadros devem ser esculpidos entre individuos manifestamente voluntariosos e bravos. Esta escolha deve ser conduzida com profundo sentimento da realidade".

O autor, nesse primeiro folheto critica, ainda, a instruções da tropa, assignalando erros que decorriam da sua deficiencia. Diz com certa amargura:

"Lembremo-nos de que o avanço, sem aviso ao vizinho, é um erro; e que o recuo sem esse aviso, é um crime."

E assim continua as suas observações, de fundo psychologico e sentimental, sem preocupações técnicas.

Destacam-se as redigidas a propósito do Armistício, em 13 de Novembro de 1918 e mais tarde, a 19 de Novembro.

Na primeira sente-se ainda o atordoamento da surpresa, que permitiu vir a tona, em palavras amargas, todo o ódio reprimido: no segundo se retrata o sentimento de orgulho pelo milagre da França vitoriosa.

A leitura e a meditação do que o Cmt. M. escreveu, com tanta seriedade e isenção de animo, deixa-nos uma profunda admiração pela verdade dos factos.

V — "Reflexões sobre a instrução do tiro contra-aviões na Infanteria" é, em seguito, o trabalho da autoria do Commandante Tritschler. O autor aborda as questões relativas a esse ramo da instrução dizendo, de inicio:

"De todos os ramos da instrução, o do tiro contra aviões é, sem contestação, o menos cuidado nos Regimentos; muitas vezes elle é, mesmo, negligenciado".

"Alguns se justificam dizendo que os aviões cumprirão sua missão geralmente, em altitudes elevadas que, raramente, darão margem ao tiro das metralhadoras. Sem querer demonstrar o erro de semelhante concepção e o perigo que ella encerra, não podemos nos furtar de afirmar que o avião descerá, com muito mais frequência do que se pensa.

Numerosos autores prevêm que o ataque das tropas no solo, por aviões voando a baixa altitude, constituirá, numa guerra eventual, uma das principais missões da aviação. Assinalam que o ataque à bomba e à metralhadora se fará em condições as mais favoráveis, em vôo rasante, de 3 a 25 metros, podendo o avião tomar de enfiada objectivos como: colunas na estrada ou cadeia de atiradores; impressionar o inimigo pela velocidade aparente e ruido do motor; realizar a surpresa operando em aproximação coberta pela vegetação, pelas casas ou ondulações do terreno".

A esta apreciação sumaria podemos, desde logo, acrescentar que, entre nós não há também o menor trabalho nesse ramo da instrução. Conforta-nos, por isto mesmo, o descaso assinalado pelo autor, no Exército francês. Depois de uma série de considerações justificativas, o autor passa em revista os métodos e os meios indicados no Regulamento para unidades de metralhadoras, de 2 de Agosto de 1932. Reporta-se à instrução preparatória, aos tiros de instrução, e aos tiros de combate, transcrevendo todas as indicações daquela Regulamento.

Estudando os métodos empregados para os tiros de instrução e de combate, assinala os inconvenientes dos processos regulamentares. Estuda os processos das silhuetas de avião, moveis sobre cabos distendidos entre janelas. Cita a metralhadora photographica e a metralhadora cinematographica; esses dois aparelhos por serem muito custosos e pela dificuldade que o seu emprego apresenta, ainda não foram adoptados para a instrução da tropa.

Commenta os processos baseados sobre a utilização de raios luminosos, com o auxílio de um jogo de espelhos. Entretanto, esse processo dependeria essencialmente dos dias de sol. Grave inconveniente na França, mas, secundário entre nós.

O Cmt. Tritschler descreve os detalhes do apparelho "de espelhos" e os processos de emprego.

Encerrando a sua util collaboração, o autor faz um appello no sentido de que se forneça o apparelhamento necessário ao treinamento diario da tropa, em sessões inicialmente muito curtas, para pontaria cada vez mais rapida, sobre objectivos, animados de velocidades cada vez maiores. Desenvolver-se-iam cada vez mais, os reflexos indispensaveis para tornar os executantes cada vez mais aptos a escolher, instantaneamente, sua linha de visada e lançar seu feixe de ballas, adiante e sobre a rota do objectivo, como o caçador faz o seu tiro de fuzil, instinctivamente e quasi sem visar, á frente da caça.

Os exercícios devem ser curtos para não fatigar a attenção e sancionados, para augmentar o interesse dos instruendos".

O trabalho do Cmt. Tritschler está repleto de dados technicos interessantes sobre o assumpto, que entre nós não tem merecido a devida attenção, apezar de alguma experencia já colhida nas nossas lutas intestinas.

VI — Apparece, ainda, neste numero da "Revista de Infantaria" um trabalho firmado pelo Ten. Cel. Guiques, sob o titulo "A instrucção dos quadros da Infantaria", baseado sobre o estudo de dois casos concretos: um, relativo á defensiva em largas frentes e outro sobre a passagem de linha de um Btl. de 1.º escalão, por um outro de 2.º escalão.

Em ambos os casos o autor formula situações simples e de fácil assimilação. No primeiro (defensiva em larga frente), delinea o estudo, no gabinete e no terreno, de um Btl. enquadrado, e que deverá ser conduzido pelo proprio Cmt. do Btl., comportando a seguinte desenvolvimento:

1.º) — Reunião geral dos quadros (officiaes e sargentos), no curso da qual será dado conhecimento do thema, da repartição dos Commandos assim como indicações sobre as condições segundo as quaes o trabalho deverá ser conduzido nas unidades:

2.º) — Demonstrações schematicas feitas no terreno de exercicio, para facilitar a comprehensão uniforme dos textos a applicar. Uma sessão especial dessas demonstrações será consagrada ao estudo do plano de fogos, sua organização, localização das barragens e seu desencadeamento, no ambito do Btl.

3.º) — Uma das demonstrações será aproveitada para dar aos homens uma ideia da potencia de fogo, fazendo uso de cartuchos de festim e de petardos para figurar os arrebentamentos da Artilharia.

4.º) — Estudo do terreno pelos quadros (exercicio de quadros) tendo em vista o problema defensivo proposto.

Operações a examinar em varias sessões:

- Reconhecimento do terreno;
- Plano de fogos;
- Localização dos orgâos de fogo e das organizações;
- Roteiros de tiro;
- Vigilância e Observação;
- Flanqueamentos.

Numa segunda phase será estudado o combate defensivo na P. R.; acção dos P. A., reservas, etc.

O director de exercicio creará incidentes, no curso das sessões, para ressaltar e fixar determinados conhecimentos. Outros detalhes são ainda indicados, para a exploração dos exercícios no terreno, cujo documento base é a ordem de defesa do R. I., estabelecida para o caso concreto.

Em seguida uma terceira serie de exercícios, visando o estudo detalhado da P. R. (linha principal e linha de apoio) e accionamento dos P. A., será realizada, para fazer trabalhar o conjunto do dispositivo montado no terreno.

O estudo relativo á passagem de linha, é conduzido sob a mesma orientação. Criado o caso concreto, em que aparece um R. I. atacando por Btis. successivos e que, ao attingir um dos objectivos tem o Btl. de 1.º escalão detido com perdas correspondentes a 20% do seu efectivo, o estudo é abordado em varios estagios de trabalho.

E' focalizado o trabalho do Btl. de 2.º escalão, na passagem de linha e retomada do ataque, nas seguintes condições:

- a) — Ligação e entendimento entre os Btis. de 1.º e 2.º escalão;
 - b) — Estabelecimento da ordem de passagem de linha;
 - c) — Reconhecimento dos caminhamentos e resistencias inimigas;
 - d) — Deslocamentos das unidades e ocupação das posições;
 - e) — Precauções a tomar;
 - f) — Execução da passagem de linha;
 - g) — Retomada do ataque e collocação dos orgãos de fogo.
- Objectivos a atingir:
- h) — Partes e ligações com o R. I. e unidades vizinhas.

Comportará uma preparação em sala e sessões no terreno. Estas ultimas abordarão successivamente:

1.º) — Reconhecimento detalhado do terreno a percorrer pelo Btl. de 2.º escalão, no curso da progressão, antes da ordem de passagem de linha;

2.º) — Reconhecimento da posição ocupada pelo Btl. de 1.º escalão, caminhamentos para atingil-a, etc.

- 3.º) — Execução da passagem de linha:

— reconhecimentos, collocação dos dispositivos, inicio do movimento, continuação de ataques, solução de incidentes, etc.

O trabalho do Ten. Cel. Guiques é d'uma grande utilidade. Apezar de não conter nenhuma novidade, constitue uma boa directriz para a organização da instrucção tactica dos quadros nos corpos de tropa.

A exiguidade do espaço desta secção, não nos permite dar maior amplitude ás apreciações formuladas sobre o numero de Novembro da Revista de Infantaria. Comtudo ahí fica uma ideia geral da sua magnifica collaboração, para despertar a curiosidade dos nossos leitores.

Durante uma visita official, realizada recentemente, mostraram ao actual chanceller da França, Sr. Pierre Laval, um grupo de marmore intitulado: A justiça e a paz beijam-se.

— Sabem por que? — observa Laval. — Estão se despedindo e sabem que nunca mais se hão de encontrar.

A figuração dos fogos de Infantaria e Artilharia nos exercícios de combate do pelotão.

Figuração da Aviação

Pelo Tenente

NELSON DE CARVALHO

Do C. P. O. R.

Antes de tratar do assumpto em si, necessário se torna esclarecer que elle nada contem de original. Tudo que se vae ler é conhecido e tem sido praticado nos exercícios em que cada parte é tratada em separado, na progressão natural dos programmas de instrucción das sub-unidades.

A novidade que possa encerrar, está em ter sido utilizado nos exercícios de applicação tactica do G. C. e do Pel. na offensiva, no proprio coroamento dessa parte da instrucción, em situações em que a infantaria, a artilharia e a aviação inimigas cooperam entre si para frustrar uma operação offensiva de que faz parte um dado pelotão, o do exercicio.

A parte que trata da figuração dos fogos d'infantaria é de autoria do preclaro educador militar sr. major Henrique Lott, do qual tive a honra de ser instruindo nas bancas da Escola Militar — já foi publicada na nossa Revista.

Modificamos, apenas, certas cores de bandeirolas, necessárias por serem mais vivas, á figuração dos fogos da artilharia. A figuração desses, por meio de bandeirolas amarellas que balisam o centro da barragem, também é usual. Fizemol-a a companhar de silvos de apito, na cadencia longo-curto, afim de lhes dar mais verosimilhança.

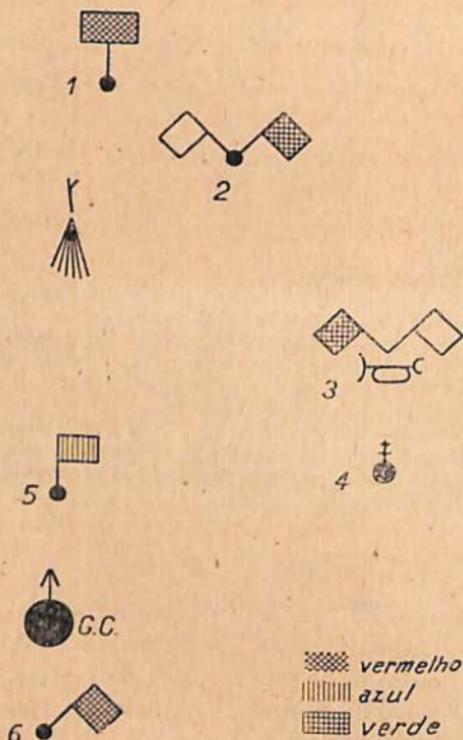


FIG. 1

Quanto á figuração da aviação, o processo é tambem conhecido. Apenas, em vez de um unico silvo para figurar o apparecimento e dum outro indicando o desapparecimento do avião inimigo, fizemos soar o apito, imitando o roncar do motor, durante o tempo desejado. No caso de avião de acompanhamento, creamos um processo.

Nosso trabalho consistiu em estabelecer um código de natureza tal que todos esses figurativos pudessem ser utilizados isolada ou concomitantemente, sem se perturbarem entre si e com uma simplicidade de molde a não estabelecer confusão no espirito dos instruendos, soldados que eram.

Mais tarde applicamol-o com sucesso nos exercícios de combate dos cursos de cabo, sargento e cmt. de pelotão, ao tempo em que servíamos no 4.º B. C.

Examinemos a figuração dos fogos d'infantaria:

N.º 1: auxiliar munido dum plastron vermelho, collocado nas proximidades da arma inimiga, destinado a facilitar aos quadros e á tropa d'exercicio, sua localisação, mormente nos de busca do contacto.

N.º 2: auxiliar munido de duas bandeirolas, branca e vermelha, indicando a branca, fogos dispersos e a vermelha, fogos intensos e ajustados.

N.º 3: corneteiro ás ordens do director d'exercicio, portador de bandeirolas vermelha e branca, as quaes accenadas solicitam cores idênticas ao n.º 2.

Quando esse auxiliar não estiver accenando qualquer dellas o mesmo deverá fazer o n.º 2.

N.º 4: director d'exercicio.

N.º 5: auxiliar munido de bandeirola azul. Normalmente conduzida inclinada para o chão. E' içada á ordem do director. Significa que o G. que lhe segue está sendo attingido.

N.º 6: observador de conducta, portador de bandeirola verde. Mantida na vertical indica que o G. a que serve está agindo com acerto.

A applicação desse figurativo é muito simples. Sínō, vejamos a figura ao lado:

O N.º 2 mantém na vertical a bandeirola vermelha pedida pelo director por intermedio do corneteiro. A arma assignalada pelo plastron estará, então, executando fogos intensos e ajustados contra um dos Gs. do Pel.

Sobre qual delles?

Sobre aquelle que tiver na sua frente uma bandeirola azul erguida, no caso, por exemplo, o 2.º G., facto de que todos os seus componentes se certificarião imediatamente.

O cmt. do G. estará agindo com acerto em face desse fogo intenso e ajustado dirigido contra seus homens?

O director d'exercicio pode estar constantemente junto aos Gs., ainda

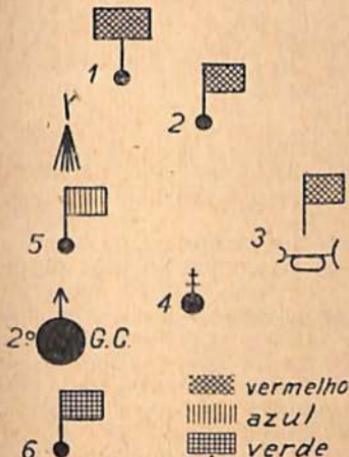


FIG. 2

que montado, para verificar-lhes e aos seus homens, a conducta tactica?

Como saber si o G. aferrou-se ao terreno, si o sargento buscou neutralizar a arma inimiga, si procurou avançar em consequencia.

E' o que resolve o observador de conducta, evidentemente um elemento d'escol, com sua bandeirola verde.

Na instrução do recruta, elle poderá ser o sgt. cmt. do G.. O comando deste executado por um dos cabos, com a vantagem de os exercitar no cmd. imediatamente superior. No pel. de candidatos a cabo, será um dos sgt. auxiliares, ou, depois do primeiro exercicio sobre o assunto, os candidatos mais destacados, revesando-se. Do mesmo modo, "mutatis mutandis" nos cursos de sargentos e commandante de pelotão.

Em se tratando, porém dum pelotão, necessário se torna que cada G. de per si ou todos de uma vez possam ser exercitados.

O código abaixo mostra como se faz isto e tambem como, num dado momento, o director d'exercicio poderá paralisar-o como está, para um exame mais meticuloso ou para uma demonstração, e recomeçá-lo do ponto em que ficou:

| | |
|--|----------------------------|
| Inicio do exercicio..... | toque-Pelotão, avançar ! |
| De pé nos logares em que se acham..... | toque Sentido ! |
| Retornar aos seus logares..... | toque Descançar ! |
| Reinicio do exercicio..... | toque Avançar ! |
| Attenção..... | um silvo longo de apito |
| Fogo sobre o 1.º G. (band. azul)..... | um silvo longo e um curto. |
| Fogo sobre o 2.º G. (idem)..... | um longo e dois curtos |
| Fogo sobre o 3.º G. (idem)..... | um longo e tres curtos. |

Suppõe-se, então, que a bandeirola vermelha do n.º 2 erguida e os Gs. interessados atingidos por fogos intensos e ajustados. Poderá ser um, os dois e mesmo os tres Gs., segundo o fim que tem em mira o director.

De qualquer maneira, porém, si o exercicio deve prosseguir, ou si não se trata duma tomada de contacto, o G. ou os Gs. que agiram de molde a poderem prosseguir devem poder fazel-o. Então:

baixar a band. azul do 1.º G..... 1 silvo longo — 1 curto — 1 longo.
 baixar a band. azul do 2.º G..... 1 silvo longo — 2 curtos — 1 longo.
 baixar a band. azul do 3.º G..... 1 silvo longo — 3 curtos — longo.

Supponhamos, porém, que dois grupos foram detidos. O 3.º G. é empenhado e fica igualmente detido. O contacto estará tomado no que concerne ao pelotão.

O capitão intervém: uma secção de metralhadoras neutraliza o fogo inimigo e o pelotão está em condições de avançar. Evidentemente não se vae fazer baixar de per si cada bandeirola azul. Bastará sómente fazer com que o n.º 2 deixe de accenar qualquer das bandeirolas de que é portador, o que se consegue fazendo o n.º 3, o corneteiro, ter igual conducta.

Passemos á figuração dos fogos de art ilharia:

Consegue-se-a introduzindo mais uma bandeirola, amarela, e silvos de apito, trinados pelo proprio portador da bandeirola.

No momento em que se quer fazer desencandear uma concentração de artilharia, determina-se ao corneteiro que toque-Artilharia, fogo !

Immediatamente os portadores de bandeirolas içam-nas á frente dos grupos em que marcham, fazendo cada um soar o apito de que é portador, procurando imitar o sibilo e o rebentar da granada — um silvo longo e um curto—detendo-se nos lugares em que se encontram.

Pelas proprias fluctuações de marcha desses homens, ou segundo a vontade do director e a finalidade do exercicio, poderão os cmts. de G. e seus homens saber si se encontram dentro, antes ou nas proximidades da orla exterior da barragem e, em consequencia, della procurarão fugir ou esperar que se escoem os 5 minutos de sua duração, para proseguir.

Essas bandeirolas e os silvos d'apito cessarão ao toque-Artilharia, cessar fogo !

A figuração da aviação é ainda mais simples.

Quando um avião inimigo deva sobrevoar a tropa, o director d'exercicio fará tocar Aviação — Inimigo — e em seguida, elle mesmo, com um apito forte e de som diferente, procurará imitar o ronco do motor do avião. Enquanto durar o trinado do apito os homens procurarão se manter immoveisou se escoar pelos caminhos sombrios da direcção de marcha.

Si, porém, se trata do avião de acompanhamento da infantaria, pedindo balisamento (foguete içado pelo corneteiro á ordem do director) ou simplesmente sobrevoando a tropa numa de suas outras missões, bastará fazer tocar simplesmente — Aviação ! sem a sequencia do apito.

A expectativa dos homens, aguardando esclarecimentos sonoros, será bem semelhante a que se encontrará numa realidade, enquanto o avião não fôr reconhecido.

Examinados, agora, esses figurativos, notar-se-á que qualquer delles pode funcionar sem prejudicar qualquer dos outros e que, mesmo, todos elles podem coexistir sem se perturbarem, dando aos exercicios, assim, uma movimentação e creando um interesse que bem satisfazem a condição de serem elles atrahentes, despertando o entusiasmo e a attenção dos exercitandos.

Empregamol-os varias vezes com real sucesso e lembamo-nos de transcrevelos para orientação dos que, de boa vontade, quizerem aproveitá-los.

“Não existem praças fracas desde que haja corações heroicos para defendel-as”.

BAYARD.

Um governo que tem contra si a mocidade é um governo condemnado para sempre.

GRAÇA ARANHA.

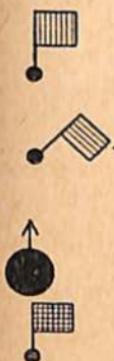


FIG. 3

amarelo
azul
verde

A DEFESA NACIONAL E O SEU NOVO FORMATO

De todos os lados nos chegam aplausos pela nova orientação e novo formato da revista. Esses votos de animo enche-nos de coragem, para que continuemos a erguer a obra que iniciamos com fé, ardorosamente.

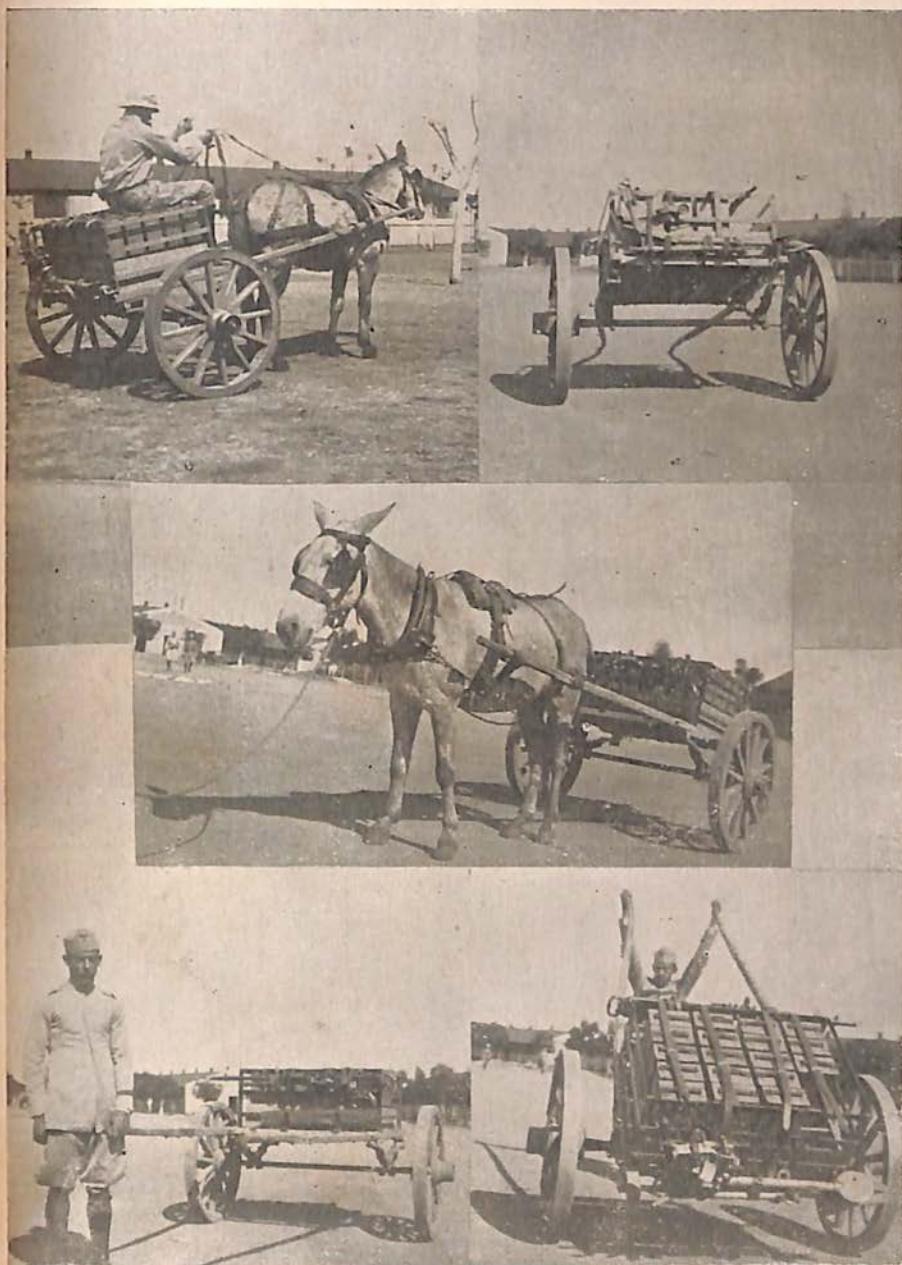
Mas é preciso que fique bem claro não significar esse passo para a frente um repudio do passado. Os actuaes dirigentes de A Defesa são profundamente ciosos da obra constructora da revista e fazem questão de assentar o edifício do futuro sobre o que os antigos realizaram.

Nesse sentido a Defesa appella para os seus antigos obreiros, no sentido de continuarem a prestar os seus valiosos auxilios, não só honrando suas paginas com constantes collaborações, como fazendo propaganda intensa por todo o Exercito e por todo o Brasil do grande entusiasmo que anima a actúal Directoria em ser util á grande classe a que pertencem os seus associados.

Secção de Cavallaria

Redactor: F. D. Portugal

NO 7.º REGIMENTO DE CAVALLARIA

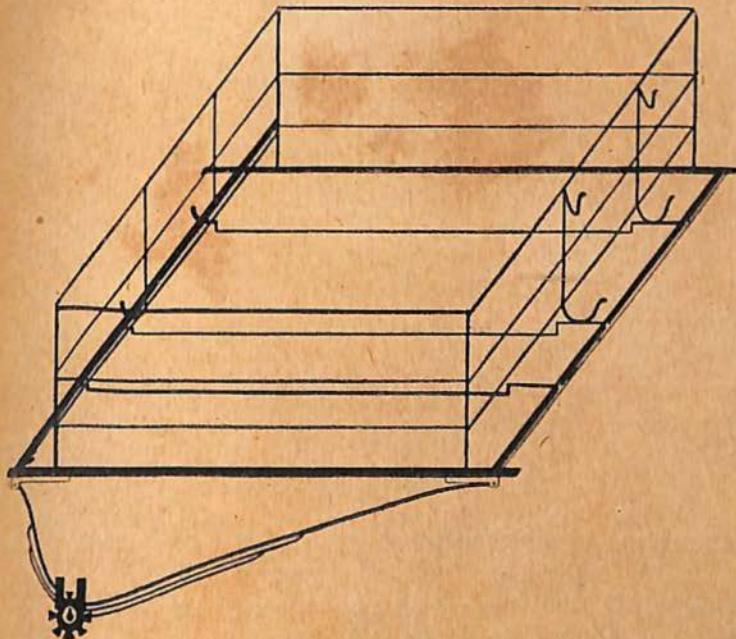


Aspectos da viatura para o transporte de metralhadoras construída pelo denodado 7.º R. C. I.

Viatura para o transporte da metralhadora na cavallaria

O problema do transporte da metralhadora na cavallaria muito tem preoccupado os officiaes da arma, na procura de um typo de viatura que substitua com vantagens o inconveniente transporte em cargueiro.

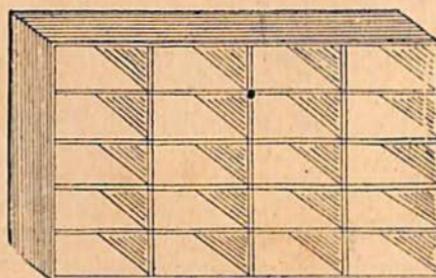
Nesse sentido, é louvavel a dianteira que leva o modelar 7.º R. C. I. que ha muito tempo construiu em suas officinas com os recursos proprios o modelo que damos abaixo e que tem sido experimentado nos seus exerccios e manobras.



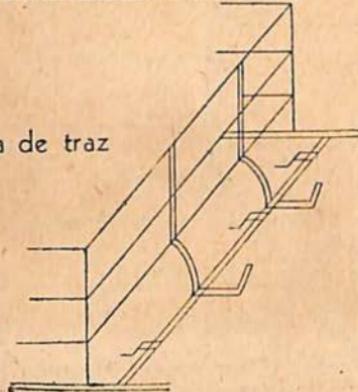
Graças á gentileza do Cap. A. Rolim apresentamos aos nossos leitores os aspectos da interessante viatura, com os

seus principaes caracteristicos. O resultado do esforço do 7.º R. C. I. será certamente apreciado pelos officiaes dos outros

Caixa Porta cofres



Parte vista de traz



corpos e naturalmente aproveitado nos experiencias realizadas para o estabelecimento de um typo conveniente.

CARACTERISTICOS:

DIMENSÕES: — Comprimento do varal: 1 metro e 85
 Varal de 4 cm \times 5, centimetros 5
 Vão dos varaes na ponta: 57 cm.
 Vão das rodas: 1 m 25.
 Altura das rodas 90 cm.
 Largura da chapa: 3 polegadas.

Os estribos da frente (da metralhadora e do cano sobre-salente) são eguaes aos estribos das cangalhas; o mesmo acontece com o estribo do reparo que fica na parte trazeira do carro.

Todas as peças do carro são ligadas com parafusos com porcas.

O caixão introduzido no carro tem vinte divisões.

Os cofres são collocados em pé com as tampas para cima.

As partes de madeira são chapeadas de ferro; no desenho elas estão ponteadas a tinta.

No carro se pôde introduzir um balancinho para acomodar dois animaes de tiro.

O carro comporta o material de uma peça com effectivo de guerra e corresponde ao material de quatro cargueiros (um cargueiro da metralhadora, cano sobre-salente e reparo e tres cargueiros de munição).

Material:

18 cofres de munição

1 cofre com accessorios e sobre-salentes

1 cofre com a machina de carregar, etc.

1 metralhadora

1 cano sobre-salente

1 reparo.

Peso do carro de material:

| | | |
|--------------------------------|-----|------|
| Peso do carro..... | 100 | kgs. |
| Munição e cofres..... | 216 | " |
| Cofre de accessorios, etc..... | 7 | " |
| Coffre da machina, etc..... | 11 | " |
| Metralhadora..... | 24 | " |
| Reparo..... | 24 | " |
| Cano sobre-salente..... | 10 | " |
| Peso total..... | 392 | " |

NOTA — O conductor pôde ir sentado no carro ou a cavalo, do lado, conduzindo o animal de tiro como se fôra um cargueiro.

A instrucção moderna de cavallaria allemã

Traducção do Cap. BAPTISTA GONÇALVES

Um dos cavallarianos mais reputados da Alemanha e que tomou parte em numerosos concursos hippicos, o conde Rothkirch, acaba de fazer a um grupo de cavalleiros das tropas de protecção nacional-socialistas, uma conferencia na qual expoz os processos a empregar nos tempos modernos, para preparar cavalleiros. Sabe-se que o conde Rothkirch, foi admittido na qualidade de official na grande escola de cavallaria italiana em Pinerolo, e que guardou do seu estagio importantes impressões.

Segundo Rothkirch, a instrucção moderna do cavalleiro não pode mais ser dirigida como no passado; a motorização irá mudar o aspecto das lutas futuras e isto deverá ser levado em conta na instrucção do futuro cavalleiro.

O emprego da cavallaria deve ser praticado em terreno variado, através campos, nas regiões onde é de suppor que as formações motorizadas encontrarão certas dificuldades que entravarão sua marcha e mesmo o seu emprego.

Pode-se admittir que as tropas motorizadas conseguem deslocar-se em todos os terrenos, mas o que precisa ser claramente determinadas são as condições de tempo e com que coesão o poderão fazer. Ora, hoje, no ponto em que se encontra a motorização e mesmo para os annos próximos, dar-se-á preferencia, em terreno variado, do emprego da cavallaria porque ainda é o meio ideal e o mais rapido que se possa conceber.

A these acima é a admittida na Italia onde as sessões de equitação no exterior são bastante numerosas. Tendo adoptado este método de instrucção, a escola italiana adoptou também os principios abaixo, segundo os quais a instrucção equestre deve ser dada á tropa.

O cavalleiro ou alumno cavalleiro deve ter a preocupação maxima de não prejudicar os aprumos naturaes do cavalo, nem deturpar os seus movimentos; deve ao contrario favorecer os sem crear obstaculos, dando assim á sua montada uma grande liberdade de rins.

Admitte-se como axioma indiscutivel, na Italia, que um cavalo, ao qual se tenha imposto pelo trabalho certos movimentos, não é utilizable em todos os terrenos e só pode dar dissabores quando utilizado em terreno variado.

O processo mais simples e o mais apropriado para obter bons cavalleiros, á hora actual, é o de dispor de uma *carrière* com pistas dispondo de obstaculos com dificuldades gradativas e na qual os cavalleiros se exercitarão assim de se familiarizarem com os melhores processos para abordar os obstaculos.

Sómente após a pratica desses exercícios na *carrière* e que se abordará a pratica da equitação em todos os terrenos, através campos, onde os obstaculos deverão ser pulados á vontade.

Secção de Artilharia

Redactor: I. J. Verissimo

Auxiliar: Senna Campos

On the 10th of October
at 11.30 a.m. 1861.

O tiro com munição toxica

Pelo 1.º Ten. Art. H. O. WIEDERSPAHN

« *A victoria é o preço do sangue. E' necessario adoptar seus processos ou não fazer guerra alguma. Todas as razões de hymanidade que surgirem nada conseguirão que maiores possibilidades de se ser batidas por um adversario menos sentimental.* » — CLAUSEWITZ.

E' verdadeiramente surprehendente que nossos meios technicos pouco ou quasi nada tenham realizado no tocante á organisação, preparo e fabricação eventual de projectis toxicos de artilharia, apegados aquelles ao pieguismo sentimental de accordos internacionaes constantemente contornados pelos signatarios outros que o Brasil. E no entanto nossa industria bellica ir significante nos levará fatalmente, em caso de conflagração séria interna ou guerra internacional, ao recurso facil e barato da guerra chimica. O brasileiro é engenhoso e nossas industrias chimicas superiores á da propria ilha da Albion.

Assim nossos regulamentos de tiro nada referem sobre o emprego de munição toxica. Não possuimos regulamentos de defesa anti-gaz. Nossas mascaras ainda estão na phase da evolução. No entanto todos os signatarios do tratado de Versalhes se tem preocupado disto e da protecção individual e collectiva de suas populações.

A titulo de sugestão appresentamos aos camaradas de artilharia um esboço a respeito do tiro com munição toxica. Poderá servir de pequeno subsidio aos zelosos pelas cousas da defesa nacional e do preparo individual, para o lance extremo que é a guerra.

Ao emprego da munição toxica foi sempre oposta pelo adversario uma severa disciplina de gaz e apparelhos de protecção

individual, cada vez mais aperfeiçoados. Comtudo durante as ultimas campanhas na Europa e na Asia ficou claro que mesmo nestes casos se podem obter bons resultados:

- a) quando o inimigo é surprehendido pelos gizes sufficientemente concentrados e lança não tarde demais de sua mascara de protecção;
- b) quando a duração do bombardeio com projectis de gaz é tal que o inimigo, por fim, não supporta mais o uso da mascara;
- c) quando a presença do gaz não é notada;
- d) quando o apparelho de protecção do adversario não é suficiente a se contrapor ao novo gaz empregado.

No primeiro caso teremos um tiro de surpreza, no segundo um tiro de neutralização ou de longa duração, no terceiro, com granadas semi-explosivas, o de infecção, e no quarto caso um tiro de infecção, usando granadas de gaz penetrante.

O tiro com as granadas toxicas semi-explosivas não differe em nada ao com a explosiva commum. Seu emprego foi exclusivo allemão. Em principio sempre se previa para cada tiro com granadas explosivas certa percentagem, que variava de 15 % a 50 % do total, daquellea munição que age a um tempo pelos estilhaços e pelos gizes que contêm. Tem maior efficacia que os typos de granadas simples de gaz.

Eram empregadas as granadas semi-explosivas em rajadas violentas com a maior velocidade possivel, ao ser desencadeado o tiro. Estas rajadas eram daqui e dali renovadas no decorrer do tiro com granada explosiva. Da mesma forma faziam parte da munição empregada nas barragens rolantes, nos ataques allemães de 1918 na França.

Era esta munição considerada de urgencia e apresentavam grande efficacia contra pessoal. Os de gaz tipo "Cruz-azul explosivos" de campanha eram empregados com successo contra artilharia em posição e ninhos de metralhadoras quando se exigia uma paralisação rapida e temporaria daquelles orgãos de fogo inimigos.

Segundo os regulamentos allemães, em caso de necessidade,

esta munição mixta podia ser empregada em qualquer estado das condições atmosphericas.

Quanto aos projectis toxicos fundamentaes "Cruz azul", "Cruz verde" e "Cruz amarella", seu emprego dependerá dos resultados que se tem em vista attingir. Em traços geraes a doutrina franceza está concorde com a allemã. Assim podemos considerar tres generos de tiro com munição toxica: o de surpreza, o de neutralização, o de infecção e o de interdicção.

TIROS DE SURPREZA

Tem por fim por immediatamente fóra de combate uma tropa inimiga lançando sobre ella um grande numero de granadas toxicas fugazes, cuja acção não permitta a collocação em tempo das mascaras de protecção.

Devem ser executados em rajadas violentas e de curta duração, cerca de 2 minutos, sem regulação prévia sobre o objectivo e por isso com alça unica. A precisão deve ser tal que a rajada cubra o objectivo.

— Este tiro de surpreza é geralmente executado com os "toxicos fugazes" francezes e os "Cruz verde" allemães, porque só estes têm uma acção aggressiva immediata e consideravel e muitas vezes mortal. Tambem pode ser executado com a segunda cathegoria franceza, os "toxicos semi-persistentes", mas sua acção não costuma ser mortal e seus effeitos immediatos não passam de lacrimogeneos, irritantes ou mesmo ligeiramente vesicantes.

— Para que a acção deste genero de tiro seja efficaz é preciso que satisfaça a tres condições primordiaes:

a) Uma surpreza que não permitta a regulação prévia sobre o objectivo. Será o tiro de efficacia executado mediante um transporte de tiro apóis uma regulação sobre alvo-auxiliar ou apóis verificação corrigida sobre alvo-testemunha.

a) A rapidez: para que o inimigo não tenha o tempo necessario para lançar mão da mascara. O tiro de efficacia não

deverá pois ultrapassar a duração de 3 minutos, sendo em media de apenas 2 minutos.

c) *Acção toxica immediata: obriga o emprego dos productos cuja acção instantanea se produz mesmo antes de haver tempo util para a collocação das mascaras. Obriga o emprego dos fugazes ou "Cruz Verde".*

Estas granadas cobrem em media cerca de $5m^2$ para o 75 e $50m^2$ para os 120 e 155. Este fraco raio de acção exige tiros bastante precisos com alça unica e grande consumo de projectis. Este é para o 75 de 200 a 400, segundo a distancia e a frente, e para o 155 apenas um quarto deste numero, em se tratando do alcance maximo para uma frente de 100 metros.

d) *A precisão: que exige uma regulação sobre alvo auxiliar até a phase da melhora inclusive, podendo ser empregado granadas explosivas do mesmo peso dos toxicos ou projectis especiaes de regulação, nas mesmas condições.*

Devem ser feitas com o maximo cuidado todas as operações do transporte do tiro e sempre empregando para o tiro de efficacia o mesmo lote de polvora usado na regulação.

Atirar sempre com alça unica e não esquecer de acrescentar 1/6 do garfo para o vento. Quando este ultrapassar a 5 m. de velocidade, o tiro não deve ser desencadeado.

TIROS DE NEUTRALISAÇÃO

Tem por fim obrigar o adversario a collocar e conservar a mascara por bastante tempo, afim de lhe roubar grande parte de sua liberdade de acção.

E' pois um "tiro de longa duração" com as cathegorias francesas dos toxicos semi-persistente e persistentes ou com os gases "Cruz azul" e "Cruz amarella" allemães, de acordo com os resultados a attingir.

Os "Cruz verde" podem iniciar o tiro quando se quizer uma collocação immediata das mascaras inimigas e quando a neutralização for prolongada empregar-se-ão os "Cruz amarella".

Normalmente, no caso da preparação de um ataque, empregam-se os "Cruz azul" e os semi-persistentes franceses.

Caso não for exigida a surpresa, pode ser o tiro regulado directamente sobre o objectivo. Assim obter-se-á maior precisão que no caso do transporte do tiro.

Também neste género de tiro é a precisão uma das condições necessárias para a efficacia, em vista do fraco raio de ação dos projectis empregados. Um tiro escalonado só traria ação toxica para os projectis que caissem nas proximidades do objectivo, tornando precária a neutralização.

Dahi concluimos que o mecanismo do tiro de efficacia deverá ser com alça unica de duração subordinada à neutralização que se quizer obter.

Empregando munição da categoria francesa dos semi-persistentes, o consumo de granadas, necessária para manter uma densidade toxica suficiente para obrigar o uso das máscaras, será por 100 metros de frente:

de cerca de 125 para o 75
e de 50 para o 155.

Neutralizando com "Cruz amarela" ou "persistentes", o consumo de granadas a prever para cada 100 metros de frente variará com a precisão do tiro e com a grandeza do desvio provável, isto é com a distância.

Dahi, para um tiro preciso:

| | $Ep < 25$ | $Ep < 50$ |
|---------------|-----------|-----------|
| com 75 | 500 | 1.000 |
| com 155 F. A. | 500 | 100 |

Si não houver necessidade sinão de um enquadramento de um garfo:

| | | |
|-----------|--------|-------|
| 75 | 12.000 | 2.400 |
| 155 F. A. | 12.000 | 225 |

Si por um meio qualquer se tiver a alça de régulaçao antes do desencadear do tiro, pode-se executar tambem neste caso um tiro de surpreza. Comtudo é sempre recomendavel executar, findo o tiro de neutralisaçao, um tiro de surpreza de 15 a 20 minutos de duraçao afim de apanhar os homens que naturalmente terão tirado as mascaras incommadas.

Nos casos de neutralizaçao com yperite é conveniente lançar de tempos em tempos, rajadas com granadas explosivas para revolver o solo e aumentar assim os efeitos agressivos do vesicante.

TIROS DE INFECÇÃO

Têm por fim infecciar certas zonas onde o inimigo se encontra para desgastar seus efectivos, obrigar-o a evacuar estas zonas e assim perder os beneficio das installações já feitas para as baterias, os observatorios, P. C., centraes telephonicas e agir assim sobre seu moral.

São executados com os vesicantes de grande persistencia, com tiros sobre zonas mais ou menos vastas, com projectis de yperite ou "Cruz amarella".

Como a superficie infectada por um só projectil varia com o calibre e quantidade, tambem variará com a zona que deve ser infeccionada.

Para 75 temos $20 m^2$. por granada e para o 155, $200 m^2$. Dahi, si S for a superficie total da zona, o consumo será:

$$\frac{S}{20} \text{ para o 75 e } \frac{S}{200} \text{ para o 155.}$$

TIROS DE INTERDIÇÃO

Têm por fim difficultar o transito do inimigo em certas estradas e caminhos, em pontos de passagem obrigatoria, a permanencia em lugares de trabalho, pontos de reabastecimento,

nas estações, etc. obrigando-o a usar constantemente as máscaras nestes pontos.

São executados geralmente com toxicos persistentes de agressividade immediata. Se o forem com yperite, se confundirão com os de infecção.

São tiros sobre zona.

Como no caso da neutralização, a missão ainda é obrigar ao inimigo o porte das máscaras de protecção. Mas aquelle caso se applica principalmente ás tropas na frente (baterias, trincheiras, metralhadoras, etc.), enquanto o de interdicção é executado sobre as tropas da retaguarda e os serviços, para difficultar e tomar mais lentos seus movimentos e seus trabalhos, fatigando-os mais rapidamente.

Pelas mesmas razões dos tiros de neutralização, si o objectivo a ser interdictado é pouco profundo o tiro de efficacia será com alça unica e mesmo consumo que para aquelles.

Si o objectivo for escalonado e de superficie S, o tiro de efficacia será tambem escalonado e seu consumo horario será de

| | |
|---|----|
| S | S |
| <i>cerca de</i> —— <i>para o 75 e</i> —— <i>para o 155.</i> | |
| 5 | 50 |

Si S estiver comprehendido entre 10 e 50 Ha, divide-se este consumo por 2 e si S for superior a 50 Ha, divide-se por 4.

Acabam de sahir os ensaios sobre factos de nossa História Militar, reunidos com o titulo de CANNAE E NOSSAS BATALHAS, da autoria do 1.^º ten. H. O. Wiederspahn. Estes ensaios, alguns dos quaes já divulgados pelas paginas desta revista, dispõem de 30 esboços, a maioria dos quais a tres côres. Interessam a todos estudiosos da Arte da Guerra.

Acha-se á venda na Gerencia desta revista. Preço 7\$000.

Artilheiro amigo. Confira a lista abaixo para ver se sua bibliotheca está completa.

| | |
|--|---------|
| <i>Mémoires, Marechal Joffre.....</i> | 87\$400 |
| <i>Noções de topographia de campanha, General Paes de Andrade.....</i> | 7\$000 |
| <i>Noções de desenho topographico, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i> | 8\$000 |
| <i>Noções de topologia, Ten. Cel. Paulino de Souza.....</i> | 5\$000 |
| <i>Questions d'Artillerie antiaérienne, Cmt. P. Nauthier</i> | 7\$100 |
| <i>Manuel du Gradé de l'Artillerie.....</i> | 16\$800 |
| <i>Balistica externa, Cap. Morgado da Hora.....</i> | 14\$000 |
| <i>A Técnica do Tiro de Costa Cap. Ary Silveira.....</i> | 30\$000 |
| <i>Notas sobre o emprego da artilharia, Major I. J. Veríssimo.....</i> | 10\$000 |
| <i>Defesa de costa e o tiro costeiro, 1.º Ten. Gomes da Silva.....</i> | 8\$000 |
| <i>O tiro da artilharia de costa, (tradução).....</i> | 4\$000 |
| <i>Ligações e Transmissões, Cap. Josette.....</i> | 6\$000 |
| <i>Signalização a braços e óptica, Cap. Lima Figueiredo</i> | 1\$000 |
| <i>O principiante de rádio, Cap. Lima Figueiredo.....</i> | 3\$000 |
| <i>Transposição dos cursos d'água para todas as armas, Cap. Lima Figueiredo.....</i> | 3\$000 |
| <i>Notas à margem dos exercícios táticos, Major Travassos.....</i> | 6\$000 |
| <i>Telemetros, Ten. Cel. Dermeval.....</i> | 3\$000 |
| <i>Orientação em campanha, Ten. Cel. Dermeval.....</i> | 3\$000 |

Para o porte cobramos de \$500 a 1\$000 por volume.

Secção de Artilharia de Costa

Redactor: J. Bina Machado

O “Centro de Instrucção de Artilharia de Costa”

(C. I. A. C.)

Pelo Major BINA MACHADO

Correspondendo, com a maior satisfação, aos numeros pedidos de camaradas da Artilharia, de todas as guarnições, sobre o que é, o que faz e como vive o C. I. A. C., e tambem, attendendo ao pedido honroso de collaberação da “A Defesa”, redigi estas notas, com as quaes procuro informar a todos os companheiros acerca da vida do Centro.

Estou certo que a muitos interessarão estas informações, principalmente aos que têm procurado colher dados sobre condições de matricula e se vêm preparando para cursar este novo e promissor estabelecimento de ensino do nosso Exercito.

Creação do Centro — Velha aspiração dos verdadeiros artilheiros de costa — uma escola de formação de graduados e de aperfeiçoamento para os officiaes, veiu ser satisfeita com a criação, em janerio de 1934, do Centro de Instrucção de Artilharia de Costa, para cujo funcionamento foram baixadas, em Portaria de 19 de Abril, umas “Instruções Provisorias”. Deve-se, principalmente, a criação do Centro, á iniciativa da Inspectoria da Defesa de Costa, que encontrou no E. M. E. e, por fim, no Ministro, o decisivo e franco apoio para a sua realização.

Essas “Instruções” fixaram a organização do Centro e sua composição; atribuições de administração, do Departamento do Ensino e da Missão Militar Americana, já contractada nos Estados Unidos da America para a orientação

do ensino e direcção dos trabalhos escolares, e, por fim, faziam applicar ao Centro todos os dispositivos das Escolas de Armas que lhe fossem applicaveis, principalmente, os referentes aos trabalhos escolares e sua dependencia do E. M. E.

Creado em Janeiro, effectivamente organizado em Abril, quando foi entregue á sua administração a sua séde provisoria e dada verba para sua installação, sómente em Julho tiveram inicio os trabalhos escolares, com a abertura dos Cursos de Officiaes e de Sargentos.

E' que aguardava-se a chegada da M. M. A., o seu primeiro contacto com as auctoridades e pessoal de administração do Centro o seu conhecimento de nossos recursos e as possibilidades de nossa Artilharia de Costa, para que tudo se pudesse organizar com ordem, methodicamente.

Primeira administração do C. I. A. C. — Era pequeno o quadro do pessoal da administração do Centro: — um coronel, commandante; um major, sub-commandante; um 1.º tenente, ajudante, secretario e commandante do Contingente Especial e um Pagador-almoxarife, respectivamente o Sr. Cel. Antonio Fernandes Dantas, o signatario destas notas, o actual Cap. Aristoteles Domiciano dos Santos e o 1.º Ten. Manoel do Nascimento de Jesus.

A elles coube a tarefa de organizar o Centro. Sob a orientação de seu commandante, foi realizado o maximo que se podia logicamente esperar, e que, é grato dizer, foi o que é hoje o C. I. A. C.

Missão Militar Americana — Compõem a M. M. A. o Sr. Ten. Cel. Rodney Smith e o Cap. W. D. Hohenthal, ambos pertencentes ao Corpo de Artilharia de Costa dos Estados Unidos da America. Como é de todos sabido, a Defesa de Costa dos Estados Unidos acha-se entregue ao Exercito e, portanto, é aos seus quadros, constituidos em uma arma especial e independente — a Artilharia de Costa, que perten-

cem os elementos de artilharia, que constituem parte integrante da defesa das costas.

O Ten. Cel. Rodney Smith, que já conheciamos atravez seus artigos sobre defesa de costa, traduzidos em nossa Revista Militar Brasileira, é um official de destacado renome em seu paiz.

Oriundo de uma familia de militares, desde a famosa Escola de West Point se tem destacado nos cursos que fez e que são: curso para Capitão e Tenente e Curso de Official Superior da Escola de Artilharia de Costa do Fort^o Monroe; Curso de Commando e Estado Maior; Curso de Escola Superior de Guerra e da Escola Superior da Marinha.

Dentre as commissões que tem desempenhado, destacam-se as seguintes: Instructor e Director do Departamento de Tactica da Escola de Fort Monroe; commandante de bateria, grupo e regimento de Artilharia de Costa; commandante do "Forte Wadsworth", á entrada de Nova-York.

Foi durante longo tempo Chefe do Estado Maior da Brigada de Artilharia de Costa das Ilhas Hawaii, tendo tambem servido nas Ilhas Philippinas, como commandante de um Regimento de Artilharia Pesada Motorizada.

Ultimamente era membro da 2.^a secção do Grande Estado Maior do Exercito.

Fez parte das Forças Expedicionarias Americanas, durante a Grande Guerra.

O Capitão Hohenthal procede da Universidade da California, tendo feito os Cursos de Artilharia de Costa e Engenharia Superior, da Escola de Fort Monroe, e o da Escola de Guerra Chimica, no Arsenal de Edgewood.

Foi durante alguns annos instructor da Escola de Fort Monroe, sendo um consumado especialista em topographia e geodesia e em technica de tiro, cujos conhecimentos sobre systemas mechanicos de predição e transmissão de dados, ao par de especial aptidão para a construcção de apparelhagem mechanica, para o "controle do tiro" têm sido grandemente apreciados no Centro.

Foi commandante de bateria e batalhão de artilharia de costa sobre trilhos e motorizada, bem como de unidades de artilharia-anti-aérea.

Serviu em estado maior de regimento, brigada e divisão, respectivamente como Ajudante, Official chimico e de Informações.

Suas commissões no exterior foram feitas na China, nas Philippinas e em Hawaii.

Corpo de instructores — Para auxiliar o serviço da M. M. A. foram designados alguns officiaes brasileiros, com o caracter de instructores e auxiliares de instrucção. São elles o Cap. Ary Luiz Monteiro da Silveira, e Joaquim José Gomes da Silva, ambos conhecidos pelos seus trabalhos sobre artilharia de costa, onde serviram durante longo tempo, e o Cap. Alexandrino Pereira da Motta, com os Cursos de Estado Maior e Escola de Guerra Naval.

Para o Curso de Sargentos foram designados os Capitães Altamiro da Fonseca Braga, seu director, e Carlos Sayão Dantas, instructor, tambem ambos provenientes da artilharia de costa. A expectativa em torno desses officiaes instructores, que deviam chegar ao fim do curso em condições desvantajosas, em relação aos officiaes alumnos, unicos possuidores de um diploma do C. I. A. C., foi plenamente correspondida, dados o interesse, a dedicação e os esforços dispendidos por todos. Sua situação, para com o curso, já foi resolvida: serão submettidos a exame de todas as matérias do curso, em fins do segundo anno lectivo, em igualdade de condições com os alumnos. E' que ao Centro, interessa sem duvida, aproveitá-los no seu segundo anno de experiência e prática de instructores, quando muito poderão produzir. E de sua intelligencia e operosidade, muito espera o Centro.

O "DEPARTAMENTO DO ENSINO"

Composição — O "Departamento do Ensino" comprehende a "Direcção do Ensino", o "Corpo de Instructores" e o "pessoal auxiliar".

A "Direcção do Ensino", com suas aatribuições marcadas nas "Instrucções", tem a seu cargo a superintendencia de todos os assumptos referentes ao ensino e á instrucção do C. I. A. C.

Orientação geral do ensino; programmas e horarios; organização, publicação e distribuição de notas de aulas e conferencias; divulgação dos assumptos referentes ao ensino; trabalhos escriptos e praticos, coordenação e fiscalização dos trabalhos dos instructores, taes são os encargos normaes da Direcção do Ensino.

Para a execução dos seus trabalhos, ella dispõe de um "Director", o Chefe da Missão Militar Americana, e um Major Sub-Director; do "Corpo de Instructores, composto de um official da Missão e dos instructores e auxiliares, já citados, e do "pessoal auxiliar": datylographos, desenhista-cartographo e auxiliares.

Material — O material de que dispõe o "Departamento de Ensino" para a instrucção, embora ainda escasso, tem sido cuidadosamente escolhido e selleccionado. Todo elle corresponde ás necessidades do Centro, nas diversas materias do ensino. Além de mappas, cartas e planos; material de desenho o mais completo; photographias, quadros e pranchas sobre material; mostruários de espoletas e estopilhas, o Centro recebeu do E. M. E. e de alguns estabelecimentos de ensino, excellente material, tal como dois theodolitos modernos, pranchetas topographicas, goniometros-bussola, alidades niveladoras, declinatorias, binoculos; bom material de observação do tiro e um excellente e moderno telemetro estereoscopico de Zeiss. Já iniciou sua bibliotheca, especializada em assumptos de defesa de costa, para a qual encommendou grande e escolhida relação de obras de valor. Foi tambem construida, em local apropriado, uma "Camara de Levantamento" para o tiro, a qual está sendo equipada com o material indispensavel.

Do ensino — O methodo de trabalho do Centro, prescrito pela Missão Americana, applica-se a todas as materias dos diferentes cursos: 1.º) noções theoricas indispensaveis e sufficientes á perfeita concepção do assumpto a tratar; 2.º)

estudo partico ou applicação, projecto, execução ou realização da materia estudada; 3.º) theoria completa do assumpto estudado.

Para isso, todo o ensino comporta uma divisão em *theorico* e *pratico*.

Dentro dessa idéa geral, o ensino se professa por meio de:

— aulas theoricas, conferencias ou exposição para os alumnos em conjunto, procurando-se, de preferencia, a discussão por parte de todos, do assumpto tratado e distribuindo-se ao fim da sessão, notas impressas sobre a materia estudada;

— aulas praticas, desde as simples construcções de graficos e abacos, ao estudo e projecto dos apparelhos e mecanismos utilizados pela Artilharia de Costa na direcção do tiro, e construcção desses apparelhos;

— aulas praticas sobre material de artilharia;

— trabalhos especiaes de tabelamento e estatistica de dados referentes á defesa de costa, seu material, munições, polvoras, etc., executados por *turmas* de alumnos, cada uma encarregada de um assumpto especial;

— trabalhos escriptos para cada materia, em sala ou em domicilio;

— visitas a fortificações, navios de guerra, arsenaes, etc.

— sessões de tactica da defesa de costa, com exercícios sobre a carta e plano em relevo da região das fortificações;

— exercícios de tiro real, pela Unidade-escola;

— exercícios de tiro real de um agrupamento tactico.

As materias que constituem o curso de Officiaes são:

Parte Geral

- 1 — Orientação e levantamento. Determinação de posição.
- 2 — Princípios do tiro de artilharia.
- 3 — Materiaes de artilharia em geral.
- 4 — Protecção contra gazes.
- 5 — Tactica e technica da defesa anti-aerea.

- 6 — Communicações telephonicas e systemas de marcação tempo.
- 7 — Construcção de tabellas, graphicos e abacos para o tiro.
- 8 — Soluções mechanicas do problema da determinação da posição dos objectivos.
- 9 — Systemas de transmissão de commandos.
- 10 — Cuidado e manejo da munição.
- 11 — Organização e serviço da bateria de tiro.
- 12 — Estrategia e tactica da defesa de costa.

Parte Pratica

- 1 — Desenho e construcção de uma prancheta (typo Cloke).
- 2 — Desenho e construcção de um corrector de percentagem da alça.
- 3 — Desenho e construcção de uma prancheta de correcção de deriva.
- 4 — Desenho e construcção de um indicador de correcções de vento.
- 5 — Desenho e construcção de um sistema de predição continua de dados para o tiro.
- 6 — Desenho e construcção de um sistema de marcação de intervallos de tempo.
- 7 — Preparação de mappas de direcção de tiro.
- 8 — Tabellamento de dados referentes ás munições das Fortificações do 1.º D. A. C.
- 9 — Tabellamentos de dados de orientação referentes á defesa do Rio de Janeiro.
- 10 — Preparação de listas de nomenclatura padrão (instructores).
- 11 — Desenho e construcção de uma prancheta de observação (instructores).

Sobre algumas dessas materias passo a dar um pequeno resumo do seu objectivo e de como são desenvolvidas.

Orientação e Levantamento: E' uma interessante applicação á Artilharia de Costa das multiplas funcções do Official Orientador, já nosso conhecido em campanha. Despertou na actual turma de alumnos o maior interesse. Começando pela util recordação de todos os principios da topographia, com ligeiras noções de geodesia e astronomia, tem-se em vista tornar o official capaz de executar todas as operaçoes topographicas indispensaveis ás necessidades da defesa: levantamento de pontos e direcções, determinação de coordenadas, para a confecção de tramas de tiro e planos directores, etc. A praticagem com os apparelhos de topographia, pranchetas e theodolito, é grandemente desenvolvida, ficando todos os officiaes aptos a dirigir e executar qualquer trabalho prescripto a um Official Orientador. E não se diga que á Artilharia de Costa, não interessam as funcções de Official Orientador, pelo facto de não consignarem nossos mappas de organização e effectivos tal função á Costa. E' que, em geral, fazemos uma idéa muito restricta e imperfeita sobre as necessidades em materia dessa natureza, mesmo fóra do litoral...

Instrucção Geral para o Tiro de Artilharia de Costa — E' a parte principal do Curso. Vae desde as noções theoricas referentes ao tiro de costa, frizando as suas particularidades, num verdadeiro "Curso de Tiro", ao estudo de todos os problemas technicos ligados á sua realização:

Serviço de identificação dos objectivos e levantamento da sua derrota, e por fim de "predição do tiro", que é a "preparação do tiro".

Serviço das peças e baterias.

Regras de tiro; sua execução, observação e regulação.

Cada uma dessas partes constituem assumptos especiaes.

Assim é que, por exemplo, a parte referente á preparação do tiro, comporta o estudo da identificação dos objectivos; levantamento de sua derrota; predição; estudo de toda a apparelhagem necessaria a tales serviços, desde as simples tabellas, graphicos, abacos e diagrammas, ás pranchetas de levanta-

mento, reguas de predição, de correções de alça, de vento, etc., aos systemas de transmissões de dados das estações de direcção de tiro ás peças, para, por fim, estudar, theorica e praticamente, os “calculadores”, “preditores” ou “directores de tiro”. Este estudo, particularmente, é de especial interesse para a nossa Artilharia de Costa, pois que, começando pelo estudo dos simples graphicos, etc., passa por um excellente curso de “Mechanica applicada”, em que são mostrados aos alumnos, no correr das aulas, todos os systemas de tabellas mechanicas, engrenagens, articulações, multiplicadores, mostradores, etc., para finalizar na confecção ou construcção das apparelhagens estudadas, no Arsenal de Guerra, de todo o material de direcção de tiro necessário não só ao Centro, como ás baterias de costa.

Nesta materia, a parte denominada “Systemas mechanicos”, foi das mais interessantes e attrahentes, pelo cunho de originalidade para nós, cujo ensino tem tido sempre uma directriz bem diferente da orientação eminentemente prática do ensino nos Estados Unidos e alguns paizes da Europa.

A cadeira de “Systemas Mechanicos” começa com a transformação em graphicos, abacos, diagrammas, etc., das simples leis physicas e mathematicas, dos postulados balísticos e dos elementos de uma tabella de tiro.

Construcção de reguas de calculo; abacos mechanicos de determinação de componentes de vento.

Transformação de uma tabella de tiro em graphicos ou escalas de correspondencia.

Estudo de engrenagens simples, connexões, articulações, transmissões, cames e camoides, excentricos, etc.

Apparelhos ou engenhos mechanicos de sommar, subtrair, multiplicar e dividir. Multiplicadores e integradores. Systemas de transmissão. Marcadores. Mostradores. Preditores. Calculadores.

Tudo isso, estudado theorica e praticamente, com abundancia de detalhes, para se chegar á concepção dos modernos “calculadores” ou “directores de tiro”.

Basta um exemplo, o de um trabalho dado aos alumnos, para se ter uma idéa do valor dessa materia:

"Projectar e desenhar na escala de construcção, um mostrador automatico, para as durações de trajecto (em 1/10 de segundo) e angulos de tiro (em milesimos) correspondentes aos alcances em dezenas de metros, para o material Krupp 150, no qual deverá ser o mesmo adoptado".

A officina, que se organizará este anno no Centro, permitirá dar a esta materia um notavel desenvolvimento, cuja utilidade não carece de justificativas.

Protecção contra gazes — Visando principalmente o estudo da defesa individual e das praças fortificadas contra os efeitos dos gazes de combate, é um curso completo e interessante que se fez no Centro. O instructor, Cap. Hohenthal, que possue o Curso da Escola de Guerra Chimica de seu paiz, deu especial aspecto ás suas aulas, com documentação interessante e preciosas informações.

Defesa Anti-Aérea — E', indiscutivelmente, o curso mais completo dessa materia, que temos tido até hoje entre nós.

Resente-se o ensino da falta de uma bateria anti-aérea para a execução do tiro, o que viria completar, com grande proveito, as suas utilissimas aulas technicas de tiro. E' possível que a tenhamos em breve. A parte tactica, — emprego de artilharia anti-aérea no ambito da defesa de costa, bem como a technica, estão sendo estudadas á luz da doutrina americana, pela traducção de seus manuaes de defesa anti-aérea.

Material de Artilharia, Transmissões, Telemetria, Munições e Explosivos — São outras materias do Curso, de menor extensão, porém, de não menor interesse. O material indispensavel a sua completa aprendisagem, será, no proximo anno, grandemente augmentado.

As duas materias finaes do Curso, são: *Organização e Estrategia e Tactica da Defesa de Costa.*

Basta ennumerar as aulas dadas no corrente anno, para que se possa avaliar do seu interesse e do valor das mesmas.

- I — Organização Geral da Defesa de Costa
- II — *Art. de Costa* — Organização, Serviço e Emprego das Bias. fixas.
- III — » — Organização, Serviço e Emprego das Bias. motorizadas
- IV — » — Organização, Serviço e Emprego das Bias. s/ trilhos.
- V — » — Organização, Serviço e Emprego dos grupos fixos.
- VI — » — Organização, Serviço e Emprego dos grupos motorizados.
- VII — » — Organização, Serviço e Emprego dos grupos s/ trilhos.
- VIII — Organização da Artilharia de Costa e 1 Grupamento e 1 Sector.
- IX — Organização, Funcionamento e Emprego do 1.º D. A. C.

(ESTRATEGIA E TACTICA DA DEFESA DE COSTA)

- I — Defesa de Costa — Princípios e Doutrina.
- II — Sistema geral de Defesa de Costa
- III — Natureza dos ataques contra as costas Marítimas e Acção Geral do Exército contra os mesmos.
- IV — Operações de uma Expedição inimiga de alem-mar e sua defesa.
- V — Carácter dos ataques puramente navaes; Formação dos Navios; características dos navios de Guerra.
- VI — Operações Navaes dos Dardanelos.
- VII — » » » »

Taes materias, que serão devidamente desenvolvidas no proximo anno lectivo, principalmente no Curso de Officiaes Superiores, são de grande e palpitante interesse.

De cada uma dessas duas ultimas materias o Sr. Ten. Cel. Smith realizou uma conferencia na Escola de Estado Maior por designação do Sr. Chefe do E. M. E.

Regimen de trabalho — O regimen de trabalho no C. I. A. C. apresenta algumas particularidades interessantes.

O *programma annual* é organizado pela distribuição das materias do Curso pelo anno lectivo, subsequentemente. Estabelece-se o numero de aulas destinado a cada materia, p. ex.: 80 — para Orientação e Levantamento; 162, para Technica de Tiro; 12 para Defesa contra gazes; 6 para Emprego e cuidado das munições, afóra as outras.

O anno lectivo comporta, por exemplo, 576 tempos de aula (3 em cada manhã). Repartem-se, sucessivamente, as materias ao longo dessas 576 horas ou sessões, correndo, porém, simultaneamente, duas ou mais materias.

No numero de aulas para cada uma, já se acham incluidas os trabalhos escriptos, exames etc. Isso tudo é traduzido em um graphic, distribuido aos alumnos, que ficam assim, de antemão, conhecendo o desenvolvimento dos trabalhos escolares, do principio ao fim do anno.

Curso de Sargentos — Não exitarei em dizer que o Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos é o mais completo e rigoroso que já fizemos entre nós para os sargentos. Submettidos os candidatos a um exame de selecção, que mais tinha por fim proporcionar aos instructores um conhecimento perfeito das possibilidades de cada alumno, seu gráu de adeantamento e o nível da turma, o Curso de Sargentos desenvolveu-se regularmente durante todo o anno lectivo, sendo notaveis os progressos obtidos com os mais fracos, e excellentes os resultados geraes com a turma.

Versava o Curso sobre duas cathegorias de materias; uma parte fundamental (portuguez, arithmetic, noções de

algebra, de geometria e de topographia) e uma parte profissional.

Sobre os seus resultados nada mais é necessário acrescentar ao que informa o Director do Curso, em seu relatorio do fim do anno lectivo:

Matriculas — Foram matriculados no curso, em o anno de 1934, 19 sargentos, sendo 1 sargento ajudante, 5, 1.^{os} sargentos e 13, 2.^{os} sargentos.

Exame de selecção — Prestaram exame de selecção 20 candidatos, sendo aprovados 16 e considerados como não podendo acompanhar o curso 4; não prestaram esse exame 1 sargento ajudante, 1 1.^o sargento.

Trancamento de matricula — Durante o curso pediu trancamento de matricula 1 1.^o sargento.

Desenvolvimento do Curso

Regimen de aulas — As aulas funcionaram diariamente, (excepto domingos e feriados) das 8,30 ás 12,30, com uma media de 3 disciplinas.

Trabalhos escriptos — Semanalmente são executados em media 3 trabalhos escriptos em sala.

Além disso, os alumnos são encarregados de certos trabalhos em domicilio.

Numero de aulas dadas de cada materia — As materias leccionadas no Curso de Sargentos foram em numero de 12, assim distribuidas:

I — Portuguez — 75 lições — 15 trabalhos escriptos em sala.

II — Arithmetica 67 lições — 8 trabalhos escriptos em sala.

III — Algebra 32 > 5 trabalhos escriptos em sala.

IV — Geometria 47 > 6 trabalhos escriptos em sala.

- V — Topographia 40 lições — 5 trabalhos escriptos em sala.
- VI — I. G. T. A. C. 51 » — 5 trabalhos escriptos em sala.
- VII — Transmissões 51 » — 3 trabalhos escriptos em sala.
- VIII — Telemetria 20 » — 3 trabalhos escriptos em sala.
- IX — Organização e Serviço da bia. de tiro 30 » — 3 trabalhos escriptos em sala.
- X — Munição e Paióes — 30 lições — 5 trabalhos escriptos e trabalhos a domicilio.
- XI — Protecção contra gazes — 10 lições — 2 trabalhos escriptos.
- XII — Nomenclatura e Serviço da peça — 20 lições — 2 trabalhos escriptos e trabalhos a domicilio.
- Total — 438 lições — 61 trabalhos escriptos em sala.

Resultados — Os trabalhos executados tiveram o seguinte resultado:

Entre 0 e 4 (inclusive) — 179

Entre 4 e 8 (inclusive) — 511

Entre 8 e 10 (inclusive) — 291 (sendo 45 gráos 10).

Visitas — Além das aulas e trabalhos, os alumnos efectuaram as seguintes visitas de instrucção:

Forte da Lage — 1

Forte de Copacabana — 1

Navio Escola Almirante Saldanha — 2 (para estudo da telemetria).

Secção de Veterinária

Redactor: Armando Rabello de Oliveira

O stud book do cavalo crioulo

Da Associação do Registro Genealogico Sul-Riograndense, sediada em Pelotas, recebemos o seguinte comunicado:

“Temos a satisfação de informar que o programma traçado pela Associação dos Criadores de Cavallos Crioulos, fundada em Bagé, em fevereiro do corrente anno, vae dia a dia sendo concretisado, com a realização de importantes trabalhos visando o reerguimento, por selecção, dessa tradicional raça cavallar.

Assim, foi ha pouco realisada, em Bagé, a segunda inspecção das manadas candidatas á inscripção no Stud Book aberto pela Associação do Registro Genealogico Sul-Riograndense, com séde em Pelotas.

A commissão nomeada por aquella Associação revisou, até á presente data, 151 eguas, 13 garanhões e 8 potrilhos. Dentre os animaes inspeccionados, foram aceitos os relacionados a seguir, num total de 54 eguas, 4 garanhões e 2 potrilhos, destes proprietarios: Echenique & Nunes Vieira, Mattas Minuano, 12 eguas e 1 garanhão; Belisario Sá Sarmento, Haras S. Francisco, 11 eguas, 1 garanhão e 1 potrilho; Cypriano Munoz Filho, Granja Zina, 2 eguas; João Paes Vieira, Haras Valente, 6 eguas e 1 potrilho; João Magalhães Vieira, Haras Montserrat, 1 egua; João Manoel Saraiwa, Estancia Bella Vista, uma egua; Manoel Leal de Macedo, Cabana Cinco Cruzes, 10 eguas e 1 garanhão; João Dutra da Costa, Haras Marinbondo, 5 eguas; Manoel Leal de Macedo Filho, 1 garanhão; general Ptolomeu de Assis Brasil, 6 eguas.

A Associação de Criadores de Cavallos Crioulos pretende realisar, no proixmo mez de fevereiro, a inspecção das manadas dos municipios de Rosario e Alegrete. Qualquer pedido de inspecção, desses municipios ou de outros, deverá ser dirigido á Associação do Registro Genealogico Sul-Riograndense, com séde em Pelotas.

No intuito de esclarecer os interessados na criação de cavallos crioulos, publicamos o Standar dessa raça e tambem o Regulamento da Associação, ambos approvados na reunião de sua fundação.

Por proposta da commissão de inspecção e do Director-technico do Registro Genealogico, foi o Regulamento modificado no artigo 3, letras “a” e “c”, e no art.º 13, os quaes ficaram assim redigidos: art.º 3, letra “a”; No Registro Definitivo serão inscriptos: “a”) os pastores acima de tres anos, aceitos pela commissão de criadores; “c”) os machos inscriptos no registro preparatorio, e que forem aceitos pela commissão de criadores (comissão de inspecção) previa inspecção feita, depois de terem completado “tres” annos. Art.º 13: para inscripção, vigorarão as seguintes taxas: garanhões no registro definitivo — 100\$000, eguas e potrilhos, no registro definitivo — 150\$000.

Standard da raça cavallar

Em detalhe, o nosso cavalo crioulo, ideal e perfeito, deveria ter:

A *cabeça* — curta e em fórmula de pyramide, ampla na base e fina na ponta; maxilares fortes, bem desenvolvidos; ganachas bem afastadas; craneo amplo e cara curta; fronte larga, bem desenvolvida, com o chanfro curto e largo; perfil recto ou ligeiramente convexo. Orelhas pequenas, moveis, bem afastadas. Olhos grandes, afastados, collocados sobre o bordo do plano frontal, expressivos, irradiando doçura, bondade e intelligencia.

O pescoço — bem unido á cabeça, por uma larga e limpa garganta. No bordo superior, ligeiramente convexo, com abundantes e grossas crinas. Quasi recto, em sua linha inferior e amplo, largo, forte, musculoso em sua inserção ao thorax. Mediano de comprimento.

A cernelha — musculosa, pouco saliente, larga e forte.

O dorso — recto, curto, largo, bem unido a cernelha, denotando capacidade de supportar e carregar peso.

O lombo — curto, largo, musculoso, forte, bem unido ao dorso, com o qual deve manter perfeita harmonia de conjunto.

A garupa — de mediana largura, musculosa, forte, bem desenvolvida, semi-obliqua.

A cauda — com sabugo grosso e curto, bem implantada e com abundância de crinas.

O peito — amplo, largo, profundo e fortemente musculado. A parede lateral do thorax, alta bem arqueada, possuindo um grande perímetro, qualidade esta muito apreciada.

O ventre — cylindrico, volumoso, quando a alimentação é grosseira, reduzido, quando concentrada; ligeiramente convexo e perfeitamente unido ao thorax e ao flanco.

O flanco — pequeno, curto, cheio, em relação com a brevidade do lombo, obliquidade e afastamento das costellas.

As espaduas — de comprimento e largura proporcionaes á cabeça. Inclinadas, desenvolvidas, fortes, afastadas.

Os braços e os cotovellos — bem desenvolvidos, fortes e com excelentes aprumos.

Os ante-braços — musculosos, longos, largos, fortes e bem aprumados.

Os joelhos e as canellas — curtos, largos, e espessos, com cordas fortes, limpas e bem destacadas.

Os boletos — secos, redondos, fortes e limpos.

As quartelhas — fortes, curtas, largas, espessas, nitidas e medianamente inclinadas.

Os cascos — de um volume proporcional ao corpo, duros, densos, solidos, aprumados e negros, de preferencia.

As coxas e as pernas — fortes, bem descidas, firmes, elasticas, musculosas. O angulo tibio-tarsico medianamente aberto, dando, por esta fórmula, resistencia, força, e andar suave.

Os jarretes — amplos, largos, fortes, secos e musculosos, parallelos ao plano mediano do corpo e bem aprumados.

A altura — a media de 1m,45 nos machos e nas femeas, com oscilações entre a minima de 1m,38 e a maxima de 0,m50.

O thorax — o medio de 1m,75 com oscillações entre o minimo de 1m,68 e o maximo de 1,80, mas sempre em relação a alcada.

O peso — oscilará entre 400 e 450 kilos. Os animaes com as medias das medidas acima mencionadas são capazes de supportar e carregar, commodamente (Baron e Crevat), um peso de 127 kilos, o quanto se pede a um bom cavalo de guerra.

Os pellos — serão preferidos os gateados, mouros, rozilhos, tostados, zainos, escuros, tordilhos, etc. Buscar-se-ha eliminar os oveiros e os tobianos, que, embora reconhecidamente pellagens crioulas, são de dificil vendas aos principaes compradores.

O temperamento — vivo, activo, intelligente, corajoso e bondoso.

O standard mencionado acima é o de um perfeito cavallo de campo e de batalha. E' um modelo. Porém, delle nos devemos approximar o mais possivel.

Regulamento do registro genealogico do cavallo crioulo

Art.º 1.º — A "Associação dos Criadores de Cavallos Crioulos resolveu crear o Registro do Cavallo Crioulo, no qual serão inscriptos os descendentes dos cavallos da peninsula Iberica, trazidos na época da conquista e conservados sem misturas e conhecidos com o nome de Cavallo Crioulo.

Art.º 2.º — O Registro se dividirá em Definitivo e Preparatorio.

Art.º 3.º — No Registro Definitivo serão inscriptos: a) Os pastores acima de 3 annos aceitos pela commissão de criadores; b) Todo animal nascido no paiz e cuja mãe, avó e bisavó estejam inscriptas no Registro Preparatorio e cujo pae, avó e bisavó estejam inscriptos no Registro Definitivo; c) Os machos inscriptos no Registro Preparatorio e que forem aceitos pela commissão de criadores, prévia inspecção feita depois de terem completado 3 annos; d) Todo animal inscripto no Registro Definitivo da raça Crioula, mantido pelas "Associação Rural del Uruguay" e pela "Sociedade Rural Argentina".

Art.º 4.º — No Registro Preparatorio serão inscriptos: a) As eguas aprovadas pela commissão de criadores; b) Os productos destas eguas com pastores inscriptos no Definitivo; c) Todo animal inscripto do Registro Preparatorio da raça crioula, mantida pela "Associação Rural del Uruguay" e pela "Sociedade Rural Argentina".

Art.º 5.º — A inscripção dos machos no Registro Preparatorio é facultativo, mas sómente os inscriptos neste, poderão passar para o Registro Definitivo.

Art.º 6.º — Para poderem ser inscriptos em qualquer dos registros os animaes devem apresentar as características no Standard da raça.

Art.º 7.º — Todo animal aceito pela commissão de criadores será resenhado, numerado e marcado a fogo, na perna direita, com a marca da "Associação do Registro Genealogico Sul Rio Grandense". No caso de já ter o animal o n.º do Registro Particular, marcado a fogo, não será necessário numeral-o novamente.

Art.º 8.º — Os pedidos de inscripção deverão vir acompanhados de todos os documentos e demais antecedentes que os criadores poderem conseguir, os quaes serão examinados pela commissão de criadores, que resolverá a respeito, depois de examinados os animaes.

Art.º 9.º — A commissão de criadores deverá compor-se de tres membros, indicados pela directoria, e mais tres suplentes, dentre os criadores de crioulos.

Para admissão dos animaes será necessaria a approvação unanime de tres membros.

Não poderão fazer parte da commissão julgadora criadores proprietarios dos animaes a serem inscriptos.

Art.º 10.º — As resoluções da commissão serão inapelaveis, quando tomadas por unanimidade, e appellaveis, para a directoria, quando contar com dois votos favoraveis.

Das resoluções tomadas a commissão fará sempre sciente, por escrito, á directoria.

Art.º 11.º — Os criadores serão obrigados, de acordo com o regulamento dos registros genealogicos, a manter um registro particular, no qual figurarão os serviços, os nascimentos, pellagens e signaes cataceristicos dos productos e a numeração correlactiva em ordem chronologica.

Art.º 12.º — O Registro Preparatorio ficará aberto durante dois annos.

Art.º 13.º — Para a inscripção vigorarão as seguintes taxas: Pastores no Definitivo, 100\$000; Eguas 15\$000; Potrilhos, 15\$000.

BIBLIOTHECA DE CULTURA MILITAR

Dirigida pelo Cap. João RIBEIRO PINHEIRO.

Pelo correio, mais 1\$000

Casa Editora — HENRIQUE VELOHO

LIVROS A' VENDA

Guia para a instrução militar, do Cap. Ruy Santiago, 10\$000, pelo correio mais 1\$000.

Guia pratico para o recruta, Alexandre Fernandes, 2\$000,
pelo correio mais \$500.

Notas sobre o commando do batalhão no terreno — Cmt. Audet, 3\$000, pelo correio mais \$700.

Adestramento para o combate, General Paes de Andrade, 3\$000, pelo correio mais \$500.

O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia, General José Pinto, 4\$500, pelo correio mais \$600.

O que é preciso saber da Infantaria, Ten.-Cel. Dermeval, \$5000, pelo correio mais \$800.

Combate da Infantaria, Major Soares dos Santos, 6\$000,
pelo correio mais \$700.

Secção de Estudos Sociaes

Redactor: Correia Lima

Constituição Burgueza

Cap. A. F. CORREIA LIMA

Os adeptos do Estado comunista atacam sempre e vehementemente, as constituições dos demais Regimentos Políticos classificando-as, pejorativa e indistintamente, de burguezas, imperialistas ou capitalistas.

As leis básicas soviéticas assemelham-se aos estatutos fundamentais dos Estados Imperialistas e, como um bom retrato, reproduzem a physiognomia da pessoa photographada.

Naturalmente, o código das leis communistas traz, em seu bojo, inovações adeantadas, muitas delas acertadíssimas, sob os pontos de vista político, administrativo, económico e, principalmente, social.

Nem podia deixar de ser assim. Derruir o absolutismo secular, tartaricamente barbáro e mongólicamente despótico dos czares e continuar empregando os mesmos processos de governo, não seria possível.

Havia necessidade imperiosa de reformas sociais que favorecessem as classes que espadanaram seu sangue em copiosas catadupas, para derrubar a tyrannia truculenta dos irresponsáveis coroados russos.

Essas classes populares (proletariado, pequena burgueza, etc) tinham direito à compensações pelos esforços e sacrifícios que lhes foram impostos.

Elas se sentiriam ludibriadas si não vissem melhoradas suas condições sociais e materiais, não com palavriado oco, mas por meio de disposições legais, consignadas nos estatutos do novo Estado, surgido dos escombros sangrentos e fumarentos do absolutismo imperial decahido.

Seria um perigo, de consequências imprevisíveis, tripudiar afoitamente sobre a boa fé e a confiança das massas, agitadas e irriquietamente esperançosas, que começavam a despertar de um longo torniquete de opressões selvagens e a ter compreensão e conhecimento do grande poder que tinham à sua disposição.

Os novos mentores do Infante Estado não commetteram o erro de se deixarem inebriar pelo fascinador exercício do poder; trataram de aplicar uma legislação social avançadíssima que elevava as camadas populares, mediana e inferiormente cultas, da sociedade aos pináculos da direção e da organização administrativa da nacionalidade.

A realidade, entretanto, não correspondeu à ideológica intenção. O resultado prático foi desastroso; o comunismo de guerra marcou o mais sanguinário e canibalesco despotismo que a História da Civilização Humana tem registrado.

A barbarie rubra empolgou, com fremitos de indignação e horror, ao mundo inteiro !

As reacções provocadas eram esmagadas com a mais fria e implacável crueldade.

A Tchêca celebrisou-se por sua selvageria inquisitorial; a espionagem rasteira e a delação infamante e caluminiosa, passaram a ser atributos de honra; o sangue tingia de vermelho os lagédos dos calabouços, os pateos das casernas e os calçamentos das ruas e praças públicas de mistura com as imprecações de muitos immolados inocentemente e com os gemidos lancinantes dos torturados em holocausto ás suas idéas.

O espectáculo doloroso da morte e do sofrimento banalisou-se, no grande cadiño de padecimentos slavos, a ponto de não mais emocionar aos asiáticos habitantes da Grande Russia Européa !

Mas, si a doutrina comunista proporciona a felicidade humana em geral e a das classes desamparadas em particular, como justificar o sacrifício de milhões de russos por agirem ou, simplesmente, pensarem em desacordo e contrariamente a ella?

Lenine, inegavelmente uma cerebração excepcional, comprehendeu logo a impraticabilidade do chamado comunismo de guerra e não teve nenhuma dúvida em capitular ante a evidencia incontestável dos factos.

Foi então adoptado um regimen conciliador, bifronte por isso que servia, dualizado e differentemente, ao comunismo da cidade e do ao campo.

O camponio reacionario foi logo baptisado pelos communistas vermelhos, depreciativamente, de kulak (pequeno burguez agrario).

A pequena propriedade privada (muito limitada de inicio) passou a ser admittida no campo; na cidade ella não era encontrada.

Outras capitulações sob o ponto de vista espiritual (liberdade de crença, embóra o Estado continue pregando a inexistencia de Deus), doméstico (constituição de familia por vínculos civis e religiosos) cívico (adopção e imposição de patria) deram por terra com o truculento ideologismo do feroz reformador social Trotzky, o verdadeiro judeu-errante, o semita eminentemente internacionalista por isso que não tem, nem pôde ter, patria propria.

O Communismo é um regimen fallido na propria Russia; lá impéra um socialismo avançado que Lenine, confiou á guarda ciósa e vigilante de Stalin.

Isso se verifica pelo estudo da constituição político-social da U. R. S. S.

O comunismo pregado no estrangeiro não é o regimen praticado nas R. S. S.; é o que convém ao capitalismo semita, cúpido e ganancioso. O hebreu, vindicativo e internacionalista por determinismo histórico, não perdoa aos demais povos o crime de possuirem patrões proprias, quando sua raça se vê impossibilitada de constituir uma nação na face do globo terrestre.

Dahi sua incontida ancia destruidora de tudo quanto se acha socialmente organizado; elle se considera pária em qualquer parte onde esteja

e, então, luta contra tudo e contra todos, dissimuladamente, escondendo seus rancorosos ressentimentos raciais com rotulos de elevada benemerencia social.

Intelligent e argentario, dispondo portanto dos principaes factores de exito, aproveita-se, com tenacidade, do grande pretexto russo para continuar agitando o mundo inteiro na inefavel esperanca de alcançar uma situação politica que lhe permitta renascer a extinta nacionalidade com todos os atributos caracteristicos das patrias modernas: territorio, estado, populacão com homogeneidade racial, tradições, interesses economicos, etc., etc.

No dia que houver ressuscitado a messianica patria de Israel talvez o mundo tenha mais soego.

Ao russo pouco importa o que se passa com o restante da humanidade; elle subverteu a ordem social na sua patria, o que já lhe representa um grande esforço; os governados passaram a dirigentes e nada mais.

O Estado existe lá em toda a plenitude de poderes dos Estados Burguezes. Lá ha o Executivo, macrocephalo centralisador e prepotente; ha o legislativo que, por emquanto, ainda finge exprimir e realizar a vontade sobreana e consciente das massas (euphemismo muito surrado por todo politicão de qualquer ponto do globo); ha tambem o judiciario que commette os mesmos erros de apreciação e julgamento dos congeneres do orbe terrestre.

O apparelhamento militar e naval do Estado Vermelho é, materialmente, poderoso; a organizacão policial soviética, civil e politica, deixa a perder de vista a mais oppressora e truculenta do mais feroz paiz capitalista.

Tudo mais que sua constituição preconisa é tirado das burguezissimas constituições imperialistas: organizacão sanitaria, instrucção publica primaria, secundaria e superior; industrialização racional; destribuição intelligente do capital financeiro como impulsor do desenvolvimento industrial; assistencia publica, hygienica e hospitalar; emfim toda a organizacão social e espiritual dos demais povos da terra.

Apenas com processos de execucao diferentes e talvez (pode admittir quem lá ainda não esteve) postos em practica com mais sinceridade da parte dos responsaveis pelas cousas publicas.

E' natural e explicavel: os actuaes dirigentes russos ainda devem ter muito em conta a impulsividade das massas por elles mesmos agitadas e ainda não estao tão viciadas na practica das irresponsabilidades do mandonismo e dos abusos de auctoridade para se entregarem a todos os demandos que quasi todos os outros governantes praticam por ahí fóra.

E' bom portanto que observemos o que se passa na casa dos outros para, com conhecimento de causa, não nos deixarmos levar por palavras e insinceras pregações que escondem, certamente, objectivos inconfessavelmente criminosos.

As relações possíveis entre a religião e o estado

BENITO MUSSOLINI
(Primeiro Ministro da Itália)

Toda a historia da civilização occidental, desde o Imperio Romano até os nossos dias, desde Deocleciano até Bismarck, ensina-nos que quando o Estado inicia uma luta contra a Religião, é sempre o Estado que sae derrotado.

Uma luta contra a Religião é uma luta contra alguma coisa de intangivel, de incomprensivel e de incansavel. E' uma luta contra o espirito, na sua forma mais intima e profunda, na qual nem mesmo as mais afiadas armas do Estado pôdem ferir mortalmente a Igreja. Esta, especialmente a Igreja Catholica, tem triumphado sempre, mesmo nas provas mais difficéis.

Um Estado só pôde sair triumphante em uma luta contra outro Estado. Sua victoria pôde culminar em uma mudança de regimen como, por exemplo, o traspasse territorial, o pagamento de uma indemnização, o desarmamento de um exercito ou um determinado sistema de allianças politicas ou economicas.

Quando a luta é contra outro Estado, o Estado encara alguma coisa de real, tangivel, material, que pôde ser golpeado, mutilado ou transformado; mas, quando a luta é contra uma religião, o Estado não tem nenhum ponto determinado.

O EXEMPLO DE BISMARCK

A resistencia passiva dos padres e dos crentes é por si só sufficiente contra os ataques do Estado.

Bismarck, durante os oito annos de sua luta pela cultura allema, prendeu mais de vinte bispos, fechou centenas de igrejas e desorganizou uma infinitade de organizações catholicas.

A campanha contra os ideaes romanos começou com a divisa: — "Los von Rom" (Alheiamento de Roma). Como resultante desta perseguição, o numero de deputados catholicos no Reichstag aumentou de uma centena, e a figura de Windthorts (adversario de Bismarck e chefe do Partido Catholico) popularizou-se em todo o mundo e aumentou a resistencia moral do povo catholico da Alemanha.

Por fim, Bismarck, o mesmo Bismarck que fundou o imperio allemao, capitolou ante Leão XIII; nomeou-o arbitro em uma controversia internacional e escreveu ao Pontifice uma carta iniciando-a com a palavra — "Sire".

UM DOS GRANDES ERROS DE NAPOLEÃO

A politica de Napoleão I com relação á Igreja, foi igualmente infeliz. Um dos mais sérios erros do Grande Corpo foi o ter querido offendere a dois Papas e ao Vaticano. Para uma pessoa supersticiosa como Na-

poleão, a sua primeira derrota foi um facto digno de reflexão, pois, deu-se quasi depois de ter elle mandado prender o Papa Pio VII.

Na concepção fascista do Estado "totalitário", a Religião é absolutamente livre e, dentro do seu âmbito, completamente independente.

A caprichosa idéa de fundar uma Religião de Estado ou de submeter o Estado à Religião professada pela maioria dos italianos, jámais passou pela nossa imaginação.

O ESTADO EM FACE DAS RELIGIÕES

A obrigação do Estado não consiste em crear novos evangelhos ou dogmas, nem em procurar por abaixo antigas deidades, afim de substituir-as por outras. O Estado fascista não tem uma *theologia* e sim, uma *sciencia política*, o que é fundamentalmente diferente.

O Estado fascista não concebe que seja sua obrigação intervir em assuntos religiosos e se chegar o caso de ter um dia que intervir, será, apenas, porque a Religião interviera com a ordem política e moral do Estado.

Nos tempos modernos, assim como em toda a historia da civilização do homem branco, o Estado só pôde assumir duas attitudes legaes ante ás Igrejas constituídas: — a de ignorar-as por completo, apesar de tolerar-as, — como sucede nos Estados Unidos, — ou a de — regularizar suas relações com a Igreja, mediante um sistema de convenios, como se tem feito com grande exito, na Italia.

IGREJA LIVRE EM ESTADO LIVRE

Os Estados italianos, depois de haverem estabelecido as denominadas — leis de garantias —, as quaes nunca foram aceitas pelo Papa, adoptaram a política de ignorar a Igreja Catholica.

A formula de Cavour (ministro de Victor Emmanuel que preparou a unidade da Italia) é: — uma igreja livre, dentro de um Estado livre, insuficiente em um paiz catholico como a Italia, no qual tem além disto, o privilegio de ser a séde de uma Religião que conta 400 milhões de adeptos, foi seguida pela formula geometrica de Giolitti, que definiu a Igreja e o Estado, tal qual como duas paralelas que se se bem que se prolonguem juntas para o infinito, jámais se poderão encontrar.

Alheios ás formulas anteriores, os denominados — "partidos da esquerda" — especializaram-se em uma propaganda anti-clerical, demagogica e vulgar por natureza, que se bem que tenha causado violentos disturbios em algumas partes, não poude, contudo, penetrar nas grandes massas catholicas refractarias á tal propaganda.

Isto deu origem a uma situação insustentável. Sem duvida, apesar da separação, não faltarão as relações semi-officiaes entre o Quirinal e o Vaticano, relações estas impostas pelas necessidades da vida e por determinadas circunstancias, taes como: — por exemplo, o conclave de cardeas para eleger o successor ao throno.

O TRATADO DE LATRÃO

Em 1929, o tratado que resolveu a questão romana de uma maneira definitiva e satisfactoria teve, enfim, o seu desenlace. E com elle concorda foram determinadas diversas séries de alguns artigos referentes ás relações entre o Estado italiano e a Santa Sé.

Seis annos são passados, desde a data em que se firmou o Tratado e não faltaram durante todos estes annos vozes scepticas que previssem catastrophes, chegando até ao céo quando, no verão de 1931, os pactos foram submettidos á prova de um conflicto relacionado com a questão da educação da juventude.

Este conflicto durou varios mezes porém, em principios de setembro o problema teve um resultado satisfactorio para todos.

A controversia pôde ser considerada como uma prova de fogo "dos pactos lateranos". Desde então, nada tem conseguido perturbar a paz religiosa e civil do povo italiano.

E mais ainda: — entre as duas potencias se tem desenvolvido uma collaboração cordial, tendo como base, o mesmo fim, — o homem.

A SOBERANIA DO ESTADO

A doutrina fascista é clara e terminante neste assumpto: — o Estado é soberano e nada pôde estar fóra delle ou contra elle, nem mesmo a religião em suas manifestações praticas. Isto explica a razão pela qual os bispos italianos fazem o juramento de fidelidade ao Estado.

Por outro lado, a Igreja é soberana em seu campo específico de utilidade, a saber: — a salvação das almas. Existem casos em que necessariamente as duas forças se hão de encontrar. Nestes casos, porém, a collaboração é desejada, possível e productiva. Como seria grotesco um concilio de cardeaes que tratasse sobre matéria referente ao calibre dos canhões ou á tonelagem dos cruzadores! E não seria menos grotesco, também, um gabinete ministerial que tratasse de legislar em assumptos referentes á Theologia ou aos dogmas religiosos! Um Estado, que não deseja causar desarranjos espirituais nem crear uma divisão em seu povo, deve eximir-se de intervir em assumptos estritamente religiosos. Os successos ocorridos ultimamente na Alemanha constituem uma prova palpável do valor da doutrina fascista. Nenhum Estado é mais "totalitário e autotirário" que o Estado fascista. Nenhum Estado guarda com maior zelo sua soberania e prestígio, porém, justamente por isso, o Estado fascista não tem necessidade de intervir em assumptos que estão fóra de sua jurisdição. Quem intencionalmente rompe ou perturba a unidade religiosa de um povo commette um crime de lesa nação.

Do "O Jornal".

Um chefe habil e instruido só se engaja numa accão quando tem probabilidades de obter alguma vantagem. (*Xenophonte*).

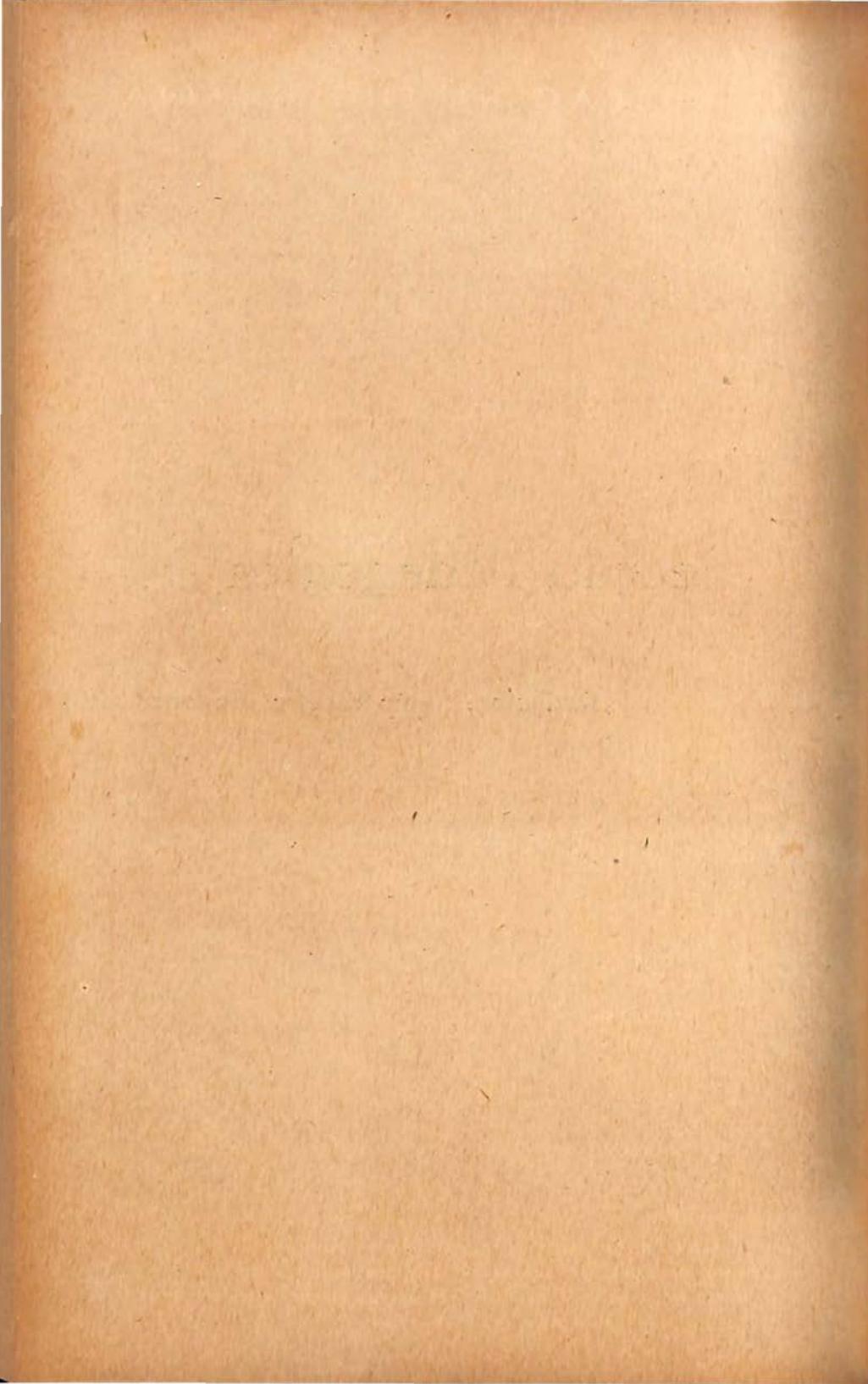
Para o ponto donde se espera bater o inimigo, concentrar todos os esforços, porque muito vencer não prejudica a ninguém (*Idem*).

Enganar: eis em que consiste toda a arte da guerra (*Idem*).

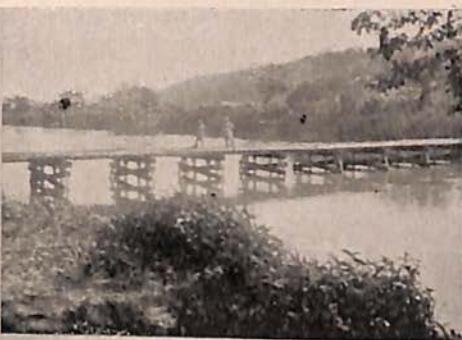
Um chefe só está vencido, quando se crê vencido (*Idem*).

Secção Pedagogica

Redactor: João Ribeiro Pinheiro



A INSTRUÇÃO NA ENGENHARIA



A' esquerda: explosão de um fornilho, passadeira tipo cavalete tesoura e lançamento da ponte de equipagem pelo methodo de conversão.

A' direita: ponte de estacas leves, balsa de saccos Habert e o funil produzido pela explosão acima.

*"N'oublions jamais qu'être officier c'est,
avant tout, être instructeur et éducateur"*

Marechal PÉTAIN

A PSYCHOLOGIA
E O
EXERCITO

A guerra 1914 transformou o chefe truculencia, o chefe obcedado pelo material e pela brutalidade no « chefe subtileza, » « chefe-imaginação, » « chefe-intellectual ». Quem venceu a guerra foi a fina psychologia dos chefes franceses. Os alemães não acreditavam nesse factor e por isso perderam. A theoria radiosa dos chefes franceses são expressões de intellectualidade — Foch, Petain, Weygand, Lyautey, são intellectuaes que honram mais tarde, afóra as tradições, a poltrona que sentaram na Academia Franceza.

Basta ler o "1er. G. Q. G." de Jean de Pierrefeu ou "3eme. Bureau" do Cmte. Laure, para se verificar que a guerra é um systhema de equações psychologicas, simultaneas e differenciaes.

O problema do terreno - o inimigo - a ordem de cima - a artilharia - a subsistencia - remuniciamento - são problemas que o chefe tem que sentir atravez da psychologia de cada subalterno que dirige cada serviço, - em cada fracção de tropa. Da simples designação dum homem vae depender um mundo de responsabilidades - Saber distinguil-o - Saber escolher atravez duma mascara o espirito que serve, - o espirito preciso que realisará a missão necessaria - eis a função essencial do chefe.

No chefe nato - o "chefe excepcional" - o seu talento - ou seu genio será o seu mestre inato — o seu guia — o seu integrador de equações psychologicas. Porem, a maioria, não tem dentro da fronte - humana e fragil - essa luz inconfundivel, para conduzil-o E a psychologia moderna - nas-

cendo com Wundt — Weber — Gechner — Block — methodizando os phenomenos de percepção — reacção — esforço, attenção, leis de memoria, aptidão, finalmente a psychometria — fazendo surgir a "idade mental" de Binet e Simon o "behaviour" de Watson, o grave problema do subconientes Freud, — Yong — Adler — com seus typos mentaes —; o "quotiente de inteligencia" de Terman — a "phisionomia mental" de Catell, a theoria estruturalista e um mundo ainda de conhecimentos, veio trazer ao chefe militar um caminho para conhecer os homens com seus tabús e fraquezas — suas supertições e heroismos. E, no fim, desta serie de pensamentos — fico sem saber por que a Escola Militar não tem até hoje uma cadeira de psychologia... por que um official de infantaria deve aprender mechanica e não precisa saber psychologia...

E me vem á mente, a phrase finamente ironica de Mourosi; no seu livro "Les dialogue sur le commandanment": "Le régle de trois, vrais dans le monde des choses, est fausse dans le monde des humains".

Cap. João RIBEIRO PINHEIRO.

(Membro do Conselho Director da Associação
Brasileira de Educação)

**O OFICIAL E
A EDUCAÇÃO
MORAL**

A guerra confirmou plenamente a razão da exigencia que official de E. M. deve, antes de tudo, possuir um carácter firme e recto, ser uma pessoa absolutamente distinca e um cavalleiro na mais rígida accepção da palavra. Repetidamente foi evidenciado que não só nos officiaes de E. M. como também nos commandantes das grandes unidades, as condições de carácter são de um valor consideravelmente superior a todos os conhecimentos e capacidades, a todo saber, mesmo ao talento ou ao genio. Mais do que uma intelligencia brilhante e engenhosa, do que um criterio profundo, do que a energia e a força de vontade, são as qualidades de carácter as que fazem com que o official de E. M. conquiste e conserve a confiança illimitada e sem reservas e a alta consideração do seu commandante, dos seus collaboradores, e, sobretudo, da tropa. Essa confiança illimitadas e sem reservas, que realmente só pode ser conquistada pelo homem de carácter firme e recto, é a condição prévia e indispensável para que o official de E. M. possa ser o complemento harmonico do commando, para que o E. M. sob suas ordens funcione sem atrito, para que se mantenha vivo, a bem do serviço, o amor ao trabalho, tão indispensável, e para que o official

de E. M. possa desempenhar com acerto uma das missões mais difíceis, a de intermediário entre o commando e a tropa.

A guerra veio confirmar que é um erro escolher os officiaes de E. M. exclusivamente pela sua capacidade, pelas suas aptidões e pelos seus conhecimentos ou seja a vista do resultado de exames theorecos. Na escolha dos candidatos para o serviço de E. M. o que deve decidir são as qualidades de carácter.

Durante a guerra tivemos occasião de reconhecer, além disso, a importância que tem para o oficial de E. M. a posse, a par de um carácter sem jaça, de um elevado grau de senso psychologico, tacto natural e capacidade para proceder de acordo com as características dos individuos.

Para a conservação do amor ao serviço e ao trabalho em um E. M. a guerra provou que é indispensável que o Chefe do mesmo conheça o pessoal suficientemente para que possa designar a cada um a função em que melhor se desempenhe. Deve ser capaz de entrar em contacto pessoal com seus colaboradores, conhecer a fundo cada um delles, e saber quais as suas qualidades e defeitos; deve também saber aos quais dentre elles pode confiar em absoluto e com quais se deverá mostrar um tanto reservado; tratará o optimista de maneira diferente da que trata o pessimista; a um deverá conceder muita liberdade de ação, ao passo que a outro a limitará muito; ao ambicioso deverá lançar peias ao tempo que impulsiona o fleugmatico.

Em geral se deve admitir que todo oficial de E. M. tenha aspirações; uma ambição sadia não só é conveniente, como mesmo necessária. Porém, nada mais perigoso em um oficial de E. M. do que a ambição doentia e exagerada, a ambição que faz tabua rasa de todos os escrupulos e as conveniências do serviço antepõe a propria pessoa. Não raro se encontram justamente reunidas a uma ambição doentia grandes condições. Guardei como experiência que, apesar dessas condições, convém eliminar tais individuos do serviço de E. M. No fundo não ha vantagem na sua colaboração que pode ser a origem de prejuízos incalculáveis.

Não menos perigosos se revelaram os officiaes de E. M. que, convenientemente, justificadamente ou não, da sua superioridade intelectual e das suas capacidades, deram mostras perante a tropa de um orgulho intelectual que as devia incomodar e offendere. A estes officiaes de E. M. cabe a culpa, principalmente, de terem feito nascer em diferentes uma certa oposição entre o E. M. e a frente, e abalado de certo modo a confiança tão absolutamente necessária entre o E. M. e as tropas.

GEN. KRESS VON KRESSENSTEIN

**O OFFICIAL
E A
EDUCAÇÃO
POLÍTICA**

O verdadeiro soldado, compenetrado da sua missão sagrada e da austeridade do seu magisterio, devia ser alguma cousa comparável a um cenobita devotado a grandeza da sua Ordem: tudo o que não fosse interesse da sua classe, ou deveres da sua classe, estaria fóra do horizonte das suas idéias e das suas ambições, como do campo das suas ações. Pela natureza mesma da sua estructura e da sua finalidade, a classe a que está incumbida a defesa da Nação não pôde ser, com efeito, comparada a nenhuma outra classe civil — e só nas ordens religiosas encontra o seu simile.

Na vida das casernas, devia haver qualquer cousa que recordasse a austeridade da vida monachal. Na cabeceira de cada tarimba devia arder perennemente um lume votivo á poliade da Pátria, como na cella de cada

mosteiro e á cabeceira de cada monge arde perennemente um lume votivo á Divindade Crucificada. O homem que ingressasse nestas confrarias militares seria como monge guerreiro medieval: batalhando pela sua Patria, como Templario batalhava por sua Fé; mas, como este, dotado sublimemente da capacidade das grandes renúncias e das grandes abnegações. Desde que elle, porém, carecesse desta capacidade, desde que outra ambição o atormentasse, desde que o seduzissem as grandezas que estão para além dos horizontes da sua classe, o que elle devia fazer é o que faria o monge seduzido pelas vaidades do mundo: renunciar o seu sacerdócio, romper o seu juramento, abandonar a sua Ordem. Porque "cidadão de farda" — isso é, homem da Ordem e homem do século, homem de espada homem de partido, político-soldado e soldado-político — é, sem dúvida, uma entidade ambígua e monstruosa.

OLIVEIRA VIANNA.

**O CINEMA
E A
PEDAGOGIA**

A applicação do cinema ao ensino, deve-se condicionar aos preceitos gerais da pedagogia. Não constitue meio exclusivo de aprendizagem, senão um dos meios a se combinar com os demais em harmonia e solidariedade. O objectivo é, segundo o conceito de G. Eisenmenger, "o cinema no ensino" e não "o ensino pelo cinema". Assim não será o "hors d'œuvre" apenas de dias especiais, sem ligação com o todo. Poderá ser, a mais, distração de recreio, em certos dias, quando de carácter geral.

Entre as opiniões extremadas, uma que aponta para o cinema uma função de "conquistas e annexações", conforme a expressão de Jalabert, e os que lhe atribuem um papel secundário, mesmo negativo, como Mme. Tissot, ha sempre o justo meio de equilíbrio.

Assim, colhendo as opiniões em fontes diversas, pode-se fixar bem os limites da sua utilização.

Em folheto publicado por "Les Presses Universitaires de France", a questão foi reduzida, so o ponto de vista pedagógico, a seus termos exactos.

1) — O filme de ensino deve ser adaptado ao ensino, isto é, o filme não é, nem pode substituir uma lição e de ser feito em colaboração pelo educador e pelo cineasta.

2) — o cinema deve ser cinema, isto é, só ser utilizado para aquillo em que o movimento seja factor essencial.

Subordinado assim aos preceitos gerais que a pedagogia moderna estabelece, o cinema, em todos os graus do ensino bem como nas diversas disciplinas, vem attender ao objectivo precípua da educação de hoje, de tornar cada vez menor a refracção entre o que a escola ensina e o que a vida mostra.

E como, por outro lado, a somma de conhecimentos necessários cresce dia a dia, impõe-se a ampliação e a criação de novos meios de aquisição.

Para aquellas noções que não estão ao alcance da observação directa nenhum outro meio possue a riqueza de possibilidades do cinema.

SERRANO E VENANCIO.

ESCOLA DE INFANTARIA

Actividades do anno de 1934

O segundo anno de existencia e funcionamento da E. I., foi mais productivo que o de 1933, não obstante as deficiencias materiaes de toda especie.

A. E. I. mudou a sua séde do edificio da E. de Artilharia, onde estava por favor, para o da antiga C. C. C., sujeito a adaptações, tendo recebido 1/3 da quantia orçada para as instalações definitivas.

Os trabalhos na Escola desenvolveram-se normalmente, havendo perfeita convergência de esforços da administração, instructores e alumnos, todos compenetrados da necessidade do aperfeiçoamento da arma, e dahi o suprirem-se as deficiencias materiaes com bôa vontade e espirito de cooperação.

E' opportuno frizar que cada jornada vencida na Escola, patenteou o esquecimento em que estão collocadas as necessidades vitaes da Infantaria, preconisadas pelos nossos regulamentos.

A matricula foi de 4 officiaes superiores, 44 Capitães, 4 officiaes do Corpo de Fuzileiros Navaes e 2 da Policia Militar do Distrito Federal e ainda 270 sargentos, no C. A. S.

Apesar do numero elevado de alumnos e da falta de meios, os programmas foram esgotados; aos alumnos foram fornecidos 110 documentos com 620 paginas mimeographadas em papel tamanho almasso e realizada uma excellente manobra na região de Pavuna.

E' bem verdade que sobre os trabalhos da Escola não houve nenhuma publicidade durante o anno; a sua modestissima instalação e carencia de recursos não lhe permitiram tal; a E. I. viveu esquecida e mui modestamente, porém, assim mesmo, nesse anno, desincumbiu-se de sua missão.

Ao contrario do anno de 1934, tudo indica que o de 1935 ser-lhe-á mais promissor com a previsão dos seguintes recursos;

- quantitativo para conclusão do projecto de instalações;
- armamento e material de tiro, de modo que permitta uma instrução e demonstração sobre todo o material citado nos regulamentos;
- de material necessário a Observação e Topographia;
- animaes em numero sufficiente ao serviço da Escola e execução de manobras no conjunto das Escolas de Armas;
- visitas constantes do alto commando aos trabalhos no campo, para observar as deficiencias em material;
- apparelhamento do Btl. Escola de modo que attenda todas as necessidades da Escola e da E. E. M.

A Escola de Infantaria bem o merece, para poder proporcionar aos infantes um aperfeiçoamento util e á Infantaria elementos capazes de agir conforme as determinações regulamentares.

As previsões são boas para os 90 officiaes alumnos de 1935 e os nossos votos mais ardentes são para que elles se effectivem.

ESCOLA DE ARTILHARIA

Actividades do anno de 1934

A Escola de Artilharia, apesar de seus dois annos apenas de existencia, está preenchendo cabalmente as suas finalidades.

As actividades do anno que se findou, são a prova simples e convincente de que, com o fornecimento dos meios indispensaveis ao seu funcionamento normal, os resultados serão francamente positivos, diante dos satisfactoriamente já obtidos.

Installada em quartel de situação invejável e possuindo material, embora parcimoniosamente, para suas multiplas necessidades, fornece ao alumno, a oportunidade de praticar nos varios ramos de seus estudos.

Nelle funcionam um curso para capitães (Categoria A), um curso para officiaes superiores (Categoria B) e um curso para sargentos.

Para seus serviços, dispõe de um contingente formado de sargentos e praças engajadas. Para a instrucção dos officiaes alumnos está á sua disposição um Grupo de Artilharia — "Grupo Escola", unidade modelar, de commando autonomo e dotada do material indispensável ao funcionamento das "escolas de fogo". Para a instrucção dos sargentos alumnos, possue uma bateria 75 de Dorso, uma secção de Metralhadoras Pesadas e mosquetões, etc.

A 2 de abril p. p. teve inicio o anno lectivo, com a matrícula de 5 officiaes da categoria B; 34 officiaes da categoria A 6 e 5 sargentos.

Curso de Officiaes

De um modo geral, em 1934, a Escola de Artilharia desenvolveu programma mais completo que no anno anterior, apesar de duplicado ter sido o numero de matriculas.

A par da instrucção technica da arma, ministrada com dedicação e afinco, outros assumptos constituiram uma série de conhecimentos uteis e indispensaveis ao preparo do official de tropa — Tactica Geral, Tactica da Arma, Organisação da Instrucção na tropa e noções sobre Artilharia Anti-Aérea.

A parte referente a "Serviço em Campanha", dado ao numero accrescido de alumnos não permitiu que todos os officiaes passassem pelas diversas funcções, dentro da bateria, como na turma anterior, onde o pequeno numero de alumnos deu oportunidade a que isso se procedesse.

O tiro de acordo, executado com o concurso de um Grupo 75 Krupp do 1.º R. A. M., permitiu que fossem confirmadas as tabellas de tiro para a granada F. A. modelo A. G. no canhão Krupp 7,5 — C 28, T. R.

A "Manobra de Grupo", coroamento dos trabalhos escolares, alcançou o sucesso capaz de despertar em todos que a assistiram, a convicção plena de que a Artilharia bem instruída na paz e melhor commandada na lucta, e principalmente agindo em massa, no ponto desejado e no momento preciso, é factor capaz de por si só resolver serios problemas do campo de batalha.

Curso de Sargentos

Seu funcionamento se processou em bem melhores condições do que o anno anterior, instruindo os sargentos de procedencias diversas, empregando-os, sempre que opportuno, nos trabalhos dos cursos de officiaes.

Nas "escolas de fogo", no decorrer do anno, prestaram seu concurso aos officiaes alumnos, revesando com as baterias do Grupo Escola nos exercícios levados a effeito no Campo de Gericinó.

No "tiro de acordo", foram os operarios esforçados das guarnições que o executaram.

Na "Manobra de Grupo" guarneceram duas baterias organisando o terreno e fazendo o tiro quer de dia quer á noite.

Os sargentos alumnos de 1934 constituiram uma turma que trabalhou devéras, attingindo alto gráu de preparo e uniformidade de procedimento.

Assim, aquelles que superarem a nota 6 no conjunto, proseguirão o curso no 2.º anno, em 1935, de "Commandante de Secção".

A Administração.

Seu progresso foi consideravel, sob todos os aspectos, pela collaboração intima, prompta e ampla com o Departamento de Ensino.

Foi ampliada e melhorada a apparelhagem material, melhorado o Serviço de Contingente e o estado da cavalhada, attendidos os pedidos normaes e imprevistos de recursos de toda ordem; contribuiu, emfim, com seu optimo funcctionamento, para a perfeita regularidade com que correram os trabalhos de instrucção.

Outra melhoria patente foi o avanço realizado na parte referente á organisação e publicação de notas de aula, themas, traducções de assumptos interessantes, etc., do que se fez ampla diffusão não só entre alumnos e instructores, como tambem em diversos corpos de tropa.

Esse aspecto utilitario dos trabalhos da Escola terá maior destaque no proximo anno, graças á dotação de uma instalacão completa de impressão pelo Ministerio da Guerra.

“Para se ter exito é necessario que se tenha um fim, um plano, um methodo. Para se ter um fim é preciso saber o que se quer; para se ter um plano é preciso conhecer o que se pode e para executal-o é necessario vigiar a applicação dos meios” (*Foch*).

“E’ preciso fazer o que se pode para applicar o que se sabe”. (*Foch*).

“E’ preciso fazer bem feito tudo o que se faz, mesmo as cousas mais insignificantes” (*Foch*).

“Não vos preocupeis com phrases e sim com factos, com elles podeis construir”. (*Foch*).

— Sómente a prudencia aliada a habilidade conduzem a grandes resultados (*Napoleão*).

— A imaginação rege o mundo, mas é necessario ter-se canhões para realizar o que a imaginação concebe. (*Napoleão*).

"A DEFESA NACIONAL"

É

DO

EXERCITO.

TRABALHAR POR ELLA

É

TRABALHAR

PELO

EXERCITO.

MANDEM SUAS

COLLABORAÇÕES

Variedades
e
Noticiario

BIBLIOGRAPHIA

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

Perú

Tiro Civil del Perú (Janeiro-Junho 1934)

Uruguai

Revista Militar e Naval (Nov. e Dez. 1934)
— Radiogometria
— Leyendo los libros de Foch
— Testamento político de Hindenburg.

Espanha

Revistas de Estudios Militares
— La batalha moderna
— Missões del E. Maior.

França

Revue de Cavalerie. (Nov. e Dez.)

Brasil

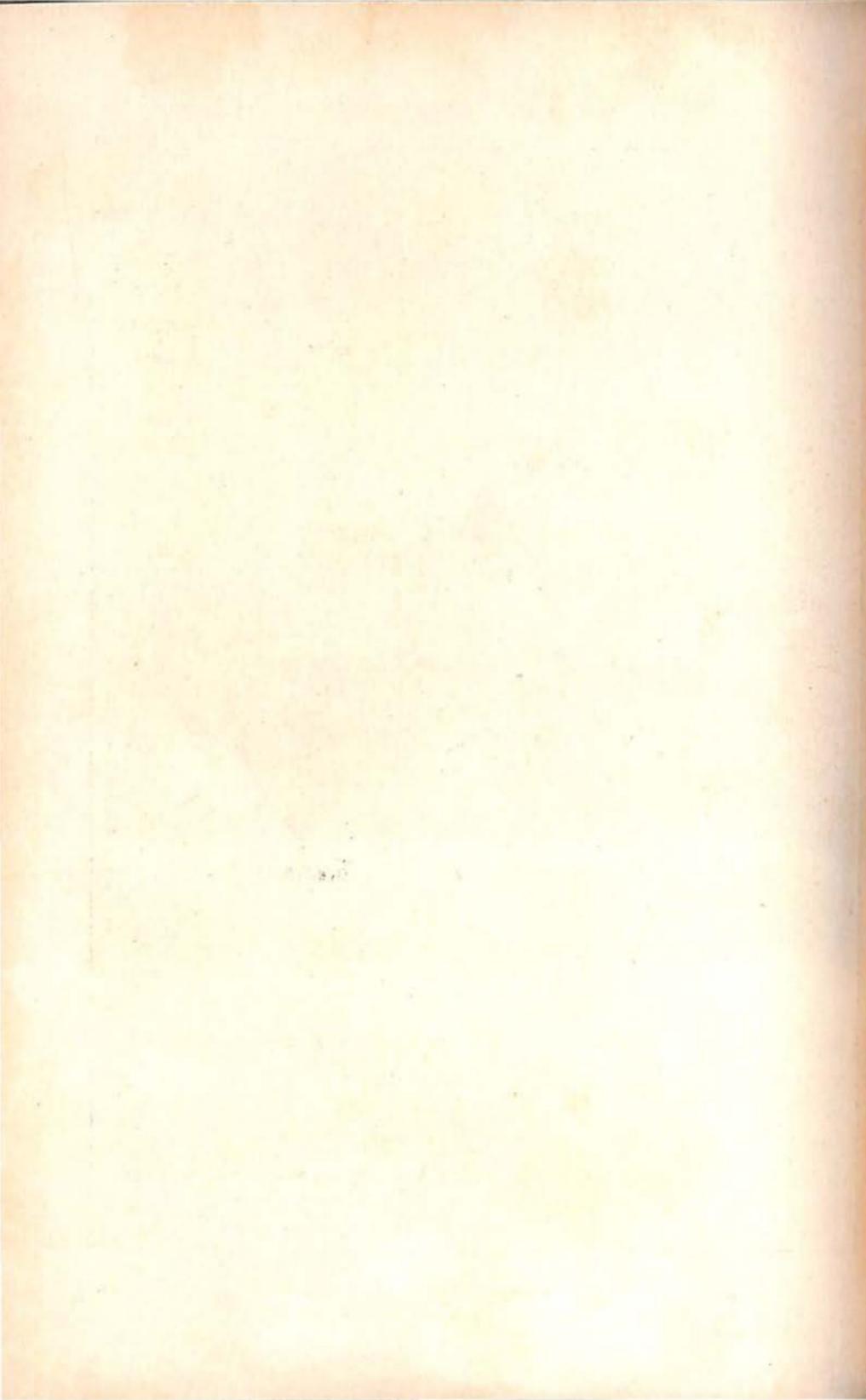
Revista de Educação Física

Revista de Administração Militar (Agosto e Set.)
(Outubro e Nov.).

N O C H A C O



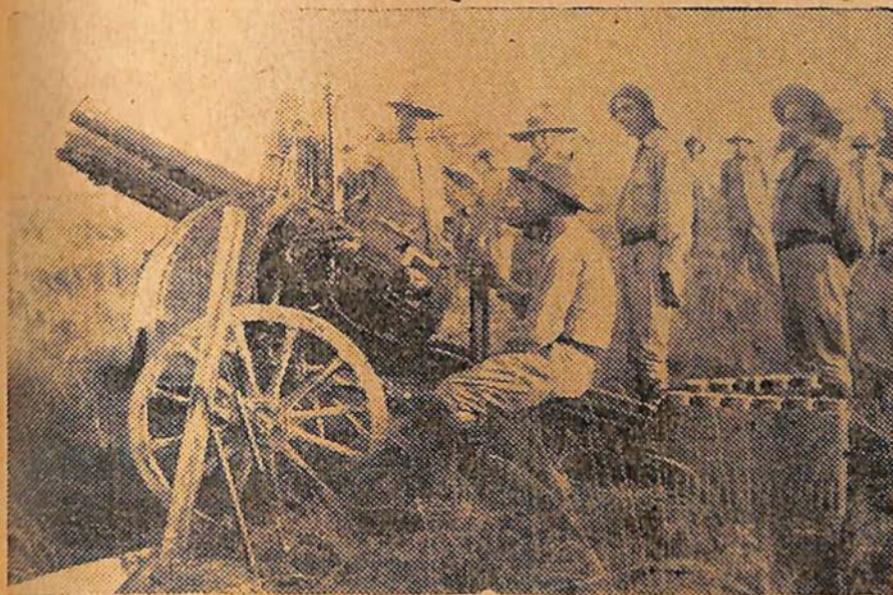
Ao alto: Avião de caça paraguayo. Em baixo: Comboio prompto para partir em direcção do fortim Lopez e Filips.



A guerra no Chaco

OS CHEFES MILITARES PARAGUAYOS

O Exercito Paraguayo tem um grupo de chefes de valor. São figuras de reconhecido mérito militar. Não se improvisaram, ao estalar da guerra, em commandantes de corpos e divisões. Antes de irromper o conflito, já haviam elas feito o seu preparo, adquirido o domínio da estratégia. O general José Felix Estigarribia, que se tem revelado um mestre de tática militar, é um homem muito jovem ainda. Depois de haver feito estudos de agronomia, resolveu ingressar na carreira das armas, incorporando-se ao Exercito em 1910. Serviu numa contra-revolução, ao lado do presi-

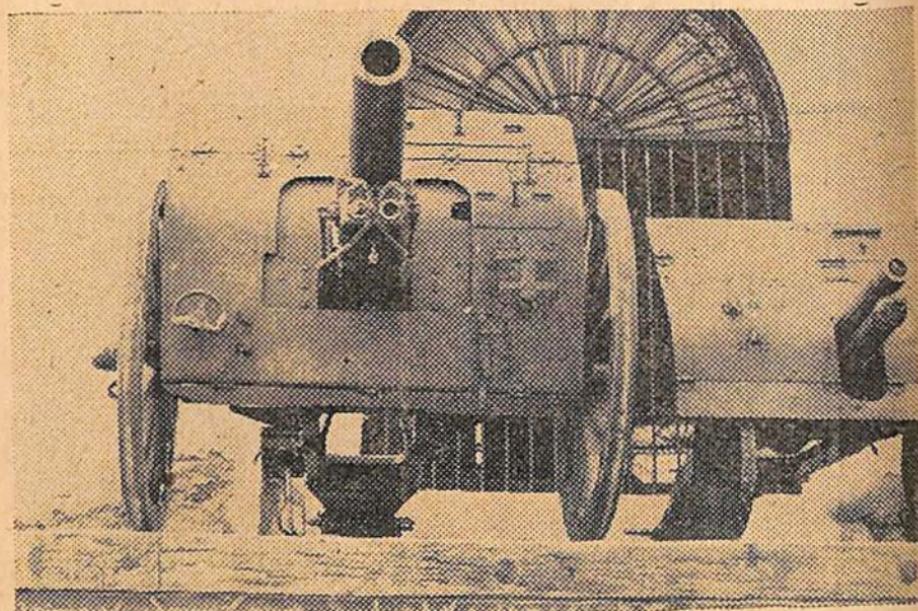


Artilharia Paraguaya em ação

dente Jara, sendo ferido na rendição de Bonete. Em seguida, esteve no Chile, fazendo em Santiago um curso de aperfeiçoamento. Quando regressou, serviu como commandante do Regimento de Concepcion, cargo de que se afastou quando foi nomeado oficial de planta e cathedralico da Escola Militar do Paraguai. Em 1922, foi nomeado commandante da guarnição de Paraguai, uma das mais importantes bases militares do paiz. Em seguida, dirigiu a Escola Militar. Em 1923 foi promovido a major e nomeado chefe do estado-maior. Em 1924, seguiu para a Europa,

e fez um curso de aperfeiçoamento na Escola Militar Superior da França, merecendo, por sua intelligencia, as sympathias dos mais brilhantes officiaes franceses. Dirigia novamente o Regimento de Concepcion quando, em 1928, verificou-se o incidente com a Bolivia, de que mais tarde resultou a guerra. Esteve, então, como chefe da divisão do sector de Nanawa, passando, em 1929, outra vez, a chefe do estado-maior.

Com o posto de tenente-coronel seguiu para o Chaco em 1930, comandando a 1.ª divisão, no sector de Puerto Casado. Em 1932, organizou a defesa de Boquerón, Pitiantuta, Toledo, Corrales, etc. Victorioso em Boquerón, foi promovido a coronel, no mez de setembro. Pouco depois, vitorioso novamente, em Pampa Grande e Poço Favorito, foi promovido



Canhões Bolivianos capturados no Chaco

a general de brigada. Após a victoria de Campo Via, a 11 de dezembro, foi promovido a general de divisão. É agora, esse jovem general o comandante em chefe dos exercitos em campanha.

O coronel Eugenio Garay é outra figura de destaque entre os chefes militares paraguaios. Cursou tambem a Escola Militar do Chile. Quando capitão, afastou-se do Exercito, por motivos politicos, ingressando no jornalismo. Foi director e proprietario do periodico "Los Sucesos". Mais tarde, triumphando o seu partido politico, foi nomeado ministro plenipotenciario em La Paz. No governo do general Pedro Pena, foi empossado no cargo de ministro da Guerra. Mas esse governo durou apenas tres meses, sendo derrubado por uma revolução. O coronel Garay retirou-se

á vida privada, mas, pouco depois, foi convidado a reassumir seu posto diplomático em La Paz. Demittindo-se, por questões de natureza política, actuou de novo no jornalismo e, ao romper a guerra, incorporou-se ao Exército, no seu antigo posto de major. Foi promovido, em seguida, a tenente-coronel e a coronel, por acto do Congresso, quando tomou de assalto Poço FAVORITO, aprisionando grande número de soldados e oficiais bolivianos, entre os quais os coronéis Capriles e Gonzalez Quint.

O coronel Garay, bem como os coronéis Franco e Fernandez, foram condecorados com a Cruz de Guerra do Chaco e vão ser, agora, promovidos a generais. O coronel Rafael Franco, que conta apenas 34 anos, era o chefe da guarnição de Bahia Negra, quando rebentou a guerra. Foi quem primeiro sustentou fogo contra o Exército boliviano, na acção de Vanguardia. O coronel Carlos Fernandez cursou a Escola Militar de Turim, na Itália, conquistando lugar de destaque entre os seus melhores alunos. Dali regressou em 1929, tendo exercido o cargo de chefe do Departamento de Estado-Maior. Foi ferido em Boquerón, onde conduziu as tropas paraguaias à vitória. Conquistou o fortim de Saavedra e dirigiu a retirada de Gondra. Em dezembro de 1933, era promovido a coronel, por méritos extraordinários de guerra. Na rendição de Campo Vía, aprisionou 7.000 bolivianos. Na de Canadá El Carmen, aprisionou mais 7.000 adversários, sendo promovido a chefe de corpo e condecorado com a cruz do Chaco. Também acaba de merecer essa distinção o jovem major Juan Barrios, comandante do 2.º Regimento de Cavalaria, que três vezes rompeu, no sector de Carandayty, as linhas avançadas bolivianas.

Attingido pela compulsória o General Weygand

O GENERAL GANELIM ASSUME O CHEFIA DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
FRANCEZ

Foi, por ter atingido o limite da idade, 68 anos, que o general Maxime Weygand foi substituído pelo general Maurice Gamelin.

O general Gamelin exercerá, de agora em diante, as funções de chefe do estado maior general do exército e de vice-presidente do conselho superior de guerra.

Essa reorganização, decidida no conselho de ministros de hoje, deixa ao chefe designado para o comando dos exercitos franceses em caso de guerra o encargo de dirigir, elle mesmo, os preparativos da mobilização.

O general Gamelin será secundado nas funções eventuais de generalíssimo pelo general Georges, membro do conselho superior de guerra, o qual terá em caso de guerra, o título de major-general.

O general Georges foi gravemente ferido por occasião do attentado de Marselha e milagrosamente salvo pela placa da ordem de S. Sava, que desviou a bala.

LIGA DAS NAÇÕES

A Comissão de Diplomacia da Câmara, adoptou o parecer do deputado gaúcho Renato Barbosa, contrário ao reingresso do Brasil na

Liga das Nações. Nada mais logico e opportuno. Como ninguém ignora, a Liga discute e decide, quasi semper, problemas de politica internacional europea. Os paizes da Europa, em constantes lutas para manterem seus imperios coloniaes, têm problemas quotidianos, que provocam irritações incuraveis. Estranho a todos elles, não tendo interesse algum em intervir nas disputas, o Brasil ficaria obrigado a votar, creando antipathias. Este motivo principal do nosso afastamento. A Liga das Nações foi criação do presidente Woodrow Wilson, quando representava os Estados Unidos no Congresso de Paz, em Versalhes. Isto não impedi que o Congresso norte-americano rejeitasse a criação. Os Estados Unidos não figuram na Liga. Os interesses da politica americana, do sul e do norte, não coincidem com os problemas discutidos na Liga. O parecer Renato Barbosa interpretou nitidamente os pendores da nossa politica. Adoptando-o, a Camara irá ao encontro de sentimentos geraes.

O PADRÃO OURO

A Suprema Corte de Justiça do Japão acaba de resolver que sejam pagos em papel os juros e as amortisações do emprestimo que a cidade de Tokio contraíra na França, desconhecendo, assim, o veredictum do Tribunal de Justiça de Paris que se pronunciara pela exigibilidade em ouro. E a Corte de Justiça de Haya, num processo movido contra a Royal Dutch, tambem vem de se pronunciar contra o pagamento em ouro dos titulos do emprestimo que essa empresa fizera nos Estados Unidos.

São dois factos recentissimos e que, sendo um de emprestimo para serviços publicos e outro de operação particular, veem reforçar a these que o Brasil adoptou ha tempos ao annullar a clausula-ouro em todos os contractos de serviços publicos. Esse acto de acerto do governo brasileiro, que teve a combatel-o apenas alguns interessados, foi largamente apreciado sob os mais diversos aspectos, inclusive o do credito internacional, mas a doutrina subsistiu e ahi está agora vitoriosa e confirmada no pronunciamento da mais alta justiça da Hollanda e do Japão.

Não se devia esperar outra coisa. Todas as doutrinas modernas repousam no principio de que o bem estar collectivo prevalece sobre todos os direitos e interesses individuaes. A desordem monetaria creada durante a Grande Guerra e as medidas artificiaes dos governos para a defesa ou valorização das suas moedas não podem justificar a imposição de sacrificios sobre-humanos. A moeda nada mais é do que um symbolo. O seu valor é arbitrario e illusorio. E não se pôde admittir que, contra o interesse collectivo, e ferindo direitos de quem — e é exactamente o nosso caso — nada fez em um ou outro sentido, esse valor possa ser alterado e fixado apenas em beneficio de uma minoria e, ás vezes, de um pequeno grupo.

A these da clausula-ouro, como se vê, é materia esclarecida e vencida. E destruindo o castello que haviam construido, cuidadosamente, os interessados directos em auferir lucros exagerados e talvez illicitos, a justiça sanciona apenas a razão e o bom senso.

AVIADORES OU SUICIDAS?

Com tristeza leio a notícia de mais um desastre na Aviação Militar. Desta vez morre no accidente um amigo: o major Floriano Nunes. Sua mocidade não lhe permite ainda uma biographia. Mas seu passado na Aviação Militar bastaria para contra-indicá-lo para essa arma, si a escolha de armas no Exercito não fosse uma simples questão de desejo pessoal, sem a menor verificação técnica.

O major Floriano era um emotivo. Reacções absolutamente em desacordo com as acções. Impetuoso, bravo, muito havia nesse das reacções, que caracterizam os impulsivos. Não ha muito tempo sofrera um pequeno accidente. Já era o segundo. Si houvesse technicos psychologos no Exercito, elle já teria sido afastado da aviação ou prohibido de voar.

Em geral, não se liga importância aos pequenos accidentes, nessa arma. Como na carreira militar a base da formação humana é o desprendimento de Vida, os accidentes de que o aviador escapa são considerados merecimento: quasi actos de bravura. Perde-se, por completo, a noção de que, nas demais armas, o conjunto de qualidades psychologicas requeridas ao official são inteiramente diversas. Elle tem de agir em terra firme, suas resoluções soffrem o controle de seus auxiliares ou de seus superiores. Entre a resolução e a execução se interpõem os agentes executores, que são sêres humanos, com suas qualidades proprias, suscetíveis de amortecer e equilibrar uma ordem, de consequências funestas.

Na aviação, entre o piloto e a machina não ha intervallo. Um resolve e a outra obedece.

No campo de batalha as acções se desenvolvem lentamente, por muito rápidas que pareçam, porque o maximo de sua velocidade é a do proprio homem ou a dos engenhos lentos que manobra.

Na aviação, o tempo se conta por centesimos de segundo e frações pequenissimas de graus de angulo. Um desvio inicial de um decimo de grau no angulo de orientação de um apparelo que se desloca com uma velocidade sempre superior a 100 kilometros por hora — pode se traduzir dentro de um segundo num afastamento desastroso.

Tudo, na aviação, é presteza, rapidez e uma absoluta segurança ponderada nas resoluções, que se traduzem em actos.

Não ha hoje, em parte alguma do mundo, Aviação que não tenha o seu gabinete de psychologia experimental, para que nesse sejam seleccionados e acompanhados em sua carreira profissional os aviadores. Não se trata simplesmente desse exame medico commun, em que se apreciam as condições organicas de robustez e saúde. Trata-se de pesar, medir, avaliar a presteza das reacções psychicas, simples ou condicionadas, de cada candidato, sob estado normal ou debaixo de emoções experimentalmente provocadas. Tudo entra em função: — a sensibilidade geral, a especial de visão, audição, báresthesica, sob todas as suas formas — posição do proprio corpo, forma e grandeza dos objectos, distância nos tres sentidos do espaço.

Aqui foi iniciado esse exame, que era confiado ao Instituto de Psychologia. Os candidatos á aviação eram examinados pelo Instituto. Mas em certa occasião foi abolida essa formalidade, que ficou reduzida a uma simples inspecção medica mais ou menos banal. Porque? Porque os technicos psychologos tinham recusado um joven official, filho de alta pa-

tente. Ora, a arma da aviação é muito procurada por tres motivos:

- a) — o efecto psychologico do prestigio de uma arma arriscada;
- b) — uma diaria forte de gratificação, além dos vencimentos;
- c) — um quadro, onde as vagas são frequentes e o acesso é rapido.

O joven pimplollo, cujas condições psychicas não foram consideradas boas para a função de aviador, vingou-se da commissão technica de um modo brilhante: — seu papae conseguiu abolir esse exame e substitui-lo por outro puramente medico.

E ahi está porque a aviação militar no Brasil consegue ter quasi tantos mortos em tempos normaes, quanto suas congeneres, de outros paizes, em tempos de guerra!

Lá se foi o pobre Floriano, com sua alegria exuberante, sua mocidade cheia de sonhos, affectuoso e bom. Si em vida eu lhe tivesse dito que deixasse a aviação — elle teria brigado commigo. Mas varias vezes lhe fiz sentir que elle precisava de repouso...

Nos moços, porém, o grande heroísmo está em affrontar todos os riscos com o immenso capital de Vida, que possuem... Riem da morte e a desafiam.

E' essa a mentalidade dos nossos aviadores. E ninguem os impede oficialmente de se matarem estupidamente...

MAURICIO DE MEDEIROS.

Como devem ser conferidas as ferias

UM AVISO DO MINISTRO DA GUERRA AO COMMANDANTE DA 2.^a REGIÃO MILITAR

Ao commandante da Segunda Região Militar, em São Paulo, o ministro da Guerra dirigiu o seguinte aviso:

"O major Francisco Pessoa Cavalcanti, commandante do 2.^o Grupo de Obuzes, em officio que vos dirigiu em 19 de dezembro do anno passado, sob o numero 5.484, consulta em vista do que elle allega no dito officio, se em face do disposto no art. n.^o 217 do Regulamento Interno e dos Serviços Geraes de Corpos de Tropa pôde gozar as ferias relativas ao anno de 1933, ás quaes se julga com direito.

Em solução vos declaro que: As ferias são um direito que assiste aos officiaes e praças que estiverem em serviço activo; um premio concedido ao militar no dito serviço após um periodo completo de instrucção nos corpos de tropa, nas repartições e estabelecimentos militares subordinados ao Ministerio da Guerra (contados por annos completos de instrucção); o requerente, não tendo estado nestas condições, não fez jús dessa vantagem.

E' indispensavel para a sua concessão que o militar, durante o periodo da instrucção, não seja afastado ou distraído do serviço do referido ministerio, e o requerente, embora o considerado em serviço, este não foi prestado em corpo de tropa, estabelecimento, repartição ou fortaleza. O art. 271 citado no paragrapo unico estabelece ser indispensavel para fazer jús ás ferias que o official não tenha sido distraído do serviço do Ministerio da Guerra durante o periodo da instrucção".

A cathedra e os militares

ELLA E INCOMPATIVEL COM A ACTIVIDADE MILITAR

Despachando o requerimento de Benedicto Alves do Nascimento, tenente-coronel de artilharia, allegando ter sido destituído do cargo de professor das II e IV partes da 1.ª cadeira da Escola Militar, em consequencia do art. 2.º do decreto numero 23.795 do 23-1-1934, pediu reintegração naquelle cargo á vista do art. 20 das Disposições Transitorias da Constituição de 16 de julho, o presidente da Republica proferiu o despacho seguinte:

"Indeferido. O art. 20 das Disposições Transitorias da Constituição da Republica não pôde ser applicado aos militares, especialmente áquelles que, de modo inequivoco, manifestaram preferir e conservar tal qualidate. A Constituição, em seus artigos 164 e 185, esclarece claramente a incompatibilidade entre a função militar e o professorado, inamovivel, vitalicio e irredutivel nos seus vencimentos. Quanto ao art. 164, é evidente que a excepção nello indicada (§ 1.º do art. 172) não se applica aos militares, porque não pôde existir incompatibilidade de horários e de serviço entre a função inamovivel e vitalicia de professor e a função militar. A situação do requerente é exemplificante, no caso, pois não consta que exercesse funções nas fileiras cumulativamente com as do magisterio. Os militares só podem ser professores, conservando-se na actividade, se o professorado foi transitorio, simples comissão temporaria, conforme o estabelecido na Lei do Ensino, pois o art. 165, § 2.º fixa um valor minimo a realizar para o exercicio das funções relativas a cada grão ou posto e lembra as preferencias de carácter profissional para a constituição da hierarchia. Os proprios cargos electivos quando afastam o oficial por mais de 8 annos das fileiras, fazem obrigatoria a passagem para a reserva ou a reforma. Ainda mais. Nem é preciso o carácter de vitalicidade e inamovibilidade da função para incompatibilizar com a actividade militar. Basta exigir o afastamento dessa actividade por espaço de 8 annos, mesmo no exercicio de funções que impliquem estudos de natureza militar, como é o caso da Comissão de Segurança Nacional na Camara dos Deputados (art. 164, paragrapo unico). Note-se, tambem, haver o proprio autor da emenda transformada no art. 20 das Disposições Transitorias, o deputado Celso Machado (Diario da Assembléa Nacional Constituinte de 3-XII-34, pag. 4.992) declarado que a referida emenda visava a reintegração dos professores da Escola de Agronomia e Veterinaria.

Mesmo admittindo-se que o dispositivo possa favorecer os professores em condições semelhantes, não seria permittido exagerar a generalização do caso dos professores da Escola de Agronomia e Veterinaria a ponto de desorganizar o ensino militar e manter numa situação evidentemente inconstitucional professores nas condições do requerente, que foi nomeado quando sua cadeira já estava extinta, para gozar privilegio que nem ao menos conquistou por concurso. As leis de promoções, de movimentação dos quadros e a lei do ensino tambem se oppõem claramente á accumulação do magisterio com a função militar e o requerente não soffreu destituição; foi mandado desaccumular cargos incompatíveis, ficando no que lhe dá maiores proventos".

A nova missão militar francesa no Brasil

A SUA PARTIDA PARA O RIO

PARIS, 8 — Embarcaram pela manhã na *gare d'Orsay*, afim de tomarem o "Massilia" á noite, em Bordéus, o General Noel, novo commandante da missão militar francesa no Brasil, e os officiaes que o acompanham, Coronel Monnerat, Coronel Nalot, Tenente-Coronel Schwarts, Major Guassot, Major do ar Bouvard. Foram levar-lhes seus votos de boa-viagem os embaixadores Hormitte e Souza Dantas, e muitas altas patentes do Ministerio da Guerra.

Em palestra com um dos redactores da "United Press", disse o General Noel: "Encanta-me esta viagem ao Brasil, e a empreendo em condições que muito me honram. Espero honrar as tradições criadas neste genero de serviço, pelo generalissimo Gamelin, chefe da primeira missão. Alegra-me a perspectiva de trabalhar em commun com a officialidade brasileira, pois tenho ouvido de officiaes franceses que estiveram no Brasil, quão rapidamente ella assimila os méthodos militares franceses, imbuindo-se das grandes tradições historicas do nosso exercito. E' com particular prazer que sigo a travar conhecimento com o ministro da guerra do governo brasileiro, General Góes Monteiro, que sempre se tem interessado pelo trabalho da missão militar francesa, e é conhecido entre nossos officiaes como perfeito gentleman que com o maximo interesse serve ao seu paiz".

O embaixador Souza Dantas declarou ao redactor da United Press: "O General Noel segue a mesma linha de conducta do General Gamelin, e asseguro-lhe que elle saberá elevadamente manter o prestigio militar francese junto ao exercito brasileiro. Meu conhecimento pessoal com o General Noel, autoriza-me afirmar que elle vae ser uma figura popular no Brasil. E' tal sua habilidade que, mal comece sua tarefa ficará logo relacionado entre a officialidade brasileira".

O embaixador Hermitte expressou seu contentamento, por haver o governo frances escolhido para a missão, no Brasil, tão selecto grupo de officiaes.

Nasceu o General Noel a 26 de julho de 1880, tendo terminado o curso de Saint Cyr em 1900, para servir no regimento de marinha. Depois de prestar serviços no exercito colonial do Tonkin, Conchinchina, Senegal e Mauretania, entrou para academia de guerra, no posto de primeiro Tenente, em 1911. Promovido a Capitão, foi addido ao estado maior do 15º corpo. Em Julho de 1915, num dos annos mais difficeis da guerra mundial, foi transferido para o estado-maior da 16ª divisão colonial. Em 1916 commandou uma companhia no front, e dahi foi requi-

sitado pelo estado-maior geral dos exercitos franceses, onde serviu ao lado dos grandes chefes até á terminação da luta. Em 1919, por occasião da crise por que passou a Polonia, atacada pelos exercitos sovieticos, serviu no estado-maior dos corpos polacos commandados pelo general Haller, e firmada a paz com Moscou ficou lecionando aos officiaes polacos de estado-maior, na academia de Varsovia. Em 1924 foi promovido a Tenente-Coronel do Estado-Maior da Divisão Colonial, com parada em Aleppo, na Syria, vindo logo a seguir o commando das tropas em operações ao norte deste protectorado. Coronel em 1927, commandou o quarto regimento de atiradores senegaleses, sendo dahi transferido para a chefia do estado-maior das tropas de guarnição na Conchinchina. Em junho de 1933 foi promovido a brigadeiro general, e classificado, no anno passado, no commando da quinta brigada de infanteria colonial, nesta capital, posto em que estava quando foi escolhido para chefiar a missão no Brasil. O General Noel foi por seis vezes citado em ordem do dia do exercito, e é oficial da legião de honra.

LIVRO NOVO

A DEFESA TERRESTRE CONTRA OS AVIÕES EM VOO BAIXO

Cap. SALVATERRA DUTRA.

A ameaça permanente que paira sobre uma tropa que se desloca durante o dia — a de ser atacada pelos aviões inimigos voando a baixa altura — tem levado os technicos a pesquisar os melhores processos para a defesa das mesmas. Varios têm sido os surgidos quer da observação dos factos passados durante a ultima guerra, quer das experiencias de polígonos e manobras nas quaes o problema tem tido a attenção que merece pela sua ligação intima com a segurança da tropa.

Inicialmente foi procurada a solução nos deslocamentos nocturnos subtraindo-se assim a tropa, á investigação aérea e por consequencia aos ataques. Mas, na hora actual, a concepção atrevida de que a aviação não deve dar treguas ás tropas terrestres, intervindo contra as mesmas seja em movimento seja estacionada, metralhando-as, lançando bombas de gazes toxicos, de dia ou de noite, crê um estado de insegurança que provoca uma baixa no potencial moral do combatente, maximé quando se sabe serem estas acções instantâneas fazendo-se sentir num espaço de 10 a 40 segundos.

Para fazer face a esta acção audaciosa do avião qual o processo a adoptar? Si fizermos uma sondagem no passado e tomarmos para região

de nossas pesquisas a grande guerra, veremos ataques que fracassaram em virtude da accão da aviação inimiga e ataques da aviação que não tiveram exito devido á defesa terrestre. Assim, na frente italiana em 21 de agosto de 1917 um ataque austriaco fracassa, pela acção a baixa altura de 30 aviões italianos no momento em que as tropas se lançavam ao assalto; na frente franceza no sector Arras-Amiens de 44 aviões destinados aos ataques terrestres, 10 são abatidos pelos tiros das metralhadoras e fuzis.

Dentro do principio de que o aperfeicoamento do "poder-arma" deve ter como escopo a diminuição do terror e do perigo, de um lado, para os aumentar do outro, somos logicamente levados a procurar na defesa immediata, pelo ataque com metralhadoras e fuzis ordinarios aos aviões voando a baixa altura, a solução para o problema. Nesse dominio, interessantes são as theses que actualmente se defrontam nos exercitos modernos.

E' vantajoso o ataque com metralhadoras, ás tropas terrestres, pelos aviões?

Qual das duas fórmas de ataque é a preferivel, ataque com metralhadoras ou com bombas?

Qual das duas defesas é a mais vantajosa, pelas metralhadoras ou fuzis ordinarios?

Qualquer que seja o modo pelo qual se encare o processo da defesa com projectis, vemos que o mesmo liga-se a uma questão de tiro e por consequencia a uma questão de instrucção daquelles que vão utilizar o armamento, o que obriga a um preparo apurado e a um conhecimento profundo das regras e emprego desse genero de tiro.

Foi sentindo a necessidade imperiosa de iniciarmos nossos metralhadores nesse genero de defesa e o lado pratico da questão que o cap. Salvaterra Dutra acaba de publicar uma monographia a que deu o titulo de "A defesa terrestre contra os aviões em vôo baixo". Nesse opusculo estuda o autor numa primeira parte o corrector de pontaria para o tiro — já fabricado entre nós no Arsenal de Guerra — e o seu modo de applicação; numa segunda, as regras que devem nortear a instrucção nos corpos de tropa, nas diversas condições de tempo e espaço em que deve ser effectuado o tiro, bem como o material para a sua instrucção.

O trabalho apresentado num estylo simples e claro vem facilitar o ensino desse ramo de instrucção.

Gratos pela remessa.

A. B. G.

Boletim Colombóphilo